

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS DO TEXTO**

**Um Desafio para a Leitura do Virtual:
A influência do uso da Internet sobre a produção de textos acadêmicos pelos
estudantes do curso de Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Sergipe**

Por

Tânia Regina Barbosa de Sousa

São Cristóvão

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS DO TEXTO**

**Um Desafio para a Leitura do Virtual:
A influência do uso da Internet sobre a produção de textos acadêmicos pelos
estudantes do curso de Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Sergipe**

Por

Tânia Regina Barbosa de Sousa

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Sergipe,
como requisito para a obtenção do
título de mestre em Letras, sob a
orientação da professora Dr^a. Lílian
Cristina Monteiro França.**

São Cristóvão

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Sousa, Tânia Regina Barbosa de

S725d Um desafio para a leitura do virtual : a influência do uso da internet sobre a produção de textos acadêmicos pelos estudantes do cursode Gestão do Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe / Tânia Regina Barbosa de Sousa. – São Cristóvão, 2011.

99 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Pós- Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Lílian Cristina Monteiro França.

1. Textos - Produção acadêmica. 2. Pesquisa educacional. 3. Internet na educação. I. Título.

CDU 801.82:004

TÂNIA REGINA BARBOSA DE SOUSA

Um Desafio para a Leitura do Virtual:
A influência do uso da Internet sobre a produção de textos acadêmicos pelos estudantes
do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Sergipe, como
requisito para a obtenção do título de
mestre em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Lílian Cristina Monteiro França
Universidade Federal de Sergipe – UFS
1ª examinadora: Orientadora

Profª Drª Denise Porto Cardoso
Universidade Federal de Sergipe – UFS
2ª examinadora

Prof. Dr. Helson Flávio Sobrinho
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
3ª examinador

Profª Drª Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros
Universidade Federal de Sergipe – UFS
1ª suplente

Profª Drª Anne Alilma Silva Souza
Universidade Federal de Sergipe – UFS
2ª suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força em prosseguir mesmo frente a todos os obstáculos.

A meu pai (in memorian), por ter me dado o discernimento suficiente para nunca desistir de lutar pelos meus objetivos. Seus ensinamentos sempre nortearam minha vida.

A minha mãe, por sua presença sempre constante.

A minhas filhas, Mariana e Juliana, que, em sua inocência, deixavam que eu fizesse meu dever de casa.

A Mário, pelo companheirismo e incentivo, por estar sempre disposto a tudo para que eu siga adiante.

A Val, mulher guerreira, pelas horas e pela paciência em me ouvir. O teu apoio foi crucial para o meu sucesso.

A Neide e Daniele, pela união e pelo carinho que somente os amigos sabem nos dar.

A Nazareno e Artur, amigos de todas as horas, sempre seguindo juntos na jornada.

A Liberato, por me fazer acreditar que deveria tentar.

A você, Lílian, que mostrou que um orientador é mais que um professor. A tua calma, a paciência e a sabedoria me fizeram ter calma mesmo quando tudo parecia perdido.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar a influência da internet na produção acadêmica de estudantes do curso de Gestão de Turismo do Instituto Federal de Sergipe - IFS. O objeto deste estudo é o curso de Gestão de Turismo do IFS, especificamente o 1º período acadêmico. A necessidade de realizar este estudo surgiu após verificar que os estudantes de Graduação, de modo geral, utilizam a internet como ferramenta de pesquisa de maneira cada vez mais corriqueira. A leitura tradicional realizada em livros impressos deixa de ser o único meio de pesquisa dos estudantes, que também a fazem através da internet. Os estudantes do curso de Gestão de Turismo do IFS não fogem a esse novo modelo de pesquisa. Dentre seus objetivos, esse curso busca formar pesquisadores. Assim, verificar de que forma a internet influencia essa produção textual acadêmica torna-se imprescindível para que se possa entender essa lenta, mas não desconsiderável, mudança nos paradigmas de leitura e produção textual. A pesquisa baseia-se nos pensamentos estruturalista e pós-estruturalista e suas concepções de texto. Para esta pesquisa, será adotado o estudo de caso, com recursos metodológicos de análise quantitativa e qualitativa, questionários aplicados a esses estudantes, acompanhamento de sua produção textual, a partir da disciplina Produção de Texto Acadêmico e posterior análise de dados, a fim de verificar como esses estudantes assimilam suas pesquisas e, a priori, como consequência, produzam textos coerentes e com significado, sem que sejam somente um mosaico de ideias, tornando o sujeito pesquisador recortado e seus textos sem autoria definida.

Palavras-chave: Educação profissional; teoria do texto; novas tecnologias.

ABSTRACT

This study aims to examine the influence of the Internet in the studies of students of Tourism Management Institute of Sergipe - IFS. The object of this study is the course of Tourism Management IFS, specifically the 1st academic term. The need to undertake this study arose after verifying that the undergraduate students in general, using the Internet as a research tool in an ever more commonplace. The reading took place in traditional printed books no longer the only means of students' research, which also make it through the internet. The students of Tourism Management IFS not out of this new research model. Among its objectives, this course aims to train researchers. So check out how the Internet influences the academic text production becomes essential for us to understand this slow, but not inconsiderable, changing paradigms of reading and writing. The research is based on the thoughts structuralist and poststructuralist and their conceptions of text. For this research, will be adopted the case study with methodological tools for quantitative analysis and qualitative questionnaires to these students, tracking their textual production, from the discipline Production Text and Academic subsequent data analysis, to verify how to assimilate these students and their research, a priori, as a consequence, produce consistent and meaningful texts, but are not only a mosaic of ideas, making the individual researcher and cut their texts without definite authorship.

Keywords: Professional education, text theory, new technologies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES A INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA	16
1.1. Breve histórico do Instituto Federal de Sergipe – IFS.....	16
1.2. Breve histórico do curso de Gestão de Turismo do IFS.....	19
CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SABER TRANSDISCIPLINAR: OS NOVOS PARADIGMAS DE PESQUISA NA ERA DA WEB	24
2.1 O saber transdisciplinar requerido para o enfrentamento dos grandes desafios contemporâneos da humanidade.....	25
2.2 O discurso dominante e a geração do ‘ctrlv’	33
CAPÍTULO 3 – O TEXTO NO ESTRUTURALISMO E NO PÓS- ESTRUTURALISMO	40
3.1 O texto para o estruturalismo de Roland Barthes.....	41
3.2 O texto para o Pós-Estruturalismo de Jonathan Culler.....	48
CAPÍTULO 4 – A COERÊNCIA NO DISCURSO VIRTUAL	55
4.1 Histórico da turma de Gestão de Turismo do IFS.....	55
4.2 Coesão e Coerência textuais: implicações teóricas.....	58
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
LISTA DE SITES CONSULTADOS	98
APÊNDICE	100
ANEXOS	122
Anexo I – Textos escritos pelos estudantes em sala de aula.....	122
Anexo II – Textos postados no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com.....	131
Anexo III – Textos motivadores da produção textual dos estudantes do 1º TGT.....	140

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - LOCAL DE ACESSO - PESSOAS COM 16 ANOS OU MAIS*	32
TABELA 2 – EVASÃO NO CURSO DE TGT.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - EM RELAÇÃO AO LOCAL DE ORIGEM DOS ESTUDANTES DO 1º TGT	57
GRÁFICO 2 - EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO.....	57
GRÁFICO 3 - EM RELAÇÃO AO LOCAL DE ACESSO À INTERNET.....	57
GRÁFICO 4 - EM RELAÇÃO AO LOCAL DE ACESSO À INTERNET.....	57

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea passa por transformações em sua prática nas relações sociais, as quais, em sua maioria, sofrem influência das novas tecnologias como forma determinante no contexto social. Dentre essas tecnologias, a internet é fator cada vez mais central nessa sociedade, por estar presente em praticamente todas as ações tanto no que se refere às relações sociais, através de comunidades virtuais e demais sites de relacionamentos, quanto no meio acadêmico, por ser um dos meios mais utilizados por professores e estudantes para a pesquisa e toda uma série de serviços, e-commerce, acesso a sites governamentais e a informações de relevância para o exercício da cidadania. Assim, analisar de que forma se dá essa nova concepção social é imprescindível para que se entenda esse novo contexto social e acadêmico.

Já não se pode mais negar a influência que a internet exerce sobre o cotidiano de grande parcela da sociedade. Em todo o mundo, segundo o IBOPE, até 2012 serão dois bilhões de usuários de computador; quinhentas mil pessoas com primeiro acesso à internet diariamente e, dentre esses que acessam a internet, 70% a consideram indispensável. No Brasil, ainda segundo pesquisa do IBOPE, em dezembro de 2009, o Brasil registrou 67,5 milhões de internautas com mais de dezesseis anos, colocando o país em quinto lugar em maior número de conexão com a internet. Desses internautas, 87% acessam a rede semanalmente, incluindo-se aí todas as classes: A, B e C. (Disponível em http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php. Acesso em 08 de agosto de 2010).

Com esse crescente aumento dos chamados “conectados”, a pesquisa on-line também cresce; o processo ensino/aprendizagem se modifica e novos desafios são colocados. Segundo MORAN (2001), a Educação a distância vem tomando destaque nas instituições de ensino e novas universidades vêm surgindo tanto no ensino público, como a UNIREDE (e mais recentemente o sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB) quanto na particular, a exemplo da UVB – Universidade Virtual Brasileira (além de grandes grupos como a ULBRA, UNOPAR, UNIP e a UNINOVE).

A partir desse ponto de vista, quando bem aplicada à relação pedagógica, a internet tem despontado como um agente não desprezível de mudança na relação escola

– professor – estudante. O conceito de ensino após o seu surgimento tem passado por constantes transformações no sentido do aperfeiçoamento do aprendizado e de uma maior complementação das atividades de sala de aula. Segundo Rosângela Formentini Caldas (2008):

com a chegada em nosso meio das redes de computadores e da mídia, os estudantes participam e entram em contato com os melhores pesquisadores das diversas áreas do conhecimento a que se tiver interesse específico. Desta maneira, o professor não mais será apenas um propagador do conhecimento, como ocorria anteriormente, mas um incentivador da aprendizagem, gerenciando-a e propiciando uma troca no campo do saber. (Disponível em: <http://br.oocities.com/marilenemarinho/texto.html>. Acesso em 08 de agosto de 2010.)

Pode-se afirmar que a influência do uso da internet sobre a produção de textos acadêmicos é ainda um tema praticamente desconhecido no que diz respeito aos seus reais impactos, embora venha sendo objeto de estudos, debates e alguma polêmica. A realização deste estudo suscitará certamente muitas outras interrogações sobre o assunto. No entanto, apesar das limitações em termos do universo estudado, essa pesquisa pode trazer um conhecimento mais preciso acerca dos efeitos da internet sobre a produção textual acadêmica de estudantes do ensino superior no Brasil, em geral, e em Sergipe, em particular, tendo como *corpus* de estudo o Instituto Federal de Sergipe – IFS, em especial seu curso de Gestão de Turismo. Como um desdobramento da pesquisa, espera-se poder influenciar o desenvolvimento de políticas institucionais por parte do IFS e outras instituições de educação superior no sentido do aprimoramento do uso da internet por parte dos seus estudantes. O certo é que essa tecnologia já não pode mais ser dissociada da pesquisa e da produção de textos dos estudantes. O estudo dessa ferramenta, no entanto, exige cuidado, pois se corre o risco de formar uma geração de “*ctrl c*” (copiar) e “*ctrl v*” (colar), que lê, mas, em termos, não assimila a leitura e, conseqüentemente, não produz textos acadêmicos de qualidade.

Esta pesquisa tem por característica ser exploratória, sob a forma de estudo de caso. Isso se justifica porque estas pesquisas

têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se

dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p. 41)

UNIVERSO, AMOSTRA E COLETA DE DADOS

Esta pesquisa se constitui em um estudo de caso, cujo objetivo foi o de analisar a influência da internet na produção de textos acadêmicos dos alunos de Gestão de Turismo - TGT do Instituto Federal de Sergipe – IFS, por ter como um de seus objetivos a formação de pesquisadores. Do universo desse curso, foi escolhido o 1º período, cujo ingresso se deu em 2010/2, momento em que os estudantes têm contato com a metodologia da pesquisa e inicia sua produção textual acadêmica.

Para melhor apresentar os processos metodológicos realizados durante a análise dos dados, foram organizados dois tipos de abordagem nos quais se evidenciaram as etapas e procedimentos cumpridos na abordagem qualitativa bem como na quantitativa. Dessa forma, temos:

1. Abordagem Qualitativa

Linhas gerais: Análise de oito textos impressos e oito textos postados no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com, todos dos mesmos autores. Os primeiros tiveram como tema “O desafio de conviver com as diferenças” e os segundos, “Desenvolvimento e preservação: como conciliar os interesses em conflito?”. Para a escrita dos textos em sala, foram fornecidos aos alunos 4 textos: 02 em forma de poesia e 02 em forma de prosa, todos abordando o mesmo tema, a fim de que pudessem embasar sua escrita de diferentes formas. Todos os textos foram discutidos em sala e os estudantes puderam argumentar oralmente sobre o tema proposto antes da escritura final.

Os principais pontos da pré-análise são a leitura *flutuante* (primeiras leituras de contato os textos), a escolha dos documentos (no caso os relatos transcritos), a formulação das hipóteses e objetivos (relacionados com a disciplina), e a preparação do material. Por isso, todos os textos redigidos em sala de aula foram armazenados e os comentários se deram através de cópias entre os estudantes. Já a última fase, do tratamento e inferência à interpretação, permite que os conteúdos recolhidos se constituam em dados quantitativos e/ou análises reflexivas, em observações individuais e gerais das análises textuais. Retirei os fragmentos mais significativos

dos textos escritos em sala de aula e dos postados no blogdosalunosdegestaodoifs, a fim de verificar a influência que a internet exerce na escritura dos estudantes. Foram analisadas as seguintes categorias na produção textual dos estudantes do 1º TGT do IFS:

1. Apresentação do tema e discussão sobre as possibilidades argumentativas.
2. Dificuldades encontradas pelos estudantes para o desenvolvimento do tema.
3. Procedimentos para superação das dificuldades.
4. Apresentação de textos com o mesmo tema, com discussões sobre eles.
5. Discussão sobre as formas de se redigir um texto argumentativo.
6. Escritura final do texto.
7. Comentários sobre os textos escritos pelos estudantes.

2. Abordagem Quantitativa

Linhas gerais: Aplicação de questionários aos estudantes do 1º TGT, a fim de que fosse verificado seu perfil. Esses questionários abordaram a naturalidade do estudante, sua idade, trabalho, nível escolar e acesso à internet. Os questionários foram aplicados no mês de outubro de 2010 e constaram de 10 perguntas, sendo cinco objetivas, cada um com respostas de múltipla escolha e cinco subjetivas, porém, permitindo somente breves respostas dissertativas, para que os dados obtidos fossem precisos. Como o 1º TGT é uma turma composta por estudantes que obtiveram média suficiente no ENEM, partiu-se do pressuposto de que seriam escritores sem graves equívocos redacionais, por isso me detive na observação de origem, para que pudéssemos discutir os temas propostos sob várias visões regionais; idade, para verificar se todos eram adultos ou ainda em fase de construção de identidade; trabalho, para observar se já possuíam contato com o mundo do trabalho e acesso à internet, além de verificar se esses estudantes enfrentariam maiores problemas na pesquisa on line e posterior postagem no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com.

Após a escritura dos textos em sala, foram escolhidos oito de forma aleatória, para que não fossem deixadas marcas do pesquisador nessa escolha, já que as aulas de produção de texto foram ministradas nessa turma durante o período de análise. Os textos postados no blog foram escolhidos de acordo com a autoria dos textos redigidos em sala. A fim de preservar a identidade dos autores, neste trabalho os

textos serão apresentados sob a forma de números, de I a VIII, ocultando, então, o nome dos autores. O mesmo procedimento se dá na análise dos textos virtuais.

Isto posto, pode-se dizer, também, que esta pesquisa aborda a *análise de conteúdo* (SEVERINO, 2007), por ter como objeto final a análise dos textos escritos pelos estudantes do 1º TGT do IFS. Essa análise

envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus comportamentos psicossociais. (SEVERINO, 2007, P. 121)

Busca-se com essa análise o significado dessas escrituras no que tange aos aspectos coesivos e de coerência, além de analisar de que forma a internet influencia na pesquisa e escritura de textos dos estudantes, por terem nessa tecnologia uma das formas mais buscadas de pesquisa acadêmica.

Como professora de Língua Portuguesa, tenho acompanhado essa transformação no pensar do docente e do educando em relação à pesquisa e à leitura e, como consequência, na produção textual acadêmica desse estudante que, no novo contexto educacional advindo com a internet e com as TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação, pesquisa tanto no livro impresso quanto on-line, a fim de adquirir subsídios para a sua produção textual acadêmica. Isto posto, surge a necessidade de verificar como se dá essa pesquisa do estudante de graduação a partir dessa nova ferramenta de pesquisa que norteia a sua produção textual.

No universo desta pesquisa, serão apresentados os capítulos que norteiam o referencial teórico e a justificativa para a escolha do curso de Gestão de Turismo do IFS como *corpus* da pesquisa, os procedimentos metodológicos e a pesquisa de campo.

No primeiro capítulo, é feito um histórico da educação profissional em Sergipe, desde a Escola de Aprendizes Artífices a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, e sua política educacional, para então chegar ao curso objeto deste estudo: Gestão de Turismo do Instituto Federal de Sergipe, a fim de proporcionar ao leitor um entendimento da educação profissional em Sergipe e suas transformações.

O segundo capítulo trata do grande desafio imposto à sociedade contemporânea: a valorização das culturas e saberes locais e a sua contextualização com os saberes globais. Nesse ínterim, não se pode deixar de analisar a globalização e a internet como ferramentas inseridas nesse processo de possível democratização do conhecimento e valorização da cultura de cada sociedade na contemporaneidade, partindo-se do princípio de que propiciam a toda a sociedade contemporânea a assimilação do conhecimento global de forma instantânea. Além disso, busca-se analisar os sítios de busca da internet como ferramenta de exclusão/inclusão entre estudantes que fazem suas pesquisas acadêmicas na rede, já que, em tese, a internet não é mais restrita a poucos, pois, via de regra, abrange estudantes de todas as classes sociais e propicia tanto o desenvolvimento pessoal quanto coletivo, haja vista que os sítios de comunidades e salas de bate-papo estão repletos desses participantes de diversas classes sociais, o que mostra que a internet, hoje, já pode ser vista como fator de inclusão social entre os estudantes de graduação.

No terceiro capítulo, são feitas algumas reflexões sobre o conceito de texto para as correntes Estruturalista e Pós-estruturalista, a partir do pensamento de Roland Barthes e Jonathan Culler, através da análise das obras *O Prazer do texto*¹ e *Sobre a desconstrução*².

O quarto capítulo objetiva analisar os textos redigidos pelos estudantes de Gestão de Turismo do IFS, analisando-os morfológica, sintática e semanticamente, a partir da produção textual realizada em sala de aula e das postagens no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com, criado para esses estudantes, os quais estão repletos de participantes que postam textos os mais variados possíveis. Este capítulo representa a pesquisa de campo desta pesquisa.

¹ Barthes, embora estruturalista, se vê entremeadado por concepções pós-estruturalistas nessa obra (2008).

² Para este estudo, será analisado o capítulo 2 “A desconstrução” (1997).

CAPÍTULO 1 – DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES A INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

1.1 Breve histórico do Instituto Federal de Sergipe – IFS³

Ao final do século XIX, a valorização do açúcar no Brasil foi favorável ao crescimento da economia sergipana. Surgem, nessa época, várias usinas de açúcar e indústrias de tecido em todo o Estado e a então capital passa por um período de desenvolvimento populacional e de urbanização. Essas mudanças refletem-se na educação, e Sergipe se enquadra na tendência nacional de implantação de ensino profissionalizante.

Como consequência, foi criada a *Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe* pelo Decreto Presidencial nº 7566, de 20 de setembro de 1909, cujo funcionamento se efetiva em 1º de maio de 1911, oferecendo o ensino primário com os cursos de Letras e Desenho, enfocando a cultura geral. No seu início, a Escola habilitava os filhos das classes desfavorecidas, para que contribuíssem financeiramente com sua família.

No início do século XX, a economia começa a se diversificar com a implantação de unidade de processamento de coco, considerada pioneira no Brasil. O ensino, no entanto, não sofre mudanças. Os cursos oferecidos nesse período tinham baixos índices de matrícula e eram alvo de preconceito das camadas populares que se supunha interessadas, por serem oferecidos com a finalidade de trabalho manual, o que era considerado tarefa de escravos. Somente a partir da década de vinte os cursos passam a atender à procura específica de alguns segmentos, como a indústria e o comércio, em decorrência do crescimento da capital sergipana.

Na década de 30, a *Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe* passa a denominar-se *Liceu Industrial de Aracaju*, e, posteriormente, Escola Técnica Federal de Sergipe.

O acordo firmado entre o *Ministério da Educação* e o *Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID*, no ano de 1983 marcou política e financeiramente a vida da Escola Técnica. Desse acordo resultou, além da modernização de suas dependências, a construção da *Unidade Descentralizada de Lagarto*. Novamente outro convênio

³ Os dados históricos apresentados neste capítulo foram compilados a partir do projeto de implantação do curso de Saneamento ambiental, quando da transição de Escola Técnica Federal para Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (2002). As demais fontes foram citadas na bibliografia.

firmado entre o Ministério da Educação e o BID vem beneficiar ações para a melhoria da qualidade do ensino técnico: o Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP. Com recursos oriundos desse Programa, a *Escola Técnica de Sergipe* obteve condições de modernizar instalações, adquirir novos equipamentos, expandir e capacitar seus docentes em relação ao desenvolvimento tecnológico.

A *Escola Técnica Federal de Sergipe* oferecia cursos de educação profissional de nível básico, qualificando, em média, 1200 pessoas por ano. A partir de 1997, para atendimento ao Decreto nº 2.208, a ETFSE passa a oferecer a educação profissional de nível médio. As programações pedagógicas desse nível de ensino articulam-se com as novas demandas do mundo contemporâneo, através de um currículo organizado e desenvolvido assentado nos princípios da flexibilidade, interdisciplinaridade e contextualização. A nova proposta curricular do Ensino Médio tem como pressuposto a preparação básica para o trabalho, para o exercício da cidadania, em vista a preparação de um sujeito produtivo e intelectualmente autônomo.

Em 01 de outubro de 2004, através do Decreto nº 5.224, as Escolas Técnicas Federais transformam-se em Centros Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, com a finalidade de

formar e qualificar profissionais no âmbito da educação tecnológica, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia, bem como realizar pesquisa aplicada e promover o desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade, especialmente de abrangência local e regional, oferecendo mecanismos para a educação continuada (Decreto 5.224, de 01 de outubro de 2004, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm Acesso em 05 de maio de 2010).

Dentre seus objetivos, estão a oferta de ensino superior de graduação e de pós-graduação na área tecnológica e a formação especializada em todos os níveis de ensino, levando em consideração as tendências do setor produtivo e do desenvolvimento tecnológico, além da realização de pesquisas aplicadas e prestação de serviços.

Em 2008, através da Lei nº 11. 892, de 29 de dezembro de 2008, são criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia a partir da fusão das Escolas Agrotécnicas Federais e os Centros Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Dentre as finalidades e objetivos dos Institutos Federais, temos:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais. Dos objetivos: Realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade; Desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos; Estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e Ministrando em nível de educação superior (Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, Seção II Das Finalidades e Características dos Institutos Federais; Seção III Dos Objetivos dos Institutos Federais. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20072010/2008/lei/11892.htm. Acesso em 05 de maio de 2010).

O *Instituto Federal de Sergipe*, doravante denominado IFS, é composto pelos campi Aracaju, Lagarto e São Cristóvão, todos em funcionamento, além dos campi Itabaiana, Estância e Nossa Senhora da Glória, em fase de implantação. Nesse novo contexto, o curso de Engenharia de Produção Civil e Agroecologia passam a ser ofertados aos estudantes nos campi Aracaju e São Cristóvão.

O público que hoje ingressa no IFS já não é mais o formado somente por filhos da classe menos favorecida social e financeiramente. Temos uma realidade pautada na pluralidade social, em que tanto os filhos de classes menos favorecidas quanto os oriundos de famílias de classe média ingressam mediante processo seletivo promovido pelo próprio IFS. Já Os alunos que pleiteiam uma vaga nos cursos superiores são selecionados mediante aprovação no Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, cuja coordenação e aplicação de provas é de responsabilidade do Ministério da Educação e Cultura – MEC. O IFS recebe a listagem de aprovados do próprio MEC e somente efetiva as matrículas. Essa modalidade de ingresso será abordada de forma mais detalhada no capítulo V.

1.2. Breve histórico do curso de Gestão de Turismo do IFS

Acompanho essa transformação tanto no ingresso quanto na própria vida acadêmica do Instituto desde 1995, quando ingressei através de concurso público para o cargo de professora de Língua Portuguesa na então *Escola Técnica Federal de Sergipe*. Em 2002, passei a coordenar as provas desse ingresso dos estudantes e trabalhei na comissão de correção das redações do vestibular. Pude, então, perceber a mudança no paradigma de ingresso, do público que pleiteia uma vaga em um dos nossos cursos de graduação e da forma como os docentes e estudantes se adequam às transformações do mundo do trabalho e às exigências que essas mudanças acarretam.

Ministrei aulas de Produção de Texto no curso de Gestão de Turismo desde a implantação, ou seja, desde antes da reformulação do projeto do curso. Percebi que os estudantes realizam suas pesquisas tanto em livros impressos quanto na internet⁴ e essas pesquisas orientam não só os trabalhos de disciplinas, mas também seu trabalho final de curso. Percebi, também, enquanto professora de Produção de Textos, que essas leituras, as quais deveriam ser paradigmáticas de produção de textos acadêmicos, passam a ser apenas uma fonte de cópias de trechos de autores e posterior colagem de vários pensamentos e estudos, formando um texto sem coerência nem autoria definida.

Dessa forma, busco um estudo que problematize o conceito clássico de produção de texto como processo indissociável da leitura, ao examinar os efeitos do uso da internet, enquanto fonte principal de informação, para a escrita acadêmica dos estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do IFS, doravante denominado TGT. Tomo por base que, ao longo dos últimos anos, os estudantes do TGT têm usado a internet como fonte de informação para a sua produção textual e, atualmente, abandonaram quase por completo os métodos clássicos de pesquisa caracterizados pela leitura de livros, literatura especializada e relatórios científicos impressos em papel e utilizam-se da internet enquanto fonte de leitura para a produção dos seus escritos acadêmicos. Esta leitura feita à velocidade dos bits de informação que se sucedem instantaneamente na tela do computador, na maioria dos casos, não se traduz no aprimoramento da reflexão, assimilação e senso crítico característicos da leitura clássica.

⁴ Será utilizado o termo internet como sinônimo de rede mundial de computadores, em função da popularização do termo.

A pesquisa em sites da internet, em mãos competentes, é um poderoso instrumento de trabalho acadêmico. No entanto, para a grande maioria dos estudantes do TGT, a prática de ‘copiar’ e ‘colar’ camufla a ausência da leitura crítica e reflexiva, essencial para a produção de textos acadêmicos de qualidade. A leitura clássica ainda não pode ser substituída pela leitura feita na Internet sem que prejudique a formação educacional e profissional dos estudantes do TGT.

O IFS oferta o TGT para a comunidade em geral. O estudante que ali ingressa já trabalhou conceitos gramaticais nos Ensinos Fundamental e Médio por meio das aulas de Língua Portuguesa, algo que, em tese, ele conhece e domina: a sua língua materna. Entretanto, a vivência em sala de aula tem mostrado as dificuldades que os estudantes têm com a leitura, o que se reflete em uma escrita acadêmica deficiente. Esse problema relaciona-se com o fenômeno descrito por certos estudiosos como “seletividade informativa”, situação em que o leitor contemporâneo não só realiza a leitura clássica de material impresso em papel, como também é diariamente “bombardeado” por um grande número de informações que lhe chegam através dos novos meios de comunicação. Assim, é preciso entender o significado desse tão variado e complexo mosaico de informações para a leitura e produção de textos acadêmicos por parte dos estudantes do TGT, verificando a influência do uso da internet para a sua produção textual acadêmica.

Em estudo preliminar realizado por mim com os estudantes do TGT de 1º e 5º períodos, ficou explicitado que esses estudantes produzem textos repletos de significantes sem o significado necessário para o entendimento da ideia subjacente à sua produção textual acadêmica. Entre outros problemas linguísticos apresentados pelos estudantes do TGT, foi possível detectar os seguintes: escasso vocabulário, problemas de ortografia e de organização de períodos e frases, além da ausência de coesão e coerência textuais.

As dificuldades e/ou facilidades em que a transmissão do pensamento se coloca são explícitas quando os estudantes do TGT manejam a palavra escrita e a oral. O estudo da leitura/produção textual foi priorizado neste estudo, pois esse processo representa um papel relevante na integração do indivíduo com a sociedade, uma vez que se lê pouco no Brasil, conforme afirma o pesquisador João Gabriel de Lima (Veja, 2001. Ed. 1725, p. 104). Segundo ele, o mais recente estudo realizado pela *Câmara Brasileira do Livro* mostrou que a média anual de leitura dos brasileiros é de apenas 1,2

livro. Para ele, “não cultivar a leitura é um desastre para quem deseja expressar-se bem. Ela é condição essencial para melhorar a linguagem oral e escrita”.

A Biblioteca Central do IFS conta com diversos terminais de computadores à disposição exclusiva dos estudantes da escola. Em breve, essa infra-estrutura será ampliada com a construção e o aparelhamento de mais laboratórios equipados com computadores com acesso à internet. A facilidade com que os estudantes acessam a internet, seja em casa, na escola ou no trabalho, fez com que o seu uso se generalizasse. O uso dessa nova tecnologia parece ter transformado de modo significativo os hábitos de leitura, modelos de pesquisa e produção de textos acadêmicos por grande parte dos estudantes.

A filosofia e conteúdo programático do TGT adequam-se às normas estabelecidas pelo *Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia/MEC* (2008). O curso oferecido pelo IFS tem a duração de três anos e tem por objetivo formar tecnólogos gestores em turismo capazes de:

contribuir com o desenvolvimento sustentável do turismo, contextualizando os impactos que o turismo gera nos territórios, atuando de forma a integrar a comunidade nesse processo para que se sustente e permita a melhoria das condições de vida da população que recebe os visitantes, valorizando sua identidade local. (*Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo*. IFS, 2008, p.4)

Em termos das habilidades relacionadas à leitura, pesquisa e produção textual, o gestor de turismo deverá realizar inventários turísticos; liderar equipes multidisciplinares para o planejamento e desenvolvimento de atividades turísticas; participar de equipes para desenvolver estudos de impacto ambiental; planejar produtos turísticos; e colaborar na elaboração de planos de manejo ou planos de gestão em unidades de conservação (*Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo*. IFS, 2008, p.4). Neste sentido, o projeto pedagógico do curso pressupõe que o gestor de turismo estará capacitado a planejar roteiros; planejar ações administrativas em turismo; planejar e dar consultorias a empresas públicas e privadas do turismo; desenvolver atividades e programas de educação ambiental; e ser pesquisador (*Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo*. IFS, 2008, p.5).

Para atingir tais objetivos, o currículo do curso conta com uma ampla e variada estrutura curricular que inclui as seguintes disciplinas do conhecimento: metodologia; ecologia; administração; filosofia; geografia; gestão; antropologia; economia; educação; sociologia; planejamento; legislação; língua estrangeira (inglês e espanhol); política; marketing; contabilidade; estatística; psicologia, e matérias específicas de turismo (*Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo*. IFS, 2008, p.8-10). Muitas das disciplinas destas áreas pressupõem a leitura e a pesquisa como fundamentos para a produção de textos com qualidade acadêmica.

Além dessas disciplinas, os estudantes do curso estudam português instrumental no 1º e 5º períodos sob o nome de “Leitura e produção de textos” e “Produção de textos acadêmicos”, respectivamente. A disciplina “Leitura e produção de textos” tem como objetivo principal promover a compreensão do processo da comunicação escrita, enfatizando os mecanismos da organização textual em suas diversas expressões. Para atender a esta exigência, a disciplina aborda a linguagem escrita nas suas diversas formas e estruturas, bem como as variações linguísticas e as linguagens técnica, científica e administrativa (*Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo*. IFS, 2008, Anexo 1 – Ementário das disciplinas do 1º período). A disciplina “Produção de textos acadêmicos”, por sua vez, objetiva oferecer a compreensão do processo de produção de textos acadêmicos, dando ênfase à objetividade e à criatividade. Para tanto, estabelece os conceitos e normas exigidos pela produção de textos acadêmicos. Neste sentido, estuda-se a tipologia textual e os elementos estruturais do texto.

Como se pode ver pela organização curricular do curso, a disciplina oferecida no 1º período visa oferecer aos estudantes uma formação geral e as ferramentas básicas da língua portuguesa, necessárias para o discernimento entre os diversos níveis da produção textual, seja ela acadêmica ou de qualquer outra natureza. Já a disciplina oferecida no 5º período tem finalidades claramente instrumentais, pois tem por objetivo preparar o estudante para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (6º período). Vale salientar, no entanto, que o trabalho de acompanhamento dos estudantes por parte dos professores de língua portuguesa não se limita ao espaço da sala de aula nem a estas duas disciplinas regulamentares.

Durante todo o curso, os estudantes são instruídos pelos demais professores a procurar a ajuda dos professores de português para consulta sobre seus trabalhos acadêmicos. Esses trabalhos são então corrigidos em seus aspectos gramaticais e estilísticos. Posteriormente, as correções são discutidas em reuniões individuais. Como resultado, pode-se observar uma progressão na produção textual de grande parte dos estudantes entre os dois períodos. No entanto, os textos produzidos pelos estudantes do IFS, em geral, e pelos do TGT, em particular, sofrem influência da linguagem da internet, como já ficou demonstrado por outros estudos que discutem o fenômeno (GORETTI E CARDOSO, 2008).

CAPÍTULO 2 - SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SABER TRANSDISCIPLINAR: OS NOVOS PARADIGMAS DE PESQUISA NA ERA DA WEB.

Tempo virá em que uma palavra que cair do bico da pena daí a uma hora correrá o universo por uma rede imensa de caminhos de ferro e de barcos de vapor, falando por milhões de bocas, reproduzindo-se infinitamente como as folhas de uma grande árvore. Esta árvore é a liberdade; a liberdade de imprensa, que há de existir sempre, porque é a liberdade do pensamento e da consciência, sem a qual o homem não existe; porque é o direito de queixa e de defesa, que não se pode recusar a ninguém". (José de Alencar, 1854)

O advento da internet como ferramenta de estudo, pesquisa ou mesmo de momentos de lazer muda a concepção de sociedade, haja vista que, na contemporaneidade, a sociedade mantém uma possível relação de dependência com essa tecnologia. A pesquisa, antes realizada somente em livros impressos, agora se vê permeada por bibliotecas virtuais, sítios de busca e e-books entre outros, nos quais o pesquisador tem acesso a várias obras sem que seja necessário folhear páginas de vários livros. Essa possível democratização do conhecimento transforma a sociedade, por ser importante meio para o seu desenvolvimento.

A escrita e a leitura evoluíram do papiro ao pergaminho, em virtude da necessidade de perpetuar essas atividades. Com a Idade Moderna e o surgimento da imprensa, a sociedade pôde enfim ter acesso aos livros, antes restrito às classes privilegiadas. Na contemporaneidade, a leitura e a escrita evoluem à virtualidade, nova possibilidade do pesquisador moderno. Tem-se um redimensionamento da pesquisa e da velocidade com que se tem acesso às informações, além da redução da distância geográfica entre os homens.

Ao se pensar em contemporaneidade, há que se pensar, também, em globalização, em comunicação virtual, em discurso virtual como forma de aproximação entre os homens, como nova forma de discurso do ser social. As novas tecnologias, sem dúvida, estão inseridas na contemporaneidade. Dentre essas novas tecnologias, a internet surgiu como ferramenta de possível democratização do conhecimento, para tirar

o homem do isolamento que se criou com o advento da modernidade. Com ela, o homem deixou de ser fragmentado, as relações se estreitaram, as relações humanas se modificaram. Com o advento da internet, pensada e criada pelo homem, pelo *homo faber* (ARENDR,1981) , transforma-se o sujeito, e o conhecimento também não deve ser mais visto como antes. A pesquisa e a leitura, antes somente em livros impressos, passam a ser mais democráticas, haja vista que o sujeito pesquisador não precisa mais ter um livro impresso à mão para realizar sua pesquisa e ter acesso aos mais diversos pesquisadores sobre determinado assunto.

Essa ferramenta de pesquisa e interação social contribui para a construção dessa sociedade nova e complexa e para a sua democracia cognitiva à medida que mostra a transformação desse sujeito, da própria pesquisa e de todos os benefícios, além das implicações dessa interação da leitura impressa com a leitura virtual realizada pelo pesquisador atual. Ademais, integra-se nessa concepção de contemporaneidade, pelo fato de que o leitor contemporâneo não só realiza a leitura clássica de material impresso em papel, como também é diariamente bombardeado por um grande número de informações que lhe chegam através dos novos meios de comunicação, principalmente pela internet. A medida em que a valorização de cada saber é considerada no contexto global é o objetivo central deste capítulo, a fim de que se perceba como se dá esse processo.

2.1 O saber transdisciplinar requerido para o enfrentamento dos grandes desafios contemporâneos da humanidade

A sociedade contemporânea tem um novo desafio para a educação: valorizar todas as culturas em função do contexto global. Mas pensar essa relação leva-nos a pensar, também, na relação de dominação e, nessa concepção, o saber científico é determinante da relação de poder. Todos os conhecimentos transmitidos pela escola refletem o pensamento de dominação; toda a história é contada sempre pelo vencedor e não pelo vencido, a despeito do nosso “descobrimento”. Até os idiomas estudados são reflexos da dominação, em detrimento da cultura local. É a “lógica da dominação” (MORIN, 2000), a qual tem de um lado os ditadores e, de outro, o povo, que aceita essa submissão, e onde há a submissão inexistente a iniciativa, a liberdade e a autonomia.

Os conhecimentos reconhecidos como parte da cultura dominante, e inclua-se aí o conhecimento científico, são determinados e a eles é atribuído caráter universal: é a

dominação cultural imposta pela globalização. Mas quem atribui a esses conhecimentos o caráter universal? Como se pensar em sociedade livre, formada por sujeitos, indivíduos e não em somente objetos que incorporam esses conhecimentos aniquilando os seus próprios? Para Morin,

Na relação sujeito-objeto, subjetividade-objetividade há uma inseparabilidade. O conhecimento objetivo necessita do sujeito, da interação subjetiva e também das estruturas mentais do sujeito. O conhecimento não é um espelho, uma fotografia da realidade. O conhecimento é sempre tradução e reconstrução do mundo exterior e permite um ponto de vista crítico sobre o próprio conhecimento. (MORIN, 2000, p. 53).

Compartilhar o conhecimento científico, desfazendo a sua fragmentação é um dos desafios do homem contemporâneo. É nessa concepção que o homem se torna um ser social e não está sujeito ao comando do outro e também não comanda. Não domina nem é submisso. Segundo Arendt,

Neste particular, pouco importa se uma nação se compõe de homens iguais ou desiguais, pois a sociedade exige sempre que os seus membros ajam como se fossem membros de uma enorme família dotada apenas de uma opinião e de um único interesse. (ARENDDT, 1991, p. 49)

A Reforma Protestante, a invenção do telescópio e a descoberta da América determinaram o caráter da era moderna, transformaram a sociedade e continuam a desenvolver-se até hoje. A Reforma mudou a concepção de acúmulo de riqueza social. O telescópio permitiu uma nova ciência, a qual percebeu a Terra do ponto de vista do espaço, mas não foi a sua invenção somente que determinou a era moderna, e sim a sua aplicação:

O que Galileu fez e que ninguém havia feito antes foi usar o telescópio de tal modo que os segredos do universo foram revelados à cognição humana 'com a certeza da percepção sensorial'; isto é, colocou diante da criatura presa à Terra e dos sentidos presos ao corpo aquilo que parecia destinado a ficar para sempre fora do seu alcance e, na melhor das hipóteses, aberto às incertezas da especulação e da imaginação (ARENDDT, 1991, p. 272).

A descoberta da América possibilitou a descoberta de novos continentes, estreitando as distâncias antes desconhecidas do homem, modificando a sua concepção de mundo. Esse estreitamento se viu mais completo com as ferrovias, navios a vapor e, dentre esses, o mais determinante desse estreitamento: o avião. Materialmente, não há mais distâncias que não possam ser percorridas nem espaço a ser alcançado. A invenção do telescópio permitiu ao homem alcançar o inalcançável – o espaço, e determinou o curso de outros eventos que deram início à era moderna e a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. As grandes navegações desencadearam a finitude de todos os espaços geográficos da Terra. Tudo isso só foi possível por ter o homem, o *homo faber* produzido objetos e técnicas duráveis, partilhando seu saber e fabrico com outros homens: é a condição humana da ação, exclusiva do homem, sua condição de pluralidade, de ser social por natureza.

Essa condição humana (ARENDT, 1991), a ação, é social, característica da esfera pública e difere da esfera privada humana, cujo centro é a família. É a atividade política, constituinte, segundo Aristóteles, do *bios politikos*: a ação e o discurso, a utilização de palavras adequadas no momento correto. Público é tudo o que tem a maior divulgação possível e pode ser visto e ouvido por todos, os quais veem e ouvem de ângulos diferentes, e

somente quando as coisas podem ser vistas e ouvidas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna. (ARENDT, 1991, p. 67)

Essa perspectiva de público, de diversidade, em que todos estão interessados no mesmo objeto, não obstante a diversidade de perspectivas, é crucial para o mundo comum, aquele que torna o homem capaz de discernir sobre essa pluralidade restringida, ou por que não dizer aniquilada, quando todos passam a se comportar como membros de uma mesma família. Nesse caso, o homem se torna privado, recua à esfera privada, regulamentada na família e submissa a um chefe, na qual deixa de ouvir e ser ouvido pelos outros. Ver o mundo somente sob um aspecto é a aniquilação da ação humana.

É preciso que se estabeleça essa conexão entre a era moderna e a contemporaneidade, a fim de que se perceba o modo como o pensamento do homem vem se transformando, assim como se transforma a sua articulação social. A sociedade

contemporânea é fruto dessas transformações sociais e políticas e vem permeada de um avanço científico jamais visto. Nessa nova sociedade, a globalização permite que o mundo se integre em todos os seus aspectos, sejam sociais, econômicos ou comerciais e são as novas tecnologias que consolidam a nova visão de sociedade. Dentre essas tecnologias, a internet é o meio pelo qual o homem pode ver democratizado o seu conhecimento e perceber todos os aspectos de um estudo científico simplesmente estando à frente de um computador.

Neste início de século, a humanidade vê-se frente a uma nova forma de pensar e relacionar-se cada vez mais arraigada ao seu cotidiano e que transforma toda a concepção existente de sociedade. O próprio conhecimento científico se modificou nos últimos tempos, mas ainda

vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos deixado ainda de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser (SOUSA, 1988, p.1).

Nesse contexto, a transição do mundo moderno para o contemporâneo causa ainda receio, talvez pela velocidade com que percebemos a transformação da sociedade e a ânsia de conhecer o novo colocado ao homem. Sousa (1988) replica uma pergunta feita por Rousseau sobre a existência de justificativa para substituímos o conhecimento vulgar pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria. Esse talvez seja o grande problema do conhecimento científico e objeto deste capítulo: o detrimento dos saberes locais em função dos saberes globais impostos por poucos, que se apropriam do direito de impor aquilo que deve ser considerado verdade. A pergunta feita por Rousseau nos idos de 1750 é perfeitamente atual nesse período de transição científica que estamos vivendo em pleno século XXI, arraigado de questionamentos oriundos do passado e ainda sem solução. Nesse momento,

estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento tido como ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso. (SOUSA, 1988, p. 2)

O paradigma dominante que se consolidou no século XIX e veio se desenhando desde o século XVI é um modelo totalitário, global, que desconsidera todo conhecimento que não siga suas regras metodológicas. Por privilegiar a causa formal, aquela que objetiva somente o modo de funcionamento das coisas, desconsidera tudo o que o senso comum conhece, ou seja, quem age e com qual fim o faz. Esse paradigma hoje está em crise irreversível, e dá lugar ao paradigma emergente, que considera o conhecimento local, refutando o que Sousa (1988) considera como dilema da ciência moderna: reprimir a transposição das fronteiras das disciplinas, fazendo do cientista “um ignorante especializado”. Mas tem-se também o problema de se corrigir essa parcelização do conhecimento, haja vista serem criadas disciplinas para resolver os problemas das antigas, entretanto há apenas a reprodução do modelo refutado.

No paradigma dominante isso não tem solução, daí a sua decadência. No emergente, todo conhecimento é global, mas também local, incentivando o deslocamento das teorias locais para outros campos da cognição, a fim de serem utilizadas fora de seu contexto original, a despeito das estratégias metodológicas da antropologia cultural e social e da sociologia. A primeira tem uma grande distância entre sujeito e objeto. Nela o sujeito é o homem civilizado europeu e o objeto, o povo primitivo, mas essa distância foi encurtada a partir de metodologias que aproximavam o objeto do estudo científico. A segunda, por sua vez, extinguiu essa distância entre sujeito e objeto. O estudo científico deixa de ser visto do ponto de vista da análise do civilizado e do selvagem, mas de europeus e seus concidadãos.

Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e colectivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos. (SOUSA, 1988, p. 20)

As ciências têm progredido como nunca visto, mas está arraigada de conflitos. Tanto nas ciências como na política, deve haver democracia e a aceitação da extinção de um pensamento em benefício de outro mais pertinente naquele momento. Tanto em uma quanto em outra, é necessário que se preserve a diversidade, como forma de se

democratizar tanto os saberes científicos quanto as relações políticas das sociedades. A coletividade não pode ser deixada de lado em função de uns poucos que detêm o saber. A ciência hoje vem recebendo cada vez mais intervenção do dinheiro e se tornando muito especializada e também muito burocrática, deixando o conjunto de lado; não há julgamento de valor quando decidem o que é suficiente para resolver questões éticas. É a tomada de decisão a partir de uma visão unilateral, a exemplo da eutanásia, grande polêmica social.

Parece haver um consenso entre os pesquisadores no que tange à valorização do saber local, do senso comum no conhecimento científico, que está cada vez mais formalizado, hermético não só para a maioria dos cidadãos mantendo a sociedade como um todo a distância, mas também dos especialistas entre si. Todo esse pensamento foi perfeitamente colocado por Terena⁵ na sua fala sobre a valorização do saber local de seu povo:

A minha mensagem para vocês é no sentido de perguntar: o que aconteceu com o conhecimento indígena? Para onde foi essa sabedoria? E daqui para a frente, nós, os índios, não vamos poder proteger por tanto tempo esse patrimônio. Vocês também são responsáveis por isso e nós, os índios, queremos uma aliança com vocês para proteger esse conhecimento, este patrimônio, reverter tudo isso para o bem-estar da humanidade. Sabem por quê? Porque os nossos velhos dizem: tudo o que fazemos estamos construindo alguma coisa, até mesmo para as pessoas que não nasceram, que vão nascer um dia. Tudo o que construímos hoje vai recair sobre os seres humanos futuros. (MORIN, 2000, p. 21-22)

A sociedade contemporânea é permeada pela globalização como fator determinante das relações sociais e econômicas, determinando um novo modo de integração entre os povos. Com ela, o homem tem acesso às mais diversas tecnologias mundiais, e, dentre elas, a internet, utilizada para democratizar esse conhecimento científico tão parcelado, que exclui toda a cultura da sociedade em detrimento do que a ciência julga correto. Mas esses eventos transformaram o conhecimento como reprodutor do pensamento dominante, determinado pela academia, mas que exclui o saber social. É urgente que se repense de que forma o novo pesquisador da contemporaneidade poderá romper esse paradigma moderno da pesquisa e buscar a valorização deixada de lado. Se por um lado a internet democratiza esse conhecimento,

⁵ Índio e professor brasileiro que participou da mesa redonda sobre ideias sustentáveis com Edgar Morin em 10.06.1999.

o novo pesquisador continua reproduzindo o que lhe é imposto como verdade científica; conhece de forma quase instantânea tudo o que é novo e tem a possibilidade de definir esses conhecimentos, valorizando o saber local no contexto global no qual se produzem, permitindo-lhe pensar localmente para agir globalmente.

Na sociedade contemporânea, um novo modelo de texto surgiu como suporte ao pesquisador: é a leitura virtual. Nela,

Os leitores podem não apenas modificar as ligações mas igualmente acrescentar ou modificar os nós (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos. Sublinhemos que essa prática encontra-se hoje em pleno desenvolvimento na Internet, notadamente na World Wide Web. Todos os textos públicos acessíveis pela rede Internet doravante fazem virtualmente parte de um mesmo imenso hipertexto em crescimento ininterrupto. Os hiperdocumentos acessíveis por uma rede informática são poderosos instrumentos de *escritaleituracoletiva*. (LÉVY, 1996, p.27)

Desde que a internet se expandiu como meio de comunicação entre as pessoas, por volta da década de 90 do século XX, os sítios de busca, comunidades e os fóruns se tornaram uma das formas mais corriqueiras de comunicação entre os “conectados”, aqueles que dispõem da rede para pesquisar ou simplesmente conhecer pessoas interessadas em assuntos comuns. Dentre os que “navegam” na internet, estão os estudantes, os quais afirmam ser essa ferramenta de comunicação um dos meios utilizados para pesquisas acadêmicas e contatos com os que têm o mesmo objetivo. Mas será que esses “navegadores” utilizam a rede como forma de conhecimento? Este capítulo busca analisar de que forma se dá esse acesso e como os estudantes formulam seus próprios textos a partir dessas pesquisas, além do processo de exclusão da rede para aqueles que ainda não a utilizam como meio eficaz de acesso a pesquisas e troca de opiniões acerca de seus estudos.

Hoje, ao contrário do que acontecia, ter acesso à internet não é mais privilégio de poucos. Segundo o Ibope/Netrating, o índice de acesso à Internet pela população brasileira cresceu de 26% para 28% em 2004 e, dentre os jovens de 15 a 19 anos, o acesso chegou a 45% naquele ano; com as classes DE não foi diferente, já que esse índice também aumentou e, segundo as pesquisas, os principais locais de acesso dessa

classe são o trabalho, a escola e a casa de amigos e parentes. Ainda segundo o Ibope/Netrating, até 2008 esse número cresceu, como mostram os dados abaixo:

TABELA 1 - LOCAL DE ACESSO - Pessoas com 16 anos ou mais*

Local	2008				2007				2006		
	4º tri. 2008	3º tri. 2008	2º tri. 2008	1º tri. 2008	4º tri. 2007	3º tri. 2007	2º tri. 2007	1º tri. 2007	4º tri. 2006	3º tri. 2006	2º tri. 2006
Residência	47%	45%	43%	41,2%	39,4%	38,1%	35,4%	33,4%	30,9%	29,4%	29,8%
Trabalho	31%	30,8%	30,3%	29,1%	28,2%	27,8%	26,3%	26,7%	26,0%	25,7%	26,4%
Instituição Educacional	32%	31,9%	31,4%	31,1%	31,7%	31,5%	30,3%	29,3%	27,9%	27,2%	27,0%
Outros Locais	36%	35,1%	34,7%	33,2%	31,4%	29,7%	26,5%	24,7%	23,5%	21,5%	21,5%

Fonte: NetView - IBOPE//NetRatings. * [Base: Pessoas com 16 anos ou mais que moram em domicílios fixos e que usaram a internet.](http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-07.htm) (Disponível em <http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-07.htm>, acesso em 20 de junho de 2010).

Dessa forma, percebe-se que a inclusão digital, democratização do acesso às tecnologias da informação, está presente através de projetos, como o Projeto do Governo Federal *Computador para Todos - Projeto Cidadão Conectado*, instituído pelo Decreto 5542, de 20 de setembro de 2005, que facilitam o acesso e a utilização da internet não somente como forma de comunicação pessoal, mas também para pesquisas. Ou seja, tornou-se um instrumento essencial à cultura, ao ensino, à pesquisa, à própria civilização. Ressalte-se que, ao se falar em internet como fonte de pesquisa acadêmica, deve-se lembrar, também, que é um meio de contato entre amigos, de atualizações, de se estar “antenido”. Não dominar essa ferramenta é o meio de se ficar de fora da nova concepção de sociedade. Nela, expressões utilizadas transformam-se em códigos que, muitas vezes, somente serão decifrados por quem conhece a linguagem fixada nos grupos que frequentam os sítios da internet. Mas o conhecimento desses sítios parece não permitir ao navegador o conhecimento daqueles de pesquisa acadêmica, haja vista que não analisam suas pesquisas para a sua produção acadêmica ou simplesmente tomam como verdade tudo o que encontram.

2.2 O discurso dominante e a geração do “*ctrlc ctrlv*”

Pesquisar sempre foi sinônimo de se ir a uma biblioteca para buscar toda a bibliografia necessária a um estudo. Livros eram lidos, resumidos, resenhados para, ao final, ter-se um texto criado a partir de estudos já feitos sobre o assunto. “Debruçar-se” sobre um livro por horas a fio era o meio mais eficaz de se elaborar um estudo. Livros, coleções, revistas eram adquiridos pelas famílias como forma de propiciar aos seus uma fonte de pesquisa. Estudava-se a partir de trocas de impressos, “viajava-se” lendo um livro, fosse ele de conto de fadas ou didático.

Com o advento da internet, um novo corte social se delineia: uma sociedade que desfruta dos benefícios da globalização e da veiculação do conhecimento através da internet. Ao invés de se comprar livros, tem-se bibliotecas virtuais, resenhas, resumos, tudo ao alcance de um clique. Pesquisar hoje virou sinônimo de se ir a um sítio de busca para ver o que existe acerca do que se busca. Essa atividade já não requer horas a fio com livros impressos, justamente pelo fato de se ter quase tudo disponível na rede. Esse novo veículo de comunicação tornou-se sedutor para muitos pesquisadores. Pesquisa-se na internet e, mesmo que não se encontre de imediato o objeto de busca, pode-se entrar numa sala de bate-papo ou fórum para que logo apareça alguém que conhece os meios para se encontrar determinado assunto. Já não é preciso que horas a fio sejam gastas com leituras prévias, uma vez que se tem pronto na rede aquilo que se busca. Este problema relaciona-se com o fenômeno descrito por certos estudiosos como “seletividade informativa”, situação em que o leitor contemporâneo não só realiza a leitura clássica de material impresso em papel, como também é diariamente bombardeado por um grande número de informações que lhe chegam através dos novos meios de comunicação (SEVCENKO, 2001).

Isso criou uma geração de pesquisadores que se permitem copiar e colar os textos prontos, tomando para si a autoria de outrem, sem se preocupar com isso. Vários textos são copiados, recortados e colados para que outro seja criado com autoria desse “sujeito-pesquisador”. Não há a preocupação com a leitura, com a compreensão do que foi lido e, pior, com o outro que lerá esse texto. Esse sujeito é recortado dentro da pesquisa, pois nem cria nem recria, apenas recorta diversos pensamentos para criar o que toma como de sua autoria. Nesse sentido, a leitura, imprescindível para o conhecimento, torna-se truncada, para não dizer inexistente, desconhecida, o que

impede que o leitor-pesquisador abstraia essa leitura, já que nem mesmo a compreende como processo crítico-reflexivo:

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma platitudo inicial, este ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos (LÉVY, 1996, p.36).

O poder da internet no mundo atual é inegável e não se pode condená-la enquanto instrumento de pesquisa ou suporte virtual da linguagem escrita. A discussão aqui proposta limita-se ao estudo pontual de seu impacto na produção textual acadêmica de estudantes. Como fenômeno novo, a internet não tem ainda um *corpus* científico que dê conta da totalidade das implicações de seu uso para a linguagem humana, escrita ou falada. É comum hoje escolas fazerem propagandas mostrando computadores, jovens e até mesmo adultos utilizando-se da “linguagem da Web”, como “deletar alguém da vida”, “participe com suas idei@s” ou, simplesmente, “quero acessar o seu coração” (GORETTI e CARDOSO, 2008). Uma das questões que se coloca, portanto, é saber o porquê de se utilizar esse tipo de linguagem, ainda específica da Informática, para a produção de textos acadêmicos.

Segundo Eduardo H. Diniz (1995), para se responder a esta pergunta é preciso saber se a informática possui os elementos que caracterizam uma linguagem, entendida como um conjunto de técnicas utilizadas para armazenar e transmitir mensagens e as mais variadas expressões humanas. Assim, sendo a linguagem um instrumento que auxilia os indivíduos a pensar sobre o mundo, sobre seus semelhantes e sobre si mesmo, nossa época seria um tempo

onde as tecnologias (e a Informática perpassando todas elas) estão invadindo crescentemente o mundo humano. Todos os dias se desenvolvem novas formas de integrar a tecnologia ao cotidiano, modificando a forma de fazer, ver e pensar o mundo. Vista dessa forma, a tecnologia também pode determinar novas linguagens. (DINIZ, 1995. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/publicacoes/acesso/acs11p01.htm>. Acesso em 16 mar. 2010.)

“A leitura é uma riqueza irrenunciável” (MANGUEL, 2000, p.106), no entanto, o uso da internet enquanto substituta absoluta da leitura clássica ainda é questionável, pois, como afirma Maria Ercília do *Universo Online* “é lindo ter na ponta dos dedos mais de 50 milhões de páginas” (ERCÍLIA, 1997), mas especificar um estudo com mundo virtual tão vasto torna-se pouco prático. Se é bem verdade que o estudante não necessita estar sequer presente na escola para obter informações, também é verdade que, tradicionalmente, só com a orientação do professor e o desenvolvimento das habilidades críticas proporcionadas pela leitura clássica, o estudante será capaz de interpretar, relacionar, hierarquizar e contextualizar as informações acumuladas. Em relação à qualidade da leitura feita na internet, José Manuel Moran destaca os seguintes problemas:

O aluno tem propensão à dispersão, perde muito tempo, abre muitas páginas ao mesmo tempo... faz um hipertexto de navegação muito curioso, dispersivo e confuso... Confunde também quantidade com qualidade, quantidade de páginas com conhecimento... não olham para o conteúdo, a qualidade dos artigos... O conhecimento se dá pela troca, pelo intercâmbio, pela interação, mas também pela interiorização, pela reflexão pessoal, pela capacidade de reorganizar pessoalmente o que percebemos fora. E para muitos, atentos ao navegar, torna-se difícil mergulhar em si mesmos. (MORAN, 2001. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>>. Acessado em: 31 de outubro de 2008.)

A escolha dos sítios leva em consideração a realidade linguística em que o pesquisador vive, explorando e ampliando seu mundo, suas experiências por meio do domínio ativo de seu texto:

“Podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.” (KOCH, 2003, p.26)

O modo como esse pesquisador explora o site é responsável, em parte, pela sua curiosidade pela leitura e pelo desafio que lhe é colocado para elaborar textos acadêmicos. Através da leitura na internet, ele também pode fazer uso das estruturas de

sua língua, podendo, então, aplicá-las no dia-a-dia e, principalmente, na sua produção textual acadêmica.

Nessa nova concepção de pesquisa, de acesso à rede, delineiam-se dois grupos. De um lado, os que fazem uso da internet como mantenedora de relacionamentos e meio de pesquisar os diversos assuntos de seu interesse. De outro, os que não possuem, não têm acesso ou simplesmente não a utilizam de forma eficaz. Mas que tipo de discurso se delinea na internet? Como “sobreviver” a essa tecnologia detentora de tantos atalhos e tantas linguagens? Se, por um lado, tem-se a internet como facilitadora, como leque aberto para que se “conheça o mundo”, por outro temos a rede funcionando como forma de se impor uma ideologia, uma postura e uma conduta próprias do discurso dominante. O signo e a enunciação são de natureza social, ideológica e essa linguagem da web é determinada pela ideologia, que, por sua vez, reflete as estruturas sociais:

A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a "atividade mental", que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia.” (BAKHTIN, 1988, p. 16)

A linguagem criada pela web, na maioria dos sítios, permeia o vocabulário dos usuários da rede; até mesmo os que negam essa nova linguagem se veem impelidos a vez ou outra utilizar esse vocabulário peculiar imposto para que se possa participar de conversas on-line. Nesse universo, não se deve fugir das formas e normas surgidas com a linguagem da internet. Quantas vezes as pessoas se encontram surpresas ao perceberem que digitaram ‘naum’ em vez de ‘não’, ‘aki’ em vez de ‘aqui’ e utilizam as simbologias: “(: para engraçado”; “(:) para triste”, além dos emoticons como substituição das palavras, a fim de que possam ser aceitas em um determinado grupo de conversas. É evidente que tudo isso facilita a comunicação, mas em alguns casos, torna-se um verdadeiro código decifrado somente por uns. Esse código é imposto e deve ser seguido para que se entenda e se faça entender; para alguns, essa linguagem é indissociável, impõe-se até mesmo nos textos acadêmicos, cuja formalidade é inegável.

Os textos encontrados na internet, sejam eles prontos ou presentes na forma de wikis, que são construídos a partir da participação dos que os leem, são sempre

marcados pelo discurso do outro, do que o precede. Redigi-los ou mesmo lê-los requer a aceitação do que é dito, do já-dito, do pré-construído, da ideologia, em que o que pode ser dito se faz a partir de uma posição dada em uma conjuntura, já que “o texto é, em um sentido, a reescrita de todos os textos precedentes; ele traz marcas de retornos reflexivos, de remanejamentos e de retificações, de atualizações ou de apreensões” (MALDIDIER, 2003, p. 38).

Essa relação entre ideologia – assujeitamento – leitura e sua ligação com o sujeito norteiam a Análise do Discurso na sua primeira fase. Michel Pêcheux, para construir a noção de discurso, apóia-se criticamente em Saussure, reconhecendo nele o ponto de origem da ciência linguística e propõe o sujeito como reproduzidor do discurso dominante, interpelado pela ideologia. Se partirmos do pressuposto de que a linguagem web é dominante, há que se refletir, também, sobre essa dominação. Afirmar que os estudantes apenas copiam e colam textos de outros para formar o seu produto final corresponde a afirmar que ele toma para si o discurso do outro, ou seja, que ele reproduz o discurso dominante. A formação ideológica é assim colocada como fator determinante da produção acadêmica do estudante. Essa formação, determinada pelas condições de produção históricas, diretamente relacionada à formação discursiva, que se constitui um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 1987b, pp.43-4), segundo representa o discurso sujeito às práticas institucionais. Pode-se afirmar que essa postura do sujeito pesquisador frente às suas pesquisas na internet é parafrástica e reprodutora da ideologia dominante:

Somos assim levados a examinar as propriedades discursivas da forma-sujeito, do ‘Ego-imaginário’, como ‘sujeito do discurso’. Já observamos que o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’⁶ daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da identidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo

⁶ O sujeito, segundo Pêcheux, caracteriza-se por dois esquecimentos: no esquecimento 1, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva; no esquecimento 2, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor. Há o esquecimento de que o discurso caracteriza-se pela retomada do já dito, tendo o sujeito a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz.

que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 1997, p. 163)

A formação discursiva, determinante do discurso do sujeito, é dada pela posição ideológica que esse sujeito ocupa. Assim, cada sujeito reproduz aquilo que sua formação determina em um dado momento histórico. Ela remete ao esquecimento, ao espaço de imaginário linguístico, os quais, por sua vez, remetem aos espaços discursivos e à formação ideológica do sujeito. Essa formação ideológica, que não pode ser desvincilhada da formação discursiva, implica o sujeito em assujeitado e inconsciente, sempre determinado pelo sistema. Se esse indivíduo é interpelado em sujeito, é “recrutado” pela ideologia. Dessa forma, deve-se entender como ele evidencia o sentido daquilo que ouve e vê, que lugar ocupa, quem realmente é no discurso.

Nessa nova concepção de leitura, já não se concebe a não pesquisa na internet, haja vista raramente se ouvir algum estudante/pesquisador afirmar não ser a rede um dos meios de pesquisa. A internet é, atualmente, um dos meios mais buscados por aqueles que pesquisam e produzem textos acadêmicos. Mas, ao tempo que essa tecnologia parece permitir a inclusão, por dispor de inúmeros sítios de busca, também exclui, justamente pelo fato de que alguns pesquisadores sequer sabem como encontrar nesses sítios de busca aquilo que procuram ou, se encontram, não se preocupam em conhecer a fonte das informações encontradas e as tomam como verdade única e indiscutível. Além disso, também parecem desconhecer o fato de que os professores, avaliadores de seus textos acadêmicos, também possuem essa ferramenta de pesquisa e simplesmente ‘copiam e colam’ as informações encontradas, suprimindo as fontes de pesquisa e tomando para si uma autoria de outrem.

A rede, até bem pouco tempo, era considerada para poucos, uma vez que o custo para se estar conectado era alto. Hoje, no entanto, há um aumento perceptível de pessoas que afirmam navegar na internet. Existem Lan houses, que disponibilizam o acesso por valor acessível em horários pré-determinados, internet discada, diversas operadoras, amigos que oferecem sua conexão e o ambiente escolar, que sempre dispõe de computadores com acesso à internet para seus alunos. Se antes a rede era vista como apenas de classe privilegiada, hoje já não se pode afirmar isso, haja vista o número de estudantes carentes com acesso à internet. Mas esses que navegam, independente de classe, parecem não conhecer os recursos disponíveis para suas pesquisas.

A partir da reflexão acerca do sujeito pesquisador frente à pesquisa virtual, tem-se que o texto não é visto como interação entre interlocutores, como lugar de conexão entre sujeitos ativos, que percebe a interação entre texto e leitor. Ao tornar-se assujeitado, desconsidera toda a multiplicidade de sentidos proporcionada pelo texto, renegando sua própria história ao não interagir com aquilo que lê. O texto, que deveria manter contato com outros textos, caracteriza-se aqui como acabado em si mesmo, sem relacionar-se historicamente com aquele que o lê. Se, ao escrever, o autor remete as suas várias leituras para redigir seu próprio texto, o leitor que é determinado pela ideologia não remete as suas leituras anteriores para fazer ter sentido aquilo que lê.

Tem-se, assim, que o sujeito pesquisador já não pode ater-se ao dito e reproduzir o discurso ideologicamente dominante, ignorando a intertextualidade. Essa atividade de interlocução começa no aprender a aprender, tomando como fundamental o papel do professor nessa aprendizagem. Cabe, principalmente, ao professor de Língua Portuguesa esse papel de colocar o aluno frente ao intertexto, proporcionando a ele uma visão crítica daquilo que lê, capacitando-o a confrontar opiniões sobre temas diversos.

Se o sujeito faz suas escolhas ao produzir um discurso, pode-se afirmar que está, mesmo inconscientemente, reproduzindo o discurso apreendido da classe dominante, já que decorrem das condições em que é realizado. Assim, há que se perceber de que forma o sujeito pesquisador concebe o conceito de texto, de interpretação, de análise textual. Afirmar essa reprodução da ideologia, o copiar/colar, a fragmentação do sujeito, é questionar de que forma se avalia o modo de escrever: se apenas reproduz textos anteriores produzidos ou se esses textos produzem sentidos para a escrita acadêmica desse pesquisador. O papel do leitor, nesse sentido, é apenas decodificar o texto, sem interagir com ele, ignorando o não dito.

CAPÍTULO 3 - O TEXTO NO ESTRUTURALISMO E NO PÓS-ESTRUTURALISMO

“EU AMO O TEXTO PORQUE ELE É PARA MIM ESSE ESPAÇO RARO DA LINGUAGEM”

(Roland Barthes, *O prazer do texto*)

A corrente estruturalista tem por foco o próprio texto, sua estrutura, sem permear o contexto, levando em consideração o nível da descrição, o que impede que se veja além do texto. Para ela, não cabe estudar a historicidade; autor e leitor enquanto instituições estão fora da análise; o leitor enquanto sujeito é eliminado. É o texto em si. Mas o texto é um produto em transformação, está sempre em movimento ao longo da história, necessitando tanto do foco estruturalista quanto do leitor. Seu valor é determinado pelas normas sociais. Assim, não basta apenas analisar a sua estrutura, há que se considerar a sua recepção: é o Pós-estruturalismo, que discorre justamente sobre a maneira como se deve entender essa recepção, a leitura. É o prazer e a fruição postos em análise contextual.

Para o estruturalismo, e Barthes é um de seus representantes, as partes de um texto só ganham sentido juntas, em relação umas com as outras. Para o Pós-estruturalismo, vale a desconstrução, haja vista o signo não remeter a um ponto fixo, mas referir-se a contextos anteriores e posteriores, o que determina a sua permanência. É o intertexto, é a iterabilidade, a repetição de um signo que acarreta a modificação de seu significado. Mas o que representa a desconstrução?

O pensamento pós-estruturalista surge como questionador do estruturalismo. Ele utiliza essa teoria para questioná-la. “O praticante da desconstrução trabalha dentro dos termos do sistema, mas de modo a rompê-lo.” (CULLER, 1997, p. 100). Assim, já não cabe mais prender-se puramente ao texto; é preciso ir além, priorizar o problema da recepção do texto, romper a estrutura através da desconstrução, que tem sido frequentemente associada ao pós-estruturalismo como um todo. A desconstrução consiste em uma estratégia para a leitura de textos desenvolvida por Derrida, a qual se apropria e utiliza de conceitos derivados de um sistema de pensamento para, ao final, mostrar como esse sistema não funciona.

3.1 O texto para o Estruturalismo de Roland Barthes

Roland Barthes, estudioso francês, um dos maiores nomes da corrente estruturalista, aplica em suas obras o princípio da semiologia, criada por Saussure, a qual estuda os signos linguísticos. Para ele, toda escrita se fundamenta em textos anteriores, reescrituras, aos quais devemos voltar para entender um texto. Barthes afirma, ainda, que o escritor nasce com o texto e que a sua morte é o nascimento do leitor. Assim, os horizontes interpretativos estão abertos para o leitor ativo.

A partir do momento em que escreve, em que concretiza seu discurso através da palavra escrita, o escritor busca seu leitor ideal; porém, o leitor, sujeito de um processo, nem sempre é prestigiado, mas sim tornado passivo “e sem defesas frente ao texto”. Ele precisa analisar apenas o ‘dito’, sem exercer sua função de sujeito transformador do processo discursivo. O texto, no momento em que é escrito, o é, segundo Barthes, pelo prazer do escritor, que escreve buscando o leitor ideal, que não somente lê, mas que absorve seus pensamentos e comunga com suas ideias. Reside aí a distinção que permeia o pensamento de Barthes acerca do que é texto, de qual é o papel do escritor e o do leitor de textos; mais ainda, o que é texto do prazer e texto de fruição e onde reside a distinção entre ambos, a partir de sutis diferenças e, por vezes, desdobramento de um conceito em relação ao outro. Mas essa distinção não é tão clara como em princípio se há de supor; a tradução literal da palavra fruição remete ao gozo, ao prazer físico contido no termo original. Assim,

Prazer/ fruição: terminologicamente isso ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão; a distinção não será origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, reversível, o discurso será incompleto (BARTHES, 2008, p. 8).

O escritor pode escrever com prazer, mas esse prazer nem sempre assegura o prazer do leitor, já que não pode prever qual será o seu leitor:

Se leio com prazer essa frase, essa história ou essa palavra, é porque foram escritas no prazer (esse prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura - a mim, escritor - o prazer de meu leitor? De modo algum (BARTHES, 2008, p. 9).

É preciso que o escritor conquiste seu leitor; ele precisa provar que deseja esse leitor e o faz através do texto, da ‘escritura’, que é a ciência das fruições da linguagem. O prazer vem de rupturas: neologismos são criados e a linguagem é redistribuída. Ela se faz por corte, de onde se traçam duas margens: uma sensata, que é a língua como se ensina na escola, ou seja, a norma, e a outra margem, subversiva, móvel, “lá onde se entrevê a morte da linguagem” (BARTHES, 2008, p. 12). Elas são necessárias, porém, não há de se tratar apenas de uma ou de outra, ou até de ambas, pelo fato de que “nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica” (BARTHES, 2008, p.12).

Não se pode entender como privilegiada a margem subversiva, a dos neologismos, nem se pode entender como contrária a isso a margem da materialidade dos signos, a da língua em seu estado canônico. É a ‘fenda’, o ponto entre uma e outra que atrai, que deve ser entendida como ponto de atração para o leitor, de prazer e fruição para os sujeitos envolvidos no processo da escrita:

A margem subversiva pode parecer privilegiada porque é da violência; mas não é a violência que impressiona o prazer; a destruição não lhe interessa; o que ele quer é o lugar de uma perda, é a fenda, o corte, a deflação, o *fading* que se apodera do sujeito no imo da fruição. A cultura retoma, portanto, como margem: sob não importa qual forma (BARTHES, 2008, p. 12).

Ler com prazer, prazer do texto, texto de prazer. Essa leitura remete ao leitor seduzido pelo escritor, aquela leitura que transmite calma, satisfação, como quem lê uma revista ou um jornal pelo simples prazer de ler. É a leitura da delícia, do descobrimento, não importando o local onde se lê. Esse prazer tem seu público específico e o escritor se dirige a ele; mas o que pode ser leitura de prazer para um leitor pode não ser para outro. Ler por distração é ler com prazer. Mas a leitura que traz conhecimento também propicia prazer, que é o conhecimento. Assim, prazer ou fruição dependem do leitor, daquele que lê a partir de objetivos distintos, daquilo que busca ao se defrontar com as palavras do escritor. A língua⁷ se faz perpetuar no paraíso das palavras, e isso que torna um texto como de prazer ou de fruição:

⁷ Para Barthes, as imagens são estruturadas como uma língua, devendo haver um método de lê-las e decodificá-las. Dominando os códigos que as cifram, é possível entender os significados que elas portam.

Todos os significantes estão lá e cada um deles acerta na mosca; o autor (o leitor) parece dizer-lhes: *amo a vocês todos* (palavras, giros, frases, adjetivos, rupturas de cambulhada: os signos e as miragens de objetos que eles representam); uma espécie de franciscanismo obriga todas as palavras a se apresentarem, a se apressarem, a tornarem a partir: texto jaspeado, variegado; estamos entulhados pela linguagem, como crianças a quem nada fosse jamais recusado, censurado, ou pior ainda: ‘permitido’. É a aposta de uma jubilação contínua, o momento em que por seu excesso o prazer verbal sufoca e oscila na fruição (BARTHES, 2008, p. 14).

De acordo com o autor, há de se relevar que também os assíndetos, os anacolutos, ou seja, a ruptura da norma podem sim ser objetos de prazer, de fluxo da escrita, de entendimento. É a margem subversiva colocada como discurso legível e permeado de imaginação. O interstício é o lugar da lógica do texto, dessa imaginação. Aí, as duas margens tornam-se mais nítidas e mais tênues, o discurso é sutil e a “narratividade é desconstruída” (BARTHES, 2008, p. 15). A leitura de prazer é objeto da narrativa clássica, na qual o detalhe, as palavras como são colocadas, o significante não são objeto de interesse. É o todo que importa. Não se lê toda a narrativa com a mesma intensidade, a leitura não respeita tanto o texto, por isso tende-se a buscar o foco de interesse, a ‘saltar’ as páginas em busca do significado global:

Não lemos tudo com a mesma intensidade de leitura; um ritmo se estabelece, desenvolve, pouco respeitoso em relação à *integridade* do texto; a própria avidez do conhecimento nos leva a sobrevoar ou a passar por cima de certas passagens (pressentidas como “aborrecidas”) para encontrarmos o mais depressa possível os pontos picantes da anedota (BARTHES, 2008, p. 17).

Esse momento de prazer do leitor não pode ser previsto pelo escritor, que busca o leitor ideal. Ele não pode prever que escreve o que não se lerá. Esse é um ponto em que diferem entre si o prazer e a fruição. Para o escritor, toda a sua ‘escritura’ será lida, palavra por palavra, mas isso pode não acontecer. Cada leitor busca seu prazer, não importando o momento do escritor e ‘salta’ as partes que não lhe interessam, mas a cada releitura, as mesmas partes da narrativa são lidas ou saltadas, pois representam sempre o significante que não importa ao significado global; as descrições representam detalhes e não atraem o leitor.

A fruição não permite isso. Ela se prende à palavra, é quando o leitor se vê sozinho frente ao texto, às palavras, uma a uma, preso aos jogos de linguagem. É a outra margem que permeia o texto. É o outro lado da fenda, que diz ao leitor: “Leiam atentamente, leiam tudo” (BARTHES, 2008, p. 19). É essa leitura que se aplica ao texto moderno, e se essa leitura for feita depressa, esse texto se tornará opaco:

Você quer que ocorra alguma coisa e não ocorre nada; pois *o que ocorre à linguagem não ocorre ao discurso*: o que “acontece” o que “se vai”, a fenda das duas margens, o interstício da fruição, produz-se no volume das linguagens, na enunciação, não na sequência dos enunciados: não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje, o lazer das antigas leituras: sermos leitores aristocráticos (BARTHES, 2008, p. 19).

É sutil a diferença entre prazer e fruição, e confunde, deixa uma margem de indecisão. Enquanto lê com prazer, o leitor não pode dizer que um livro não é bom, mas deve saber o que é bom para ele, haja vista ter sido escrito no prazer do escritor. Pode dizer ‘isso é para mim’; mas resta ao leitor saber o que de fato “é para mim?” (BARTHES, 2008, p.20) Assim, o que pode de fato ser determinado como leitura de prazer e leitura de fruição?

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2008, p. 21)

Não se pode ter prazer e fruição ao mesmo tempo. Mas pode-se dizer que um texto que hoje é de prazer, poderá ser de fruição em uma releitura, ou vice-versa.

A fruição desconforta, pois é nessa leitura que o leitor se depara com as palavras, sem que delas possa fugir ou confrontá-las. Desconforta por ter o leitor apenas o prazer do escritor e nada poder fazer a não ser aceitar esse prazer, aceitar toda a ideologia imposta pelo escritor, sem que possa questioná-la. Ele se vê como sujeito que lê e percebe toda a sua ideologia posta de lado; não existe diálogo, não há

fingimento, não há intenção nem história. É só o texto, a palavra, o signo. A história, por detrás não existe, a intenção é deixada de lado. É a verdade sem sujeito.

Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto. O texto prescreve as atitudes gramaticais: é o olho indiferenciado de que fala um autor excessivo (Ângelus Silesius): ‘O olho por onde eu vejo Deus é o mesmo olho por onde ele me vê. (BARTHES, 2008, p. 23)

O leitor frente a um texto de fruição, não se vê como aquele que aceita confidenciar com o escritor, pelo contrário, “posso tornar-me o seu voyeur: observo clandestinamente o prazer do outro, entro na perversão.” (BARTHES, 2008, p.25) Assim, só observa o prazer do escritor e é nesse momento que a fruição pode enfadar, pois o leitor se vê um sujeito sem história, sem um já dito. Mas esse mesmo enfado pode ser visto como prazer, uma vez que o leitor se coloque como navegador à deriva, que se deixa levar por essa variação, à medida que deixa de respeitar o todo e se deixa arrastar pela escritura, é quando

à força de parecer arrastado aqui e ali ao sabor das ilusões, seduções e intimidações da linguagem, qual uma rolha sobre as ondas, permaneço imóvel, girando em torno da fruição *intratável* que me liga ao texto (ao mundo). Há deriva, toda vez que a linguagem social, o socioleto, *me falta* (como se diz: *falta-me o ânimo*). Daí por que um outro nome da deriva seria: o *Intratável* – ou talvez ainda: a *Asneira*. Entretanto se chegasse a isso, dizer a deriva seria hoje um discurso suicida. (BARTHES, 2008, p. 26).

Mas como se poder chegar ao que é texto do prazer e texto de fruição, se, mesmo em um o outro aparece, interage? Prazer é tudo o que excede a estrutura e qualquer função social, é o texto tagarela; a fruição é a perda, o desvanecimento. Assim, o prazer ora é extensivo à fruição, ora é sua oposição. Mas não se pode deixar levar por essa contradição, pois ora necessitamos desse excesso, ora dessa perda. Isso leva-nos à percepção de que o prazer pode ser ou não uma pequena fruição, e a fruição pode ou não ser um prazer extremo,

pois se digo que entre o prazer e a fruição não há senão uma diferença de grau, digo também que a história está pacificada: o texto da fruição é apenas o desenvolvimento lógico, orgânico, histórico, do texto de

prazer, a vanguarda não é mais do que a forma progressiva, emancipada, da cultura do passado: o hoje sai do ontem (...). Mas se creio, ao contrário, que o prazer e a fruição são forças paralelas, que elas não podem se encontrar e que entre elas há mais do que um combate, uma incomunicação..., que o texto de fruição surge sempre aí à maneira de um escândalo, que ele é sempre o traço de um corte, de uma afirmação e que o sujeito dessa história... nunca é mais do que uma ‘contradição viva’: um sujeito clivado, que frui ao mesmo tempo, através do texto, da consistência de seu *ego* e de sua queda.” (BARTHES, 2008, p.28).

Mas a psicanálise pode ter encontrado um meio de fundamentar que ambos são opostos, pelo fato de o prazer ser dizível, falado, e a fruição não. Ela é “in-dizível”, “inter-dita”. Para Lacan, ela só pode ser dita entre as linhas. O prazer remete à linguagem e sobre ela pode-se falar. “A crítica sempre versa sobre textos de prazer, jamais sobre textos de fruição” (BARTHES, 2008, p. 29).

Não há nada a fazer: o enfado não é simples. Do enfado (perante a obra, um texto), a gente não se livra com gesto de irritação ou de desafoço. Assim como o prazer do texto supõe toda uma produção indireta, do mesmo modo o enfado não pode prevalecer-se de qualquer espontaneidade: não há enfado sincero: se, pessoalmente, o texto tagarelice me enfada, é porque na realidade não gosto da procura. Mas se eu gostasse dela (se tivesse um apetite maternal)? O enfado não está longe da fruição: é a fruição vista das margens do prazer. (BARTHES, 2008, p. 33)

Nessa leitura, tem-se o texto, objeto de fetiche do leitor, que é seduzido através das articulações da escrita, do vocabulário, de toda a construção do texto, da escritura. Não há nada por detrás disso; não há autor enquanto instituição. Não se pode falar aqui em história, em ‘já-dito’, ‘por trás’ daquilo que é dito; não há ideologia. Mas como se falar em ausência da instituição se a própria linguagem vem de algum lugar, se, mesmo aparentemente sem pretensão, é um discurso de poder? Assim, cada discurso tem uma ideologia em sua essência e é necessário que se reproduza essa ideologia, por não se poder fugir dela. Mas e o leitor, como se comporta nesse discurso de poder? Qual é o seu papel nisso tudo?

Um texto sem ideologia é “sem fecundidade, sem profundidade, estéril” (BARTHES, 2008, p. 41). Pensá-lo assim é querer um texto sem ser produtivo, um texto

superficial. É necessário que se pense essa ideologia como dominante, de classe dominante, por não se poder dissociar a ideologia das classes dominante e dominada, da mesma forma que não se pode falar de ideologia dominada, já que a própria ideologia domina por si só; a classe dominada reproduz toda a ideologia da classe dominante:

Diz-se corretamente: “ideologia dominante”. Essa expressão é incongruente. Pois a ideologia é o quê? É precisamente a idéia enquanto ela domina: a ideologia só pode ser dominante. Tanto é justo falar de “ideologia da classe dominante” porque existe efetivamente uma classe dominada, quanto é inconsciente falar de “ideologia dominante”, porque não há ideologia dominada. (BARTHES, 2008, p. 41)

Ora, se um texto reflete uma ideologia, ele também conduz o escritor à deriva da história. Ele é levado a pensar diferente em diferentes épocas, em diferentes escrituras. Tal fenômeno também acontece ao leitor, que não pode simplesmente ser objeto passivo daquilo que lê. Se existe uma ideologia e se não se pode furtar o texto às mudanças de significação histórica, ao imaginário, à fruição da linguagem, não se pode conceber um texto sem que remeta ao ‘já-dito’, pois todo ele nos remete a outra leitura, a um anterior a ele. É o intertexto, que sempre remete a um texto anterior: “a impossibilidade de viver fora do texto infinito – quer esse texto seja Proust, ou o jornal diário, ou a tela de televisão: o livro faz o sentido, o sentido faz a vida.” (BARTHES, 2008, p. 45)

O único objeto que está sempre relacionado ao prazer, para o escritor, não é a linguagem, mas a língua, a língua materna. “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz.” (BARTHES, 2008, p. 47) Essa linguagem pode ser relacionada à classe, à ideologia de classe. Mas de que classe se fala? A burguesa, que tem a linguagem como seu cenário, ou a popular, que reproduz a linguagem burguesa. O texto é a aspa dessa linguagem, o texto de prazer, mas não o de fruição. Esta última não pode advir da cultura de massa, que é a reprodução da linguagem burguesa. Não há sociabilidade na fruição, há a perda total, não há subjetividade, não há sujeito.

A obra seria finalmente sempre escrita por um grupo socialmente desiludido ou impotente, fora de combate por situação histórica, econômica, política; a literatura seria a expressão dessa decepção. Estas análises esquecem (e é normal, visto que são hermenêuticas baseadas na pesquisa exclusiva do significado) o formidável anverso da escritura: a fruição: fruição que pode explodir, através dos séculos, fora de certos textos escritos, entretanto, para a glória da mais sombria, da mais sinistra filosofia (BARTHES, 2008, p.49).

A linguagem exposta à ideologia não pode ser considerada nova, mas sempre reprodutora de outra que é de dominação. Só se pode fugir dela quando se busca o novo, quando se desconstrói o que foi dito. Toda linguagem antiga é repetida, é a representação da dominação, do aparelho ideológico dominante, sempre repetindo as mesmas estruturas, o fato político, a ideologia. Fugir a isso é fruir, o novo é a fruição, o arrebatamento.

Mas toda linguagem, todo texto, está preso à frase, assim como o escritor, que pensa frases. Ela, infinita, se vê plena de finitude, por representar a hierarquia, a atividade ideológica, apresentada em forma de enunciados composicionalmente acabados. Daí advém o prazer e a fruição do texto. O primeiro é cultura, ou a arte de viver; não há repressão, nem lugar nem tempo. A última é a língua e a cultura em porções. O texto de fruição é intransitivo, por isso enfada, aborrece, é a perversão, é precoce, tudo jogado, tudo fruído na primeira vista, é o lugar da significância. Mas mesmo em textos de prazer ou de fruição, o que se busca é estabelecer uma teoria do sujeito materialista, ou seja, quem é que interpreta? É a busca do sujeito histórico, que desconstrói:

E esse corpo de fruição é também meu sujeito histórico; pois é ao termo de uma combinatória muito delicada de elementos biográficos, históricos, sociológicos, neuróticos (educação, classe social, configuração infantil etc.) que regulo o jogo contraditório do prazer (cultural) e da fruição (incultural) (BARTHES, 2008, p. 73).

3.2 O texto para o Pós-Estruturalismo de Jonathan Culler

Uma conferência na Universidade Johns Hopkins para se discutir o estruturalismo e suas ligações, em 1966, é uma referência histórica para a queda da hegemonia do pensamento estruturalista, nos diversos campos dos saberes, dentre eles a linguística. Nela, Derrida apresenta um estudo intitulado “a estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” e verbaliza aos presentes, dentre eles Roland Barthes, que, embora a discussão fosse sobre o estruturalismo, já se iniciava a discussão acerca do pós-estruturalismo.

Jonathan Culler, teórico do estruturalismo e pós-estruturalismo literários, baseia-se na teoria de Derrida⁸ acerca da desconstrução em seu livro “Sobre a desconstrução⁹”, a partir do conceito de causa e efeito¹⁰, criado por Nietzsche e utilizado para exemplificar a desconstrução de Derrida. O efeito, antes sempre percebido como secundário e derivado, passa a ser pensado como principal e originário, já que, para a desconstrução, é por causa dele que um fenômeno pode ser concebido como causa, uma vez que “se o efeito é o que faz da causa uma causa, então o efeito, não a causa, deveria ser tratado como origem.” (CULLER, 1997, p. 102) É preciso que se derrube a hierarquia, por isso não basta perceber a posição de um termo secundário, é preciso que se reverta essa posição, essa hierarquia; só assim pode-se falar em desconstrução:

Desconstruir um discurso é mostrar como ele mina a filosofia que afirma, ou as oposições hierárquicas em que se baseia, identificando no texto as operações retóricas que produzem o fundamento de discussão suposto, o conceito chave ou premissa. (CULLER, 1997, p. 100)

Esse exemplo de causa e efeito utilizado por Culler permeia o pensamento de Derrida acerca da desconstrução, seus estudos sobre textos de filósofos, para analisar o porquê de esses pensadores resistirem à escrita. Para a filosofia, a escrita é um obstáculo ao pensamento, pois busca, assim como outras disciplinas, solucionar um problema, escrever sobre ele e dar fim nos escritos sobre ele. A escrita afeta o pensamento. Mas como afirma Derrida, “escrever sempre leva a mais escritos, e mais, e mais ainda” (CULLER, 1997, p. 104)

A rejeição ao significante implica rejeição à escrita. A filosofia é logocêntrica, privilegia o ser como presença, e busca descrever o que é fundamental. Dessa forma, em pares opostos, o primeiro sempre tem supremacia sobre o segundo, sua presença é mais elevada, como é o caso de positivo/negativo. “Assim, o logocentrismo supõe a prioridade do primeiro termo e concebe o segundo em relação a ele, como uma

⁸ Pensador e escritor francês de origem argelina, criador da *desconstrução*, cujo trabalho teve um profundo impacto sobre a *teoria da literatura* e os estudos literários de modo geral.

⁹ Para este estudo, será utilizado apenas o capítulo dois, “A desconstrução”.

¹⁰ Para esclarecer esse conceito de causa e efeito, Culler utiliza o exemplo do alfinete. Segundo o autor, uma suposição de dor pode levar o sujeito a associá-la, por exemplo, a um alfinete. Desconstruir essa imagem é reverter essa causa. Assim, imaginar o alfinete é pressupor a dor.

complicação, uma negação, uma manifestação ou ruptura do primeiro.” (CULLER, 1997, p. 108). Isto posto, a oposição presença/ausência, remete ao exemplo da significação do texto, foco deste estudo. Uma palavra somente tem sentido a partir do sentido que lhe deram em atos passados, ao sentido que seu locutor quis lhe dar e a língua é resultado de atos de fala anterior, uma vez que “todo evento é, em si, já determinado por estruturas anteriores.” (CULLER, 1997, p.111)

O significante das palavras somente existe pela diferença de sons, ou seja, é um produto de diferenças. Da mesma forma que a ‘langue’ é necessária para que a ‘parole’¹¹ seja inteligível, esta última também o é para que o sistema se estabeleça. É a *différance*¹², que “designa tanto uma diferença “passiva”, já existente, como a condição da significação quanto um ato de diferenciação que produz diferenças.” (CULLER, 1997, p.112)

Nesse ponto, a escrita já não pode ser vista como a representação da fala; o valor de um texto depende, em sua maioria, do modo como desconstrói a filosofia que o sustenta. Para Saussure (1969, p. 23), “a língua constitui-se num sistema de signos” e, nessa concepção, os ruídos podem transmitir ideias. A questão central é a natureza do signo, ou seja, o que o habilita a funcionar como tal, o que o diferencia de outros signos. Todo elemento da linguagem, seja ela escrita ou oral, para funcionar como signo, precisa relacionar-se a outro elemento que não está presente. Essa ligação é o texto, a escrita, colocada como condição secundária e derivada, pois, segundo ele, “escrever é simplesmente um meio de representar a fala, um dispositivo técnico ou acessório externo, que não precisa ser levado em consideração quando se estuda a língua.” (CULLER, 1997, p.116)

Nesses termos, a escrita é a representação artificial da fala; pode provocar desentendimentos, já que o leitor desconhece o pensamento do escritor, o ouvinte desconhece o do falante. Ela não exerce o papel representativo da fala, mas antes, tenta usurpá-la. Essa escrita, segundo Saussure, não deveria ser o objeto de estudo da linguística, mas sim a reversão da hierarquia, ou seja, colocando-se a fala como uma

¹¹ Langue e parole: termos usados pelo linguista Ferdinand Saussure para diferenciar língua e fala em seu livro “Curso de Linguística Geral”, publicado postumamente por seus discípulos em 1916. Para ele, a língua é um fato social, enquanto a fala é a concretização da língua pelo falante, sendo de natureza variável.

¹² *Différance* é um termo criado pelo filósofo Jacques Derrida para designar um sistema de diferenças entre langue e parole. Para ele, o signo não é um sistema estável, mas se refere a contextos anteriores e posteriores, operando uma desintegração de sua própria unidade, permanência ou estabilidade.

forma de escrita. Desconstruindo essa hierarquia, tem-se “um novo conceito de escrita: uma escrita generalizada que teria como subespécies uma escrita vocal e uma escrita gráfica.” (CULLER, 1997, p.117)

Desconstruindo-se, revertendo-se a hierarquia, tem-se que a escrita perpetua a fala. É iterável, uma vez que sempre será a mesma em diferentes situações; é a instituição durável dos signos, por isso cobre o domínio dos signos linguísticos. Sua relação com a fala dá-se através do suplemento, termo criado por Rousseau e utilizado por Derrida, definido como aquilo que completa ou é adicionado. Ele é exterior, funciona onde há lacunas, mostra a incompletude do que é exposto; completa o que deveria ser completo. A escrita é, assim, o suplemento da fala, pois a perpetua. Mas a escrita também não pode ser vista apenas como suplemento, pois se soma a uma fala viva, e “o privilégio da fala sobre a escrita não é um erro que os escritores poderiam ter evitado. O relegar da escrita como suplemento é, insiste Derrida, uma operação endossada pela história inteira da metafísica” (CULLER, 1997, p. 123). Mas mexer com o privilégio da fala ameaçaria toda a construção:

A fala pode fazer esse papel porque no momento em que se fala o significante material e significado espiritual parecem apresentar-se como uma unidade indissociada, onde o inteligível controla o sensível. Palavras escritas podem aparecer como marcas físicas, que o leitor deve interpretar e animar; pode-se vê-las sem entendê-las, e essa possibilidade de uma lacuna é parte de sua estrutura. Mas quando eu falo, minha voz não parece ser algo externo, que eu primeiro ouço e depois entendo. (CULLER, 1997, p. 124)

Embora se afirme que a fala é espontânea e os significantes não são externos, pois, ao falar, expõe-se o pensamento, ela não deixa de ser uma sequência de significantes, assim como a escrita, ambas passíveis de interpretação. A fala tem privilégios na diferença de significação, por ser a expressão direta do pensamento. Essa diferença é a presença. Mas o que isso tem a ver com a interpretação de textos e a teoria da significação? Desconstruir não equivale a ter-se diversas interpretações textuais, livres associações, e sim analisar a partir do sentido e da iteração, a partir das possibilidades de combinação que constituem a língua. O sentido do enunciado é, de fato, o que se quis dizer com ele. Para tal, um texto tem seu sentido de acordo com o

locutor, o momento e a intenção. Austin¹³ classifica esses atos como performativos de acordo com o que se diz e como se diz. Esses atos levam em consideração as palavras, as pessoas e as circunstâncias envolvidas no ato. Uma afirmação somente terá verdade se dita por competência, ou seja, por sujeitos envolvidos na realidade situacional. Por outro lado, um discurso falso somente pode existir se houver um real para contrapor-se a ele. “Não poderia, por exemplo, haver promessas feitas por atores em uma peça, caso não houvesse a possibilidade de promessas serem feitas na vida real” (CULLER, 1997, p.137). Essa relação pode, também, ser desconstruída, ou seja, para que haja uma promessa na vida real, terá que haver iteração, poderá ser repetida em vários contextos sérios e não sérios, citada e parodiada: “a desconstrução existe apenas em virtude da iteração” (CULLER, 1997, p. 138).

Num primeiro momento, acredita-se que um enunciado tem seu sentido a partir da intenção significativa de quem fala, mas pode não ser assim, pois as circunstâncias, os aspectos do contexto determinam a ilocução. Ela é determinada mais pelo contexto do que pela intenção. Para Derrida, nenhum sentido pode estar fora do contexto e nenhum contexto pode ser limitado, pois pode ser alterado frente a novas possibilidades de alteração. Além disso, cada tentativa de codificar o contexto produz um novo contexto, por isso mesmo relatos sobre contexto nunca possuem determinações plenas de sentido. Assim, a interpretação de um texto, de uma obra é uma tentativa de descobrir sentido no texto.

A desconstrução não destrói uma oposição, mas a reescreve. O texto geral sempre possibilita outros contextos possíveis. É o caso do enxerto, “um modelo para pensar sobre a lógica dos textos – uma lógica que combina operações gráficas com processos de inserção e estratégias de proliferação” (CULLER, 1997, p. 154). O discurso é produto de várias combinações, e a enxertia é a tentativa de inserir ou intervir no discurso a ser interpretado. Desconstruir é identificar enxertos, ou seja, onde um argumento sucede outro. A enxertia não acontece, necessariamente, entre textos, mas pode ser interna, quando um elemento tido como marginal, pode transformar-se em principal, a exemplo da nota de rodapé:

¹³ Fundador da teoria dos atos de fala. Elaborou um estudo sobre conceitos de verdade e falsidade, qualificando os atos de fala como sendo verdadeiros ou falsos a depender da descrição que é feita. Iniciou as ideias sobre o *performativo*. Sobre o *performativo*, desenvolveu uma teoria que transformava os atos em felizes ou infelizes, ligando o ato da fala a circunstâncias ideais de proferimento.

Essa concentração sobre o aparente marginal põe a lógica da complementaridade para funcionar como uma estratégia interpretativa: o que foi relegado às margens ou deixado de lado por intérpretes anteriores pode ser importante precisamente por aquelas razões que fizeram com que fosse deixado de lado. (CULLER, 1997, p. 161)

Ao desconstruir, é necessário que, além de ir ‘além do texto’, analise-se também as instituições e inversões, já que não se pode deixar de considerar a questão político institucional envolvida no processo, uma vez que a desconstrução não se preocupa apenas com o conteúdo, com o significado, mas também com as instituições por detrás dos discursos: são as lacunas existentes entre os discursos e as práticas, as contradições da retórica. Nesse sentido, reverter as oposições tradicionalmente colocadas implica inúmeras possibilidades. É a monstruosidade, em que “às buscas teóricas deveria, talvez, ser permitido aumentar o monstruoso ou o grotesco, e não estarem sujeitas a uma teleologia de ganhos políticos na tentativa de eliminar a ‘lacuna’ descrita por Derrida” (CULLER, 1997, p. 182). Freud, ao desconstruir as hierarquias, destacou as oposições tidas como marginais, como é o caso da oposição homem/mulher. Reverter essa hierarquia é abalar a ideologia imposta desde sempre, em que a mulher sempre é colocada como secundária ao homem. Mas não basta somente afirmar essa reversão, é preciso que se inverta para que se possa, de fato, ter um deslocamento da estrutura.

Outra oposição também deve ser considerada, por ter implicações institucionais: a leitura/desleitura ou entendimento/desentendimento. A prática interpretativa remete a entendimentos diversos. Nenhum texto é completo em si. As diversas interpretações feitas são consideradas desleituras, já que o são por diferentes leitores, repletos de influências institucionais e ideologias. Dessa forma, nenhuma leitura deve ser desconsiderada, e a questão passa a ser a legitimação de leitura, que produz diferentes leituras e desleituras de textos:

Intérpretes são capazes de descobrir aspectos e implicações de um texto que intérpretes anteriores negligenciaram ou distorceram. Eles podem usar o texto pra mostrar que leituras anteriores são na verdade desleituras mas suas próprias leituras serão consideradas deficientes por intérpretes posteriores. A história das leituras é uma história de desleituras, embora sob certas circunstâncias essas desleituras possam ter sido aceitas como leitura. (CULLER, 1997, p. 202-03).

A estrutura de Barthes e o pós-estruturalismo de Culler, da forma como exposto, parecem ter diversos pontos em comum. Barthes, embora estruturalista, utiliza-se da concepção de desconstrução para conceituar o prazer e a fruição do texto. Para tanto, ora analisa a leitura enquanto prazer, ora como conhecimento, ora apegada à ideologia, ora suspensa dela. Considera, também, o papel do escritor, que sempre busca seu leitor ideal, desejado, objetivado. Mas esse leitor não é concreto. É, antes de tudo, modelo de um autor-modelo. É a busca da cooperação entre os sujeitos que interagem a partir de concepções políticas e ideológicas, da concepção de intertexto, do já dito, da intenção discursiva. E o que é a desconstrução? É a interpretação extrema, é o contexto ilimitado, é a intenção. Além disso, é a possibilidade de mudança de significante de acordo com a situação, com a época; é a iterabilidade. Mas Barthes não já nos remete a isso no seu *Prazer do texto*? Dessa forma, discutir o estruturalismo já não é mais interessante. Prender-se meramente ao exposto, ao escrito é perder-se no tempo, é negar o papel do leitor, é colocá-lo como sujeito passivo frente à palavra escrita. Ambos veem esse sujeito como interlocutor, embora a análise dessa condição seja posta de forma distinta. Não existe sentido no texto se não for colocado frente ao leitor inserido em uma situação, em uma ideologia, ao escritor entremeado de conceitos preliminares à escrita, de história, de carga ideológica e política, de hierarquias construídas no transcorrer da história. Somente assim a significação poderá ser durável, pois as diversas situações, histórias e leitores sempre demarcarão uma nova leitura para esses autores, perpetuando ou não o seu texto.

CAPÍTULO 4 - A COERÊNCIA NO DISCURSO VIRTUAL

“Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta
Pobre ou terrível, que lhe deve
Trouxeste a chave?”
(Carlos Drummond de Andrade, 1945)

Ao se falar em texto¹⁴ como unidade mínima de significação, há que se pensar em todas as concepções que o permeiam desde o texto impresso ao virtual, nova necessidade da sociedade contemporânea. Se antes tínhamos somente a materialidade do papel como forma de divulgação da escrita, hoje o temos disponível na internet para milhões de leitores virtuais, que se apropriam daquilo que foi escrito e até ajudam a compor a escrita, a exemplo dos ‘wikis’. Mas essa nova leitura, esse novo texto, essa nova modalidade de escrita também podem acarretar aceitação do que não é permitido pela norma culta, haja vista termos textos truncados, com sérios problemas de coesão e coerência decorrentes da aplicação equivocada da morfologia, da semântica e da sintaxe em sua composição. Desses textos, serão analisados neste capítulo os dos alunos do curso de Gestão de Turismo do IFS ingressos em 2010/2, cuja escritura se deu em sala de aula, no que tange aos textos cujo tema é “O desafio de se conviver com as diferenças” e os postados no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com, criado em conjunto com esses estudantes e cujas postagens se referem ao tema “Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito”, retirado da prova de redação do ENEM 2001, disponível em http://www.enem.coc.com.br/rc2001/Questoes/Q_Redacao.asp. Acesso em 02 de set. de 2010.

4.1. Histórico da turma de Gestão de Turismo

Em 2009, o Governo Federal, através do Ministério da Educação, implantou o SISU – Sistema de Seleção Unificada, com o objetivo de ingresso nas instituições públicas de ensino superior. Para se inscrever no SISU, é necessário que o estudante

¹⁴ Neste capítulo, ao tratar de texto, refiro-me ao texto verbal escrito, sem, entretanto, deixar de considerar todas as outras possibilidades: do gráfico ao visual, fotográfico, entre outros.

participe do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio e obtenha média suficiente nas diversas áreas do conhecimento para concorrer a uma vaga em curso superior.

Imediatamente após a implantação do SISU, os Institutos Federais fizeram a adesão a esse sistema como forma de ingresso nos cursos superiores. Em Sergipe não foi diferente, o Instituto Federal de Sergipe – IFS aderiu em 100% ao ingresso através do SISU, abandonando o vestibular tradicional. Como todo o processo ocorre on line, o candidato de qualquer parte do país pode concorrer a uma vaga em qualquer instituição de ensino superior sem que precise, para tal, deslocar-se de sua cidade para a realização das provas. Ele participa do ENEM em seu próprio município e opta por uma instituição de ensino através da internet, sem ônus de deslocamento. Isso acarreta uma pluralidade de estudantes numa mesma instituição, que passa a ter turmas heterogêneas, com estudantes de diversas naturalidades, mas todos com um ponto de convergência: a aprovação no ENEM.

A turma do 1º TGT do IFS é oriunda dessa seleção ENEM/SISU, cujos estudantes obtiveram pontuação para ingresso no curso pretendido. O ENEM possui prova de redação de caráter eliminatório e um total de 180 questões, conforme segue:

Art. 16 O exame constituir-se-á em 04 (quatro) provas, contendo 45 (quarenta e cinco) questões objetivas de múltipla escolha, versando sobre as várias áreas de conhecimento em que se organizam as atividades pedagógicas da Educação Básica no Brasil e uma proposta para redação.

§ 1o- As 04 (quatro) provas serão estruturadas nas seguintes áreas do conhecimento:

- Prova I - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação;
- Prova II - Matemática e suas Tecnologias;
- Prova III - Ciências Humanas e suas Tecnologias;
- Prova IV - Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

§ 2o- As questões objetivas e a redação destinam-se a avaliar as competências e habilidades contidas na Matriz de Referências para o Enem 2009, Anexo III desta Portaria.

§ 3o- A redação deverá ser feita em Língua Portuguesa e estruturada na forma de texto em prosa do tipo dissertativo-argumentativo, a partir de um tema de ordem social, científica, cultural ou política.

§ 4o- No nível de Ensino Médio a área de conhecimento da Prova I - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação – compreende os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Artes e Educação Física; a Prova III - Ciências Humanas e suas Tecnologias - compreende os seguintes componentes curriculares: História, Geografia, Filosofia e Sociologia; e a Prova IV - Ciências da Natureza e suas Tecnologias – compreende os seguintes componentes curriculares: Química, Física e Biologia. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Portaria Nº 109, de 27 de maio de 2009). Disponível em <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=28/05/2009&jornal=1&pagina=56&totalArquivos=152>. Acesso em 12 de fevereiro de 2011.

O IFS ofertou 40 vagas para ingresso em 2010/2 para o curso de Gestão de Turismo. A ocupação dessas vagas se deu conforme quadro abaixo, incluindo-se aí os estudantes em sua totalidade, os que nunca frequentaram as aulas e os desistentes:

TABELA 2 – EVASÃO NO CURSO DE TGT.

VAGAS OFERTADAS	TOTAL DE INGRESSOS	NUNCA FREQUENTARAM	DESISTENTES*
40	33	10	3

*Os dados de desistência referem-se somente à disciplina Produção de Textos.

A turma do 1º TGT possui alunos oriundos de diversas regiões do país, com faixa etária total acima dos 18 anos e sua maioria inserida no mercado de trabalho. Após questionário aplicado com os estudantes para verificação do perfil da turma, obteve o seguinte resultado:

GRÁFICO 1 - EM RELAÇÃO AO LOCAL DE ORIGEM DOS ESTUDANTES:

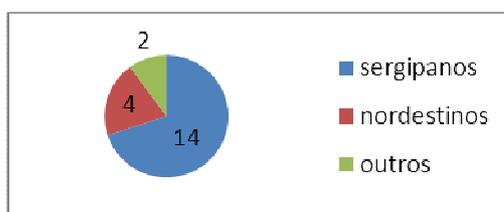


GRÁFICO 2 - EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO:

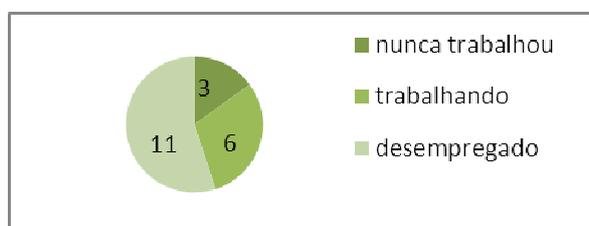


GRÁFICO 3 - EM RELAÇÃO AO ACESSO À INTERNET

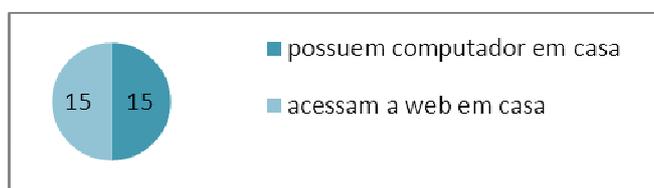
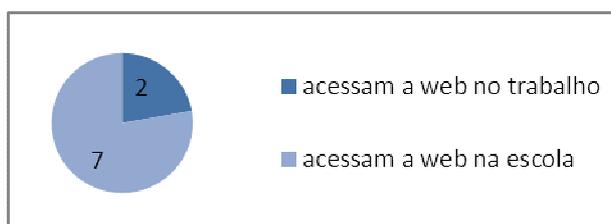


GRÁFICO 4 - EM RELAÇÃO AO ACESSO À INTERNET



4.2 Coesão e coerência textuais: implicações teóricas

Não pretendo aqui privilegiar somente a “norma sensata” (BARTHES, 2008, p. 11), marginalizando a sua ruptura, mas fazer um estudo sobre até que ponto se pode ignorar a norma culta e privilegiar a subversidade. Elas são necessárias, porém, não há de se tratar apenas de uma ou de outra, ou até de ambas, pois, como já visto no capítulo anterior, “nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica.” (BARTHES, 2008, p.12)

Têm-se os elementos gramaticais como fator de coesão e o fator intertextualidade como forma de coerência textual. Um texto sem coesão não implica um texto sem coerência, haja vista que toda a vivência do leitor é posta como um dos fatores determinantes para o entendimento textual, o contexto:

Isso nos faz afirmar que a coerência não está **no texto**, não nos é possível apontá-la, destacá-la, sublinhá-la ou coisa que o valha, mas somos nós, leitores, em um efetivo processo de **interação com o autor e o texto**, baseados nas pistas que nos são dadas e nos conhecimentos que possuímos, que construímos a coerência. (KOCH & ELIAS, 2008, p. 184)

Nas séries iniciais e em todo o ensino médio, estuda-se gramática isoladamente da produção textual, como se uma estivesse totalmente distanciada da outra. Assim, ao ensinar morfologia e sintaxe, o professor abre um distanciamento entre o que traz a gramática e a sua aplicabilidade nos gêneros textuais. As conjunções são elementos que unem frases e períodos, ou seja, essenciais para o estabelecimento da unidade de sentido e da unidade temática do texto. Reconhecer, portanto, que um texto é coeso é reconhecer que suas partes estão interligadas, que há continuidade e unidade de sentido. Porém, como pode o aluno entender a sua aplicabilidade se não coloca em prática esse conceito? Existe toda uma relação de conjunções, cada uma com seu conceito, “cobradas” em provas a partir de frases isoladas, sem ligação nenhuma com a escrita:

Na análise das conjunções, tem sido prática pedagógica constante o estudo desses conectivos em listas, por ordem alfabética, o que, na verdade, leva à simples ‘decoreba’, sem que sejam focalizados os traços linguisticamente relevantes no estudo dessas formas linguísticas. Assim, separam-se as orações em coordenadas e

subordinadas, sendo que as coordenadas sindéticas e as subordinadas adverbiais são nomeadas de acordo com a conjunção que as encabeça. (OLIVEIRA & MONERRAT, 2007, p. 90)

Essa prática de alguns docentes está arraigada em seu cotidiano e é transmitida ao educando naturalmente, como se fosse a forma corriqueira de sua utilização; por vezes até utilizada como veículo de “reprovação”, de poder desse professor. As próprias gramáticas tradicionais desvencilham a gramática do texto, à exceção das que se intitulam “gramática do texto”, as quais trazem a prática textual do estudo gramatical, mas, em sua maioria, sem a aplicabilidade necessária por parte do professor que as utiliza.

A análise sintática em sua totalidade, desde a análise dos termos da oração até o estudo das orações coordenadas e subordinadas (inclua-se aí o estudo das orações reduzidas), a qual é fator determinante para que se possa ter coesão textual, também é relegada a frases isoladas, sem a devida conexão com o texto, e, ainda mais acentuada que os demais conteúdos, verdadeira ferramenta de poder do professor, aquela que é sempre deixada por último para que o educando necessite dispor de toda a sua atenção, sob pena de não obter sucesso letivo.

Isolada do texto, a gramática se torna o “vilão do aluno”, que estuda os mesmos conteúdos durante toda a sua vida escolar e permanece com seus textos quase sempre destoantes, incoerentes, recortados e sequer percebem seus equívocos, já que, em geral, não apreenderam o paralelo existente e necessário entre a gramática e a escrita. O professor de língua portuguesa, muitas vezes, trabalha a redação com seus alunos e permanece com esse equívoco, dissociando gramática e gêneros textuais. Assim, o educando não consegue (e nem pode) redigir textos coesos e coerentes, já que não compreende para que realmente estuda conteúdos gramaticais.

Esse tipo de trabalho tem sido criticado, recentemente, por professores e linguistas preocupados com um ensino mais produtivo de língua materna, capaz de formar competentes alunos-produtores de textos. Em outras palavras, alunos que, nessa situação específica, possam refletir sobre as possibilidades semântico-discursivas das marcas linguísticas que deverão utilizar. (OLIVEIRA & MONERRAT, 2007, p. 90)

Para que se entenda essa relação gramática-texto-prática pedagógica, é necessário que entendamos também o que vem a ser texto, de que forma ele é pensado e

como se dá a sua produção; além disso, é imprescindível também que se saiba como produzi-lo de forma coerente e coesa.

Um dos problemas enfrentados nessa nova concepção de estudo gramatical e sua relação direta com a produção textual é a própria formação dos educadores, que não foram preparados para formar o educando para os estudos de texto. Diversas gramáticas textuais são publicadas¹⁵, mas a aplicabilidade do que vem sendo proposto ainda é ignorado pelo docente, que não sistematiza suas pesquisas em relação a esses conhecimentos para trabalhar com seu educando. Para muitos, o texto ainda é visto a partir da visão estrutural, levando em consideração somente o texto e não o autor e o próprio leitor; o contexto é deixado de lado e “esquemas” são criados para que perceba se um texto é “bem ou mal escrito”. É somente o posto que é considerado; o pressuposto e o subentendido são deixados de lado, ou seja, a semântica argumentativa é desconsiderada.

Sem considerar a concepção pós-estruturalista vista no capítulo 2, o professor se apoia em leituras diversas e fragmentadas e desconsidera que pode estar “ideologicamente distante” (CARNEIRO, 2007, p. 58). É necessário que seja considerado na leitura e na escrita não somente o aspecto gramatical, mas também que

o conceito de leitura não se limita à decodificação dos sinais gráficos, mas é bem mais amplo e exigente. (...) ler é colocar-se diante do texto, colocando todas as suas capacidades cognitivas e emocionais para interagir com os sentidos dali emergentes. E mais: o material escrito é um esquema de pistas, indicações e vazios que podem ser preenchidos e combinados de inúmeras maneiras, segundo as condições do leitor. Logo, quanto maior a experiência da leitura, mais eficiente é o resultado final. (AGUIAR em VIANA, 2003, p.4)

Dentro dessa perspectiva de escritura e análise textual, uma nova e ampla concepção permeia a sociedade, sempre ávida por tudo aquilo que é novo: a leitura e a escrita virtual, difundidas e inegavelmente importantes para a democratização de conhecimento do novo público leitor, que pesquisa, lê e escreve na rede, em *blogs*, *twitter*, *msn* e demais sítios de relacionamento. Nesse redimensionamento de textos e leituras, faz-se necessário que se verifique também de que forma esses textos aparecem para o público; como se dá a sua produção e de que forma influenciam os leitores.

¹⁵ É prática corrente a publicação de gramáticas textuais para a utilização em escolas, como por exemplo “Gramática do texto, Texto da gramática” de Samira Yousseff Campedeli e Jésus Barbosa Souza(1999) e “Curso de gramática aplicada aos textos”, de Ulisses Infante(2005).

Por sua vez, a reflexão sobre o funcionamento discursivo da compreensão tem, como veremos, um retorno que incide sobre uma questão crucial para a própria análise do discurso: a constituição dos processos de significação. Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos. E o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas. (ORLANDI, 2008, p. 101)

Para tanto, serão verificados textos impressos e outros postados no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com, repletos de informações diversas e veiculado a todos os leitores. Não se pretende aqui apontar somente problemas de escritura de textos, casos gramaticais e lexicais, mas também verificar se poderemos estabelecer a coerência a partir do que nos é dado como informativo. Dentre esses textos, serão analisados oito textos criados em sala de aula e outros oito postados no blog criado para esses estudantes, para verificar seus elementos coesivos e a sua coerência, levando em consideração, também, os possíveis leitores e as marcas que esses textos deixarão neles. Vejamos então como se deu a escritura desses textos, a começar pelos produzidos em sala, cujo tema é “O desafio de se conviver com as diferenças”, retirado da prova de redação do ENEM 2007, disponível em http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=54&Itemid=86. Acesso em 10 de agosto de 2010.

Ao iniciar a leitura desses textos, percebemos que o tema foi tratado de forma superficial em alguns deles. Embora seja um tema de caráter subjetivo, traduz a realidade social, que é a convivência entre pessoas, com toda a sua diversidade. Seu caráter não científico implica maior liberdade ao escritor, para que possa expor seu ponto de vista de forma mais subjetiva. No entanto, essa referência não implica dizer que esses textos podem ser escritos de forma superficial e em discordância com todos os aspectos estilísticos que um texto de estudante de graduação deve conter. O uso formal da língua deve ser um dos norteadores dessa escrita. O leitor, nesse caso, pode remeter a seus conhecimentos para realizar a assimilação, mas sempre permanecerá a dúvida da intenção do autor sobre o tema proposto:

TEXTO I

Tudo igual, sempre diferente

“Modiernamente, é comum nos noticiários, informações, reportagens e imagens que apregoam as intolerâncias raciais, religiosas, condições sexuais e financeiras, dentre outras.

Acontece que todo esse panorama caótico não tem fundamento. Pois, apesar de os indivíduos serem únicos geneticamente, são totalmente iguais em suas necessidades.

Por isso, é inadmissível que estas intolerâncias sejam alimentadas, dia após dia, a todo instante.

É necessário valorizar as diferenças, para que assim, cada um possa contribuir com a sua parcela na construção da sociedade.

Uma sociedade mais tolerante, mais justa, mais homogênea e sempre com os diferentes aspectos e características harmonizados.”

TEXTO II

“O Brasil é o país da diversidade em raça, economia, religião e outros. Esses são alguns dos fatores que comprovam tal afirmação.

No momento em que pensamos em diferenças, é impossível não destacar as diferenças econômicas como fator marcante que rege a nossa sociedade. Todos os dias e a todo momento nos deparamos com essa situação, sege nas ruas, na escola, em lugares públicos e até mesmo na nossa própria casa entre nossos familiares convivermos com pessoas de diferentes classes sociais de forma harmoniosa ou não. É certo que conviver com as diferenças é uma tarefa difícil, mas que precisa ser encarada como uma necessidade humana, pois ao respeitar o próximo, certamente abriremos espaços para que as nossas diferenças também sejam respeitadas.

O preconceito existe sim, e não é difícil nos depararmos com situações em que os menos favorecidos economicamente são mais uma vez desprezados.

Bom seria se aprendessemos a respeitar o outro como ele é, mas não como nós gostaríamos que ele fosse, independente de cor, raça, sexo, religião e outros. Todos nos somos iguais perante Deus e temos o direito de ir e vim.”

TEXTO III

“Conviver com a diferença é uma realidade longe de se acabar e isto fica nítido quando fala-se das desigualdades sociais no Brasil.

As diferenças sociais é um problema existente não só hoje mais há muito tempo.

Podemos ressaltar alguns como exemplo: o rico ou o pobre, o branco ou o negro? Será que existe diferenças entre essas pessoas?

Como acabar com esse problema que tem sido um grande desafio na sociedade?

No ponto de vista social nota-se as grandes desigualdades existentes entre essas pessoas. Porém isso acontece quando é observado a grandes desvantagens que existe com a população mais pobre e também pessoas com pele mais escura.

O governo deveria dar mais assistência as classes mais baixas, gerar empregos para as pessoas mais carentes e profissionaliza-las, seria um meio de acabar com “certas” diferenças e desigualdades sociais.

Num país étnico, ninguém é tão bom para se sentir melhor que outro, pois ninguém é igual. Porém de uma certa forma todos somos iguais.”

TEXTO IV

“A diferença econômica é fato consumado na vida da maioria dos seres humanos. Pois é quase impossível convivermos, sem ao menos sermos discriminados por essa forma de diferença, principalmente a classe baixa. Isso deve-se a falta de igualdade social que atinge a todos.

Hoje, o Brasil pode dizer que está no rumo certo, na busca de um país desenvolvido. Onde a miséria, a fome e a moradia não são problemas tão evidentes como há algum tempo atrás. De certa forma a nova prática de governo que os políticos vem estabelecendo, interferiu no aumento da miséria, com a criação de programas que viabilizam percentualmente a queda da desigualdade econômica do país. Favorecendo assim, uma das classes que mais sofre com essa diferença, a classe baixa.

Portanto, os projetos do governo que possibilitem a igualdade econômica, sempre serão de grande valia para que o mundo seja um dia economicamente igual para todos.”

TEXTO V

“Vivemos num mundo dito como ‘globalizado’ seja economicamente, etnicamente, socialmente entre pessoas cada dia mais diferente uma das outras.

Diante da “explosão” do conhecimento que aumentou a cada dia com o crescimento educacional, já praticados em países desenvolvidos, passando as nações emergentes a se inserir neste contexto educacional, formando cidadãos cada vez mais interligados ao mundo, com conhecimentos sobre diversas áreas, regiões do mundo, se relacionando através da tecnologia, mas sem contato muitas vezes com seu próprio vizinho, a comunidade onde vive.

Temos um país etnicamente mestiço, onde populações de varias partes do planeta contemplam esse país “continental” criando diferenças, entre regiões através do sotaque forma de se expressar, na religião e suas crenças e a educação com seus desafios de equidar essas diferenças.

A informação partilhada por nossa população através do acesso maior a educação aos meios de comunicação e tecnologia não são capazes de apaziguar as diferenças individuais, por conta da “bagagem” que as pessoas trazem consigo através da educação familiar e estudantil, religiosa, e social, são fatores que formam o cidadão, muitas vezes para não respeitar ao próximo, o colega de turma, de trabalho, seu vizinho, não podemos considerar apenas essa forma de ser, por muitos utilizarem dessas informações e conhecimentos adquiridos para compartilhar com o próximo, agindo eticamente, cordialmente com os outros.

Conviver com as diferenças seja ela de qual modo se apresente, é reconhecer o próximo, respeitar as diferentes culturas existentes, mesmo divergindo de algo mas não desrespeitando.”

No texto I, embora o autor tenha efetivado a correção nos tempos verbais, recurso para que não se deixe de estabelecer a coesão e a coerência sintática e semântica, incorreu num grave equívoco ao afirmar no primeiro parágrafo que os noticiários “apregoam as intolerâncias...” e logo no segundo parágrafo afirmar que “todo esse panorama caótico não tem fundamento” e que “os indivíduos são totalmente iguais em suas necessidades.”. Para um leitor “considerado competente” (ORLANDI, 2008), essa coerência pode até ser estabelecida, mas para um leitor sem essa pertinência, ficará o questionamento sobre o que realmente o autor quis dizer. De que panorama caótico trata o autor? Todos somos iguais em nossas necessidades? Há uma quebra na

coerência textual, pois facilmente o leitor discordará dessas afirmações, haja vista não ter esclarecido que panorama é esse e, pior, afirmar que as necessidades de todos os homens são as mesmas.

A interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, podem ocorrer desencontros. A compreensão também é um exercício de convivência sociocultural. (MARCHUSCHI, 2008, p. 231)

No texto II, também se verificam problemas de coerência logo no primeiro parágrafo, pois o autor somente diz que somos o país da diversidade e que “esses são alguns dos fatores que comprovam tal afirmação”. A que fatores se refere? A que devemos nos remeter para estabelecer o intertexto? Além disso, existem problemas gramaticais, como “raca”, “econômica”, “gostaríamos”, “ir e vim (grifo nosso)” que comprometem a credibilidade textual, pois se espera que um texto escrito por estudante de graduação tenha uma preocupação maior com os aspectos gramaticais. O autor, em seu percurso textual, privilegia a diferença econômica como “fator marcante que rege a nossa sociedade”, mas conclui dizendo que “todos somos iguais perante Deus e temos o direito de ir e vim”. É uma contradição de sentidos, incoerência semântica, que se refere

às relações de sentido entre as estruturas - palavras ou expressões presentes no texto. Uma exigência para que exista coerência semântica é o princípio da **não-contradição**, ou seja, para que um texto seja semanticamente coerente, não deve conter contradição de quaisquer conteúdos, postos ou pressupostos. (KOCH, 2008, p.196)

Questiona-se aqui a utilização da frase final do texto II, cuja afirmação tem mais cunho religioso do que social, proposta colocada para a elaboração dos textos. Se falamos em conviver com as diferenças e o autor do texto deixa prevalecer as diferenças econômicas, equivoca-se ao confundir essas diferenças com a igualdade perante o Divino. Como essa igualdade “perante Deus” pode ser associada à Constituição Federal? O direito de ir e vir está claramente posto na Constituição e o autor nada esclarece sobre essas duas colocações ao final de seu texto.

Quando escreve, o autor deverá perceber se não incorrerá na incoerência temática, perceber se as informações postas em sua escritura realmente são relevantes

para o que está propondo, pois, para que a coerência seja estabelecida de modo eficaz, faz-se necessário que

todos os enunciados de um texto sejam relevantes para o tema ou tópico discursivo em desenvolvimento; ou, se não o forem, que seja possível ao interlocutor perceber, sem dificuldades, a razão de sua presença no texto. (KOCH, 2008, p.196)

O texto IV possui várias incoerências. Nele, o autor afirma que no Brasil “a fome, a miséria e a falta de moradia não são problemas tão evidentes como há algum tempo atrás.” No entanto, no mesmo parágrafo, afirma que a prática governamental fez com que aumentasse a miséria “com a criação de programas que viabilizam percentualmente a queda da desigualdade econômica do país.” Como poderá o leitor remeter a qualquer leitura ou vivência se o autor se contradiz? Em que momento se pode perceber a relevância informativa se o autor não demonstra conhecer o que fala? A coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade ficaram seriamente comprometidas nesse texto, embora não existam problemas gramaticais que interfiram na credibilidade textual.

No texto V, verifica-se que o autor remete o tema à globalização como forma de heterogeneidade social. O leitor pode avaliar o que já foi veiculado nos meios de comunicação de massa, assim como nas diversas situações vividas em seu meio social. Houve confusão ao afirmar que “várias regiões do planeta contemplam esse país ‘continental’”. Resta-nos perguntar: como se pode afirmar isso? Por quais lugares já passou? Quantos países já visitou? Será que convive com pessoas de várias partes do mundo? É sabido que a xenofobia é real. Até mesmo de região para região no Brasil temos casos concretos, a despeito do nordeste, tão discriminado pelos sulistas. Recentemente, a mídia veiculou um depoimento do ator “hollywoodiano” Sylvester Stalone denegrindo a imagem de nosso país na divulgação de seu filme “Mercenários”, gravado no Brasil, seguido de pedido de desculpas aos brasileiros (disponível em <http://papelpop.com/sylvester-stallone-envia-carta-de-desculpas-para-os-brasileiros/>). Houve também um episódio de “Os simpsons”, desenho de tema adulto que acontece no Brasil. Esse episódio intitulado “O Feitiço de Liza” foi veiculado nos Estados Unidos em março de 2002 e no Brasil dezembro do mesmo ano e mostra um lado não muito “tropical” de nosso país, já que o protagonista Homer Simpson é sequestrado e levado à

Amazônia até que o resgate fosse pago, além de mostrar o descaso da polícia em solucionar o caso (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=invBjPmY8iE>).

Percebem-se problemas sintáticos e semânticos nos textos I, II e III, a exemplo de erros ortográficos, como “inadimissível” (texto I), equívocos sintáticos de concordância verbal: “Será que existe diferenças entre essas pessoas?” (Texto III) conjugação verbal equivocada, a exemplo de “Todos os dias e a todo momento nos deparamos com essa situação, sege nas ruas, na escola...” (texto II). A falta de pontuação no último período do texto V torna o entendimento confuso; não é de fácil discernimento a mistura de sotaque, religião, crença e educação.

(...) não se pode separar o léxico e a gramática do conteúdo e da função do texto, quer dizer, o sentido de um texto resulta das propriedades lexicais e gramaticais das palavras que o constituem (ale, é claro, de determinações pragmáticas de seus contextos de produção e circulação).

Não pode existir texto coeso e coerente sem léxico e sem gramática. (ANTUNES, 2010, p. 118)

Além disso, o que vem a ser “equidar”? Seria aquedar? Não se pode saber, restando a dúvida ao leitor, o que faz com que a informatividade do texto seja prejudicada. Estaria ele criando um neologismo ou não conseguiu utilizar corretamente o termo adequado para a frase?

A seleção lexical concorre para o estabelecimento de sua coerência, para a definição de sua unidade semântica. De fato, equivalências, contiguidades, e associações semânticas em um texto constituem a condição de sua unidade e de sua funcionalidade comunicativa. Evidentemente, essa condição é assegurada pelo léxico e pela gramática. Mas não resta dúvida de que o léxico tem uma função significativa na estruturação do texto, na construção de seus sentidos, na definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso. (ANTUNES, 2010, p. 178)

Retoma-se o capítulo III para tratar das margens sensata e subversiva (BARTHES, 2008). Para Barthes, ambas são necessárias para a escritura do texto, porém, é a fenda entre as duas que é erótica. Mas nas análises textuais realizadas neste trabalho, não se percebe a ruptura com a norma como fator de subversividade do autor. Aqui o que se mostra é o desconhecimento da norma culta e não a tentativa de romper com os paradigmas impostos pela academia. A subversividade rompe, mas não torna o discurso insensato, ao contrário do que se pode verificar nos textos analisados.

Eis um estado muito sutil, quase insustentável, do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece no entanto legível: nunca as duas margens da fenda foram mais nítidas e mais tênues, nunca o prazer foi melhor oferecido ao leitor – pelo menos se ele gosta das rupturas vigiadas, dos conformismos falsificados e das destruições indiretas. (BARTHES, 2008, p. 15)

O autor é responsável pelo que diz e deve escrever conforme a formação discursiva a que se propôs. Neste caso, textos escritos por estudantes de graduação para leitores que não pode prever, o que implica dizer que ele não pode desconsiderar a norma e cometer erros de ortografia que não se pode admitir nesse tipo de escritura. Não se tenta neste estudo privilegiar a norma culta em detrimento da coloquial, mas mostrar que ambas devem ser aceitas, “a margem” é que é interessante. Porém, a aceitação de tudo o que é coloquial também não pode ser considerada, já que expressões como a que fiz referência empobrecem e podem tirar a credibilidade do texto.

O autor (o leitor) parece dizer-lhes: *amo a vocês todos* (palavras, giros, frases, adjetivos, rupturas: de cambulhada: os signos e as miragens de objetos que eles representam); uma espécie de franciscanismo obriga todas as palavras a se apresentarem, a se apressarem, a tornarem a partir: texto jaspeado, variegado; estamos entulhados pela linguagem, como crianças a quem nada fosse jamais recusado, censurado, ou pior ainda: “permitido”. É a aposta de uma jubilação contínua, o momento em que por seu excesso o prazer verbal sufoca e oscila na fruição. (BARTHES, 2008, p. 14)

A gramática não deve ser privilegiada em detrimento dos aspectos globais de análise textual, por entender que um texto considerado bem escrito não depende somente de fatores gramaticais. Porém, não há que se admitir a ruptura com a norma culta sem que seja intencional na escritura textual, ou seja, com a intenção do autor em romper com os paradigmas. Após análise dos textos escritos pelos estudantes do 1ºTGT, não se percebe a intenção, mas erro causado pelo desconhecimento das regras gramaticais que deveriam, em tese, conhecer e aplicar por serem apreendidas no decorrer de sua vida escolar. Isso desprivilegia o texto e, conseqüentemente, seu autor. Embora a escritura tenha relevância informativa, os erros gramaticais podem tirar do leitor toda e qualquer credibilidade que depositaria no autor desse texto. O erro não implica necessariamente incoerência textual, porém, a coerência sintática

está relacionada ao conhecimento linguístico dos usuários, isto é, diz respeito ao uso adequado das estruturas linguísticas (em termos de

ordem dos elementos, seleção lexical etc.), bem como dos recursos coesivos que facilitam a construção da coerência semântica, como pronomes, sintagmas nominais referenciais definidos e indefinidos, conectores etc. (KOCH, 2008, p.195)

Fator determinante para a boa escritura do texto é o próprio cuidado com a linguagem, com a língua adequada para ser utilizada, sem que haja interferência não proposital do coloquial frente ao formal. É a coerência estilística, que

determina que, em cada situação interativa, o produtor do texto se utilize da variedade de língua adequada, em termos de léxico, estruturas sintáticas etc. Essa é uma exigência do uso formal da língua. (KOCH, 2008, p. 203)

Um texto, para produzir sentidos, necessita da interação autor/leitor, somente aí ele se completa. Ele não é um produto acabado em si, mas um processo, um acontecimento. Para Marchuschi (2008), os aspectos da textualidade não devem funcionar como leis linguísticas. Para ele, o texto é uma unidade de sentido e não uma unidade linguística.

Não há dúvidas de que podemos nos deparar com artefatos linguísticos incoerentes, não informativos, incompreensíveis etc. Nesses casos, trata-se de inadequações, seja por parte de quem produziu o texto aquele discurso ou de quem o recebeu, ou seja, o suposto texto não chegou a se transformar num evento discursivo comunicativamente relevante. (MARCHUSCHI, 2008, p. 98)

Os textos VI, VII e VIII a seguir, em contraponto à análise dos textos anteriores, mostram claramente que o fator gramatical, mesmo com equívocos, não impediu que o entendimento textual fosse mantido. A interação autor/leitor foi estabelecida, a intencionalidade/aceitabilidade textual foram mantidas. Diferente dos textos anteriores, percebe-se agora a unidade temática proposta, os autores evitaram recorrer ao senso comum para a construção de seus textos; buscaram situar sua escritura estrategicamente, tornando-a adequada textualmente. Agora, a intertextualidade pode ser claramente observada, o leitor pode remeter essa leitura a outras já feitas. É o intertexto colocado em prática:

O que se pode dizer é que a intertextualidade, mais do que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado. E

esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação. (MARCHUSCHI, 2008, p. 132)

TEXTO VI

“O homem é um ser social, portanto vive em grupo desde o seu surgimento, porém, seu maior desafio tem sido conviver com as diferenças.

O cérebro humano é o único que em seu complexo mecanismo apresenta o fator consciência, esta singularidade atuante nos humanos é que os faz capazes de formar conceitos de uma mesma realidade gerando assim os conflitos raciais, sociais, culturais e intelectuais.

Diante dessa diversidade de pensamento, opiniões e conceitos a cultura de cada grupo adquiriu diversas formas de expressão.

O desafio é como conciliar as individualidades sem renunciar as particularidades?

Emfim a convivência não é a ausência de conflitos mas a capacidade de valorizar os in considerando suas semelhanças como espécie e suas diferenças como sujeitos aperfeiçoando assim a sua sociabilidade.”

TEXTO VII

Diferenças e igualdade na formação cultural do Brasil

“O Brasil possui uma formação singular, resultante de uma rica pluralidade cultural. As diferenças culturais tanto possibilitam novas formas de convívio social quanto desumanos processos de exclusão.

A formação histórica brasileira é fruto de um conflito de referências sociais e culturais que construíram ao longo do tempo modos de viver coletivamente, de se relacionar em meio a diversas linguagens, religiões, valores e manifestações artísticas.

A diferença quando encarada de forma positiva, soma-se ao valor da igualdade, porém, alguns grupos acumulam riquezas materiais, poder e prestígio em detrimento dos outros. Um caso que ilustra bem este processo é a dominação e exploração dos índios e escravos por um longo período da história.

Toda a pluralidade cultural constitui nosso maior patrimônio. Entretanto, a discriminação, preconceito, intolerância e as desumanas desigualdades sociais

afetam a manifestação de pluralidade positiva. Devemos aceitar e encarar com bons olhos as diferenças para melhor aproveitarmos a riqueza resultante do acúmulo de culturas e experiências existentes no Brasil.”

TEXTO VIII

“O multiculturalismo trouxe ao longo do tempo grandes vantagens à sociedade, tanto para a organização quanto para o seu desenvolvimento, pois através da troca de conhecimentos entre as diferentes culturas existentes foram alcançados grandes avanços em prol da humanidade.

Desde a pré-história passando pela antiguidade e chegando até a história contemporânea observamos este desenvolvimento, seja na fabricação de ferramentas, como na organização da sociedade ou na criação de tecnologias de ponta é notada a grande importância da relação intelectual na sociedade.

Grandes descobertas da ciência na área da medicina, por exemplo, tem sua fundamentação nos conhecimentos que os povos indígenas detêm sobre as plantas medicinais e seus efeitos benéficos ao ser humano. Dados estatísticos comprovaram que entre as vinte drogas mais vendidas nos EUA na década de 80, apenas sete não derivaram diretamente de produtos materiais (FDA).

No contexto, é observada a importância que devemos ter em conviver com as diferenças étnicas e culturais, e principalmente em ajudar a preservá-las, pois toda evolução advém da boa relação entre as diferenças existentes na sociedade.”

A leitura dos textos acima mostra que a prática interpretativa remete a entendimentos diversos. Nenhum texto é completo em si. As diversas interpretações feitas são consideradas desleituradas, já que o são por diferentes leitores, repletos de influências institucionais e ideologias. Assim, nenhuma leitura deve ser desconsiderada, e a questão passa a ser a sua legitimação, que produz diferentes leituras e desleituradas de textos:

Interpretes são capazes de descobrir aspectos e implicações de um texto que intérpretes anteriores negligenciaram ou distorceram. Eles podem usar o texto pra mostrar que leituras anteriores são na verdade desleituradas mas suas próprias leituras serão consideradas deficientes por intérpretes posteriores. A história das leituras é uma história de desleituradas, embora sob certas circunstâncias essas desleituradas possam ter sido aceitas como leitura. (CULLER, 1997, p.202-03).

Após análise dos textos redigidos em sala, a turma do 1º TGT foi convidada a postar no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com, criado por mim para as postagens dos estudantes. Todas as aulas passaram a acontecer no Laboratório de Línguas, com estrutura de áudio, vídeo e equipada com 25 computadores, todos conectados à internet. Os encontros tiveram a duração de quatro horas semanais. O novo tema dado aos alunos foi “Desenvolvimento e preservação: como conciliar os interesses em conflito?”, dessa vez voltado ao próprio curso, a fim de que fosse feita pesquisa bibliográfica e posterior redação sobre o tema. Como os estudantes já estavam pesquisando sobre biomas nas disciplinas específicas, foi autorizada a postagem, também, dessas pesquisas, no intuito de verificar como se dava a escritura desses alunos frente às demais disciplinas. As postagens foram feitas nos meses de novembro e dezembro e todos os textos foram sendo construídos e comentados sempre na aula subsequente à da postagem. No início, alguns estudantes realizaram postagens que não estavam na proposta dada, a exemplo de “Ética e responsabilidade”, devidamente comentado e orientado a mudança a seu autor. Dentre as postagens, verificaram-se dois poemas acerca do tema. Embora orientados a elaborar textos argumentativos, as análises e os comentários devidos foram feitos. Desses textos, foram selecionados oito cujos autores são os mesmo dos textos redigidos em sala de aula. Na sequência abaixo, os textos foram enumerados de acordo com a autoria dos textos anteriores.

TEXTO I

POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO TURISMO

“Segundo Rodrigues (2000, p. 10), o turismo como um essencial fenômeno, é um dos grandes causadores pelos impactos ambientais negativos. O turismo por ser uma atividade econômica, gera impactos devastadores que muitas vezes são irreversíveis e, como o mesmo não sobrevivi sem o meio ambiente, é imprescindível a implantação de novas políticas públicas que protejam o ambiente natural. Pois, as constantes mudanças ambientais nas últimas décadas, têm transformado grande parte das paisagens naturais em belas construções arquitetônicas, visando apenas o sucesso empresarial e os fins lucrativos.

O turismo vem conquistando um espaço cada vez maior no mundo hodierno. Também, sua dinâmica movimenta uma parte bastante significativa da economia brasileira.

Partindo dessa perspectiva, a globalização contribuiu (e ainda contribui), com o crescimento gradativo no planejamento e na gestão pública no Brasil. Pois, as novas diretrizes das políticas balizam-se na análise da capacidade de manejar o enfoque do desenvolvimento para as necessidades turísticas, além de priorizar a definição de estratégias globais, que assegurem a Democracia Participativa, onde a equidade das ideias, tanto ambientalista quanto assistencialista, seja o fator norteador dessa dicotomia.

Por um lado, há a necessidade de ampliar as rotas comerciais, expandir a economia, desenvolver o país, maximizar o saldo da Balança Comercial Interna e diminuir o déficit econômico. Porém, essa busca desenfreada e não planejada desencadeia uma avalanche de conseqüências maléficas ao meio ambiente, degradando toda a sua biodiversidade, devido às alterações dos ecossistemas, a partir do comportamento antrópico.

Ora, mas como é possível continuar usufruindo dos recursos naturais (sabendo-se que eles são exauríveis) sem que tenha um planejamento estratégico, exequível e eficaz? Será que a população ainda permanecerá inerte, diante desta situação?

A equidade na relação: Desenvolvimento Econômico X Preservação Ambiental é possível. Basta para tanto, alinhar os interesses políticos e comerciais com medidas ambientalistas, bem como implementar indicadores de desempenho, para que os órgãos competentes fiscalizem e cobrem os resultados.

Dessa forma a oferta turística será naturalmente absorvida pelo comportamento exigente da demanda turística em potencial; i. é., o turista.”

Em busca realizada na internet, não foi possível identificar se o texto I, “Políticas públicas aplicadas ao turismo”, é cópia de texto já publicado. Logo no início, o autor fundamenta suas ideias com uma citação de autor da área, o que pressupõe pesquisa realizada para a elaboração do texto. Defende a ideia de que o turismo é um dos grandes responsáveis pela degradação da natureza. No entanto, não especifica de que turismo fala, pois o turismo urbano difere do ecoturismo; o leitor aqui facilmente entenderá que uma viagem de turismo a um grande centro urbano, por exemplo, causará grande impacto ao meio ambiente. Isso pode ser comprovado no final do parágrafo, quando o autor afirma que “as constantes mudanças ambientais nas últimas décadas, têm transformado grande parte das paisagens naturais em belas construções

arquitetônicas, visando apenas o sucesso empresarial e os fins lucrativos.” Questiona-se aqui o fato mansões construídas em ‘paraísos’ e com fim exclusivo de uso para poucas pessoas. O autor deveria indicar locais onde isso de fato acontece, a fim de que o leitor pudesse remeter aos espaços geográficos e efetivar o intertexto. Fica a dúvida acerca do turismo como fator de paisagens transformadas em construções para o sucesso empresarial. Reitera-se a dúvida gerada sobre o que vem a ser turismo urbano e turismo ecológico.

No terceiro parágrafo, o autor cita a globalização como norteadora da compatibilidade entre turismo e preservação. O autor não contextualiza a globalização, nem se refere a ela antes. De que forma ela interfere no Brasil? A que novas diretrizes políticas se refere? O que vem a ser ‘equidade das ideias, tanto ambientalista quanto assistencialista? Aqui não se tem a coerência textual, haja vista não ser possível discernir sobre ‘ambientalista e assistencialista’ como ideias relativas ao tema proposto. O leitor deixa de interagir com a escritura desse autor, por não poder perceber a intenção daquele que escreve. Os processos de significação possíveis deixam de existir e é

pela reflexão sobre a determinação histórica desses processos que vemos a (produção da) leitura como parte constitutiva deles. Quer dizer: quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar social e com uma direção histórica determinada. (ORLANDI, 2008, p. 101)

Gramaticalmente, encontram-se diversas inconsistências, tais como a conjunção ‘pois’ logo após um ponto e seguida de vírgula, erros ortográficos, como, por exemplo, de ‘sobrevivi’, em “o mesmo não sobrevivi sem o meio ambiente”, o uso inadequado da vírgula separando o sujeito do predicado, como em “as constantes mudanças ambientais nas últimas décadas, têm transformado grande parte das paisagens naturais”, dentre outros.

Percebe-se que, embora tenha tido a internet para pesquisar sobre o tema proposto, o autor parece não ter conseguido assimilar minimamente o que foi lido para a construção de seu texto, uma vez que diversas ideias são colocadas, mas sem conexão entre si.

O último parágrafo gera no leitor dúvidas acerca do objetivo central do autor, já que o inicia afirmando sobre a compatibilidade entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Em nenhum momento o autor argumentou sobre isso no texto. No último período da conclusão, o autor afirma que “Dessa forma a oferta turística será naturalmente absorvida pelo comportamento exigente da demanda turística em potencial; i. é., o turista.” Não existe relação anterior entre esses dois assuntos; resta ao leitor tentar entender o que vem a ser “potencial; i. é., o turista”.

TEXTO II

Turismo sustentável



“Hoje em dia vivemos em meio às poluições, utilizamos os recursos naturais para atender nossas necessidades e na maioria das vezes nem nos damos conta de que o estamos fazendo. Só lembramos que tudo parte da natureza quando paramos para ouvir os noticiários que imploram à população que cuide do meio ambiente e desses recursos. Vivemos em meio às poluições, utilizamos os recursos naturais para para que não se esgotem. Ou quando se ouve falar em sustentabilidade, que é um assunto bem comum atualmente.

Uma atividade que utiliza muitos recursos naturais é o turismo, que faz da natureza pontos turísticos e exige construções com infra-estrutura para receber os visitantes. Porém, tem uma série de propostas para amenizar esses impactos, de maneira a conciliar preservação da natureza com a expansão do turismo.

O turismo sustentável é uma maneira de manter essa infra-estrutura sem atitudes ofensivas ao meio ambiente, atendendo as necessidades dos turistas e dos locais que os recebem de maneira simultânea, fazendo o necessário para atender a economia, a sociedade e o ambiente sem desprezar a cultura regional, a diversidade biológica e os sistemas ecológicos que coordenam a vida.

O parque da Cidade Governador José Rollemberg Leite é uma das últimas reminiscências de Mata Atlântica em Aracaju, ocupa a área do Morro do Urubu, e

é uma APA Estadual (Área de Proteção Ambiental). Por sob as copas das árvores e uma estonteante vista de Aracaju, também há um monte de atividades pelas quais não é necessário pagar. Onde diversas trilhas que contem a mata atlântica. Inaugurado em 1979, mais conhecido como Parque da Cidade, localizado no bairro Industrial, zona norte de Aracaju, abrange uma área de 674 mil metros quadrados e abriga a única reserva de Mata Atlântica da capital. É um atrativo natural que recebe um fluxo elevado, onde é praticado o ecoturismo tendo como consequência um turismo sustentável.”

O texto II, “Turismo sustentável”, possui parágrafos compilados, com mínimas alterações referentes a vocábulos e encontrados em pesquisa feita, disponível em <http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/turismo-sustentavel-o-que-e-turismo-sustentavel/>. Somente o último parágrafo não é cópia fiel do que foi encontrado. No texto original, o autor se refere ao Brasil e a diversos países e o do autor do texto II a Aracaju, mais especificamente ao parque da Cidade Governador José Rollemberg Leite, e sem nenhuma referência bibliográfica que remetesse ao texto original. Nesse parágrafo, a ‘autora’ utiliza dados disponíveis em <http://www.qype.com.br/place/331017-Parque-da-Cidade-Aracaju>, mas não o transcreve na íntegra.

Após a leitura do texto, somente o último parágrafo será analisado, por ser o único com trechos escritos pelo “autor”. Percebe-se que houve a exclusão de parágrafos originais, os quais serviam de ponte para a coesão e para a coerência textuais. No texto original, temos a contextualização sobre o que é turismo sustentável, para que fossem dados os exemplos de lugares no Brasil e no mundo em que essa prática vem sendo adotada. No parágrafo do “autor”, não é possível perceber nenhum elo de coerência entre o que criou e o restante do texto. Não houve sequer a preocupação em utilizar elementos coesivos para criar o liame entre os parágrafos. Até mesmo entre os períodos do último parágrafo temos problemas de coesão, uma vez que partes foram omitidas e não houve a devida reescritura para que o sentido fosse mantido.

TEXTO III

Desenvolvimento e preservação ambiental

“A medida em que o tempo passa são construídas novas ruas, estradas, usinas, cidades, máquinas, e tecnologia tudo isso para melhorar a qualidade de vida do ser humano. Mas infelizmente o progresso da forma como vem sendo ocorrendo tem prejudicado o meio ambiente.

O crescimento de forma sustentável é importante para nos assegurar que as gerações futuras tenham a disposição os recursos naturais necessários para sua sobrevivência, portanto é de extrema importância a preservação do meio ambiente para o nosso planeta.

O futuro dos recursos naturais encontra-se ameaçado porque a sociedade vem acelerando o ritmo de mudanças na terra e com isso diminuindo a biodiversidade natural do nosso planeta. Essas mudanças acarreta a concentração de gás carbônico na atmosfera, poluição dos rios, lagos, zonas costeiras, baías e desmatamentos contínuos. Todos esses fatores são as principais causas da degradação e desaceleração dos processos naturais dos ecossistemas no nosso planeta.

O desenvolvimento sustentável é muito importante não só para o planeta mas também para toda população, porque além de garantir e atender as necessidades atuais, ele não esgota os recursos para o futuro. Para esses objetivos serem alcançados é necessário um planejamento que se fundamente no reconhecimento de que os recursos naturais são finitos. A sustentabilidade sugere de fato a qualidade e não a quantidade defendendo a redução do uso de matérias - primas e produtos, aumentando a reutilização e a reciclagem.

Portanto para ocorrer o desenvolvimento sustentável é necessário a conscientização e educação ambiental da população e dos grupos econômicos que é vital e indispensável para natureza e isso só será possível com a participação da sociedade.”

No texto III, “Desenvolvimento e preservação ambiental”, uma das referências bibliográficas utilizadas não foi encontrada. Ao buscar <http://jusvi.com/artigos/4061>, o que encontrei foi: “STJ: fracassa nova tentativa do cantor Belo fazer shows fora do Rio.” Isso compromete a análise textual, já que não se pode identificar se houve cópia

ou não de algum texto. Além disso, compromete a credibilidade da autora, que cita a referência equivocadamente.

Percebe-se que a autora utilizou argumentos coerentes e desenvolveu o tema de forma clara e concisa. No entanto, o aspecto gramatical compromete a seriedade da proposta textual. São erros gramaticais que se acredita não serem encontrados em textos de estudantes de graduação, por serem vistos em todo o decorrer da vida escolar desses estudantes: “Essas mudanças acarreta...” “...necessário a conscientização e educação ambiental da população e dos grupos econômicos que é vital e indispensável...”.

Ressalta-se que esse texto, assim como todos os demais, foram escritos a partir de trabalhos realizados nas diversas disciplinas do curso de Gestão de Turismo do IFS e postados em blog com acesso a todos os internautas.

Ao iniciar com “A medida em que o tempo passa...”, a autora anuncia a falta de precisão característica de um texto de cunho científico. “O futuro dos recursos naturais encontra-se ameaçado porque a sociedade vem acelerando o ritmo de mudanças na terra...” a que mudanças a autora se refere?

No último parágrafo, embora a autora retome o tema proposto, afirma que a “conscientização e educação ambiental da população (...) só será possível com a participação da sociedade.” Ora, se é “a educação ambiental da população”, somente é possível se for com a participação da sociedade. Essa redundância resulta em pleonismo vicioso.

TEXTO IV

TURISMO SUSTENTÁVEL

“O conceito de turismo sustentável inclui estratégias, atividades e práticas de negócio ambientalmente responsáveis, atendendo às necessidades do visitante, do operador e do empreendedor do setor. O foco da atividade está dirigido aos cuidados de proteção, sustentabilidade e valorização dos recursos utilizados, sendo esta uma prioridade global, edificada em princípios e critérios básicos. A estrutura deve ser capaz de gerar a "excelência ambiental".

A fim de se identificar um processo turístico ecologicamente adequado, têm-se buscado definições que orientem estudiosos, empresas e viajantes quanto à real característica de uma viagem de ecoturismo. Essa discussão tem gerado teorias as

mais variadas, criando idéias diversas no que se refere às responsabilidades dos viajantes e empreendedores de um produto ecoturístico.

The Ecotourism Society define o ecoturismo como "a viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local" (HAWKINS, 2001).

O fato de de ecoturismo ser uma atividade econômica implica a geração de lucro. Portanto, à compreensão do empreendedor na manutenção do espaço natural é preciso aliar a possibilidade de sobrevivência de seu negócio, o cuidado com espaço onde se insere do ponto de vista ambiental e cultural, a formação de uma cultura ecológica e o desenvolvimento a ser legado às comunidades envolvidas.

O turismo sustentável necessita da manutenção direta do local a ser visitado, que vem agradar ao turista de forma que o meio não seja degradado. Sendo esse turismo ligado a outras formas de turismo, como o turismo de natureza, ecocientífico, ambiental, de aventura e o rural.

Hoje há várias formas de conceituar ecoturismo, pois ele abrange diversos tipos de turismo, como citado acima, onde o dever de cuidar do meio é de todos, deixando de ser responsabilidade exclusiva do Estado.

Portanto, o turismo deve focalizar-se na integração de valores ambientais, culturais, sociais e econômicos, favorecendo o bem-estar das pessoas envolvidas no processo.”

O texto IV, “Turismo Sustentável” está disponível no livro Ecoturismo, um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul, por Álvaro Luis de Melo Machado, disponível em <http://books.google.com.br/>, acesso em 10 de fevereiro de 2010. Não é possível analisar o texto, já que não é de autoria do estudante de Gestão de Turismo do IFS.

TEXTO V

“A expressão “impacto ambiental” teve uma definição mais precisa, nos anos 70 e 80, quando diversos países perceberam a necessidade de estabelecer diretrizes e critérios para avaliar efeitos adversos das intervenções humanas na natureza.

A definição jurídica de impacto ambiental no Brasil vem expressa no art. 1º da Res. 1, de 23.1.86 do CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, nos seguintes termos: “considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas, que direta ou indiretamente, afetam-se: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e a qualidade dos recursos naturais”.

O Impacto ambiental é a alteração no meio ou em algum de seus componentes por determinada ação ou atividade. Estas alterações precisam ser quantificadas, pois apresentam variações relativas, podendo ser positivas ou negativas, grandes ou pequenas. O que caracteriza o impacto ambiental, não é qualquer alteração nas propriedades do ambiente, mas as alterações que provoquem o desequilíbrio das relações constitutivas do ambiente, tais como as alterações que excedam a capacidade de absorção do ambiente considerado.

Conforme estudo realizado com colegas de turma para trabalho a ser apresentado na disciplina de Ecologia e Turismo do 1º tgr2, orientado pelo então professor Claudio R. Braghini, foi estudado alguns efeitos das atividades humanas nos sistemas de água doce, onde mostra de maneira significativa a interação que deve ocorrer ao planejar grandes obras que venham a interferir de maneira significativa na natureza e no dia a dia das pessoas. Conforme citação proferida por, Meyer (2000) onde enfoca que, para esta ótica, o conceito de desenvolvimento sustentável apresenta pontos básicos que devem considerar, de maneira harmônica, o crescimento econômico, maior percepção com os resultados sociais decorrentes e equilíbrio ecológico na utilização dos recursos naturais.

O desenvolvimento Sustentável que hoje tem sido tema de discursões em nível mundial, abrange cada dia mais localidades, seja através da tecnologia, da intervenção do estado através da criação de mecanismos de organização e controle no que se refere a desenvolvimento “consciente” que sabe o que faz, a tecnologia e o conhecimento se espalham em grande velocidade, mesmo encontrando dificuldades em algumas instâncias e localidades interioranas onde já é perceptível a mudanças de hábitos das pessoas com pequenos gestos como organizar o lixo e com a economia da água.

A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental.

Aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às próprias necessidades. Em 1987, a Comissão Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) divulgou o documento “Nosso Futuro Comum” (Our Common Future), que também ficou conhecido como Relatório Brundtland (em homenagem à então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, que liderou a comissão). De acordo com este relatório, o desenvolvimento sustentável precisa assegurar-se em algumas medidas, tais como: a limitação do crescimento populacional, a garantia de oferta de alimentos, a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas, o desenvolvimento de tecnologia na busca de fontes de energia renováveis e o adequado manejo dos resíduos industriais. Tal desenvolvimento deve envolver tanto os poderes público, privado, quanto a sociedade civil, contribuindo para a melhoria das condições de vida da população e a preservação do meio ambiente.

Efeito das atividades humanas nos sistemas de água doce

Quatro modos principais:

Primeiro, barragens, desvios ou canais fragmentados quase 60% dos 237 maiores rios do mundo. Eles alteram e destroem os habitats de vida selvagem ao longo dos rios e nos deltas e estuários costeiros reduzindo sua vazão de água.



Segundo, barragens e diques construídos ao longo de rios para controlar enchentes alteram e destroem os habitats aquáticos.



Terceiro, cidades e plantações, adicionam poluentes e excesso de plantações adicionam poluentes e excesso de nutrientes vegetais nas proximidades de riachos e rios.

Quarto, muitas áreas interiores alagadiças tem sido drenadas ou aterradas para agriculturas ou cobertas com concreto, asfalto e construções.”

O texto V, “Desenvolvimento Sustentável”, é um recorte de vários textos já publicados e disponíveis em:http://www.unemat-net.br/artigos/fot_18artigo4.pdf, http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/ e <http://www.crescer.org/glossario/d.htm>.

Somente os parágrafos 4 e 5 não foram encontrados em pesquisa feita na internet. Neles, o “autor” comete vários erros gramaticais, a exemplo de “foi estudado alguns efeitos das atividades humanas nos sistemas de água doce”, “Conforme citação proferida por, Meyer (2000) onde enfoca...”, “discurções em nível mundial”, além da ausência de acentos gráficos em diversas palavras. Percebe-se nitidamente a diferença do cuidado com linguagem nas compilações e nos parágrafos escritos pelo “autor”.

Nota-se que o “autor”, embora tenha feito cópias de diversos textos, procurou estabelecer a coesão entre os parágrafos, delimitando o desenvolvimento sustentável e os impactos do homem nos sistemas de água doce. O equívoco foi misturar os parágrafos em que trata amplamente de desenvolvimento sustentável com os que tratam da água doce e não creditar a autoria dos fragmentos copiados. Somente no final do texto o “autor” retoma o “Efeito das atividades humanas nos sistemas de água doce” em forma de tópicos.

TEXTO VI

Desenvolvimento e preservação: como conciliar

“Nos anos 70 o meio ambiente enfrentava uma imensa onda de devastação provocada pela crescente procura da sociedade por ambientes naturais em busca de lazer e interação com a natureza, conseqüentemente o setor econômico vislumbrou um vasto campo para grandes empreendimentos turísticos e comerciais . Diante de tal fato, movimentos ambientalistas se fortaleceram e iniciaram um processo de despertar da sociedade para o uso indevido e irresponsável dos recursos naturais acionando uma reflexão sobre a relação do

homem e a natureza como afirma Kinker, Sonia 2002 "Nos anos 70 ,com o fortalecimento dos movimentos ambientalistas que alertavam para o mau uso dos recursos naturais a relação entre o homem e o meio ambiente começou a ser repensada" Esses movimentos alavacaram uma reavaliação do significado de desenvolvimento que até então focalizava os aspectos econômicos como prioridade ,desmerecendo a importância do equilíbrio ecossistêmico para a preservação da vida Wall1997 afirma"Em nível mundial , o significado de desenvolvimento evoluiu de crescimento econômico para uma definição mais ampla , que inclui também os aspectos social e ambiental .Sua medida incorpora indicadores de pobreza , desemprego e desigualdades sociais."

O relatório recém publicado do PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – conhecido como GEO-3 (Panorama Ambiental Global), foi preparado para facilitar o balanço da saúde ambiental do planeta e estimular os debates sobre os rumos da política ambiental nos próximos anos, visando evitar desastres ambientais e seus severos impactos sobre as populações indefesas.O Relatório aponta para os principais problemas que estão afligindo a humanidade:

§ A concentração de gás carbônico na atmosfera é um dos fatores que provoca o efeito estufa , o consumo crescente de combustíveis fósseis, a produção de cimento e a combustão de biomassas, nos últimos anos, causou a extensão dos danos à camada de ozônio que alcançou um nível alarmante, estimando-se o “buraco” no ano 2000, de 28 milhões de km² somente na região antártica;

§ A crescente escassez de água potável: o desenvolvimento industrial e a expansão da agricultura irrigada verifica-se uma oferta limitada de água potável distribuída de forma muito desigual. O Relatório do PNUMA estima que 40% da população mundial sofre de escassez de água, já a partir da década dos 90. ;

§ A degradação dos solos por erosão, salinização e o avanço contínuo da agricultura irrigada em grande escala e os desmatamentos, remoção da vegetação natural, uso de máquinas pesadas, monoculturas e sistemas de irrigação inadequados, além de regimes de propriedade arcaicos, contribuem para a escassez de terras e ameaçam a segurança alimentar da população mundial;

§ A poluição dos rios, lagos, zonas costeiras e baías tem causado degradação ambiental contínua por despejo de volumes crescentes de depósitos de resíduos e dejetos industriais e orgânicos.

§ Desmatamentos contínuos – o Relatório do PNUMA estima uma perda total de florestas, durante os anos 90, de 94.000km², ou seja, uma média de 15.000km² anualmente, já abatendo as áreas reflorestadas. Emblemático a respeito é a devastação da Mata Atlântica da qual sobraram somente 7%, segundo levantamento patrocinado pela SOS Mata Atlântica. Uma das conseqüências do desmatamento é a destruição da biodiversidade, particularmente nas áreas tropicais.

Diante dos impactos acima relatados é notória a falta de responsabilidade e compromisso da sociedade mundial com o meio ambiente, usufruindo dos recursos naturais de forma abusiva em prol de um desenvolvimento econômico que tem enriquecido os grandes empreendedores e mantido os índices de desemprego mais baixo, porém os recursos vitais como, água, oxigênio, alimentação vegetal e animal, sem esquecer da estabilidade climática que ocupa lugar relevante no equilíbrio dos ecossistemas favorecendo a preservação da vida na terra tem sido posto em último plano. Essa realidade tem despertado nos ambientalistas, profissionais do turismo, principalmente os do segmento ecoturístico, amantes da natureza e todo corpo acadêmico envolvido com os problemas ambientais, o interesse por estudos concernentes a um desenvolvimento menos impactante o chamado sustentável na tentativa de conciliar o crescimento econômico com a preservação e conservação do meio ambiente. "Sustentabilidade representa promover a exploração de áreas ou o uso de recursos planetários (naturais ou não) de forma a prejudicar o menos possível o equilíbrio entre o meio ambiente e as comunidades humanas e toda a biosfera que dele dependem para existir. ABREU(2008) pontos elementares da sustentabilidade visam à própria sobrevivência no planeta, tanto no presente quanto no futuro. O desenvolvimento sustentável é fundamentado na utilização de fontes energéticas que sejam renováveis, em detrimento das não renováveis como por exemplo os investimentos que vem sendo adotados no Brasil com relação ao biocombustível, que por mais que não tenha mínima autonomia para substituir o petróleo, ao menos visa reduzir seus usos, considerando sempre a importância do uso moderado de toda e qualquer fonte renovável, nunca extrapolando o que ela pode render. Em um quadro mais geral, pode-se fundamentar a sustentabilidade ambiental como um meio de amenizar (a curto e longo prazo simultaneamente) os danos provocados no passado. A indústria também pode abraçar a preservação adotando fontes de energia limpas,

aproveitamento do gás liberado em aterros sanitários, dando energia para populações que habitam proximamente a esses locais, extração cem por cento renováveis de seus produtos como ocorre em algumas empresas brasileiras de cosméticos e o replantio de áreas degradadas, assim como a elaboração de projetos que visem áreas áridas e com acentuada urgência de tratamento .

Emfim , é possível o setor econômico mundial desenvolver-se conciliando seus interesses com a preservação ambiental e social reconhecendo a vitalidade dos recursos naturais e suas limitações , alicerçando-se num planejamento que não vise somente a maximização dos lucros mas também a responsabilidade socioambiental.”

Já o texto VI, “Desenvolvimento e preservação: como conciliar”, foi parcialmente escrito pelo autor, que copiou somente dados referentes ao relatório PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/014/14crattner.htm>. No parágrafo redigido pelo estudante, percebe-se que houve coerência no que foi posto e que a ideia central do texto foi trabalhada de forma clara e objetiva. No entanto, os graves erros gramaticais, assim como os identificados nas análises anteriores, prejudicaram a credibilidade da escritura. Não se pode admitir que um estudante de graduação cometa equívocos como “inresponsável”, pois, embora coerente, suscita no leitor a dúvida sobre o que foi escrito.

TEXTO VII

Azulejaria Portuguesa de Estância: Beleza e degradação

“Este blog tem proporcionado aos seus seguidores preciosas informações sobre nosso patrimônio natural, a postagem de hoje fará uma abordagem sobre os Azulejos Portugueses de Estância, rica herança do patrimônio material sergipano.



A Arte azulejar está presente em diversas regiões brasileiras representando um período áureo, onde o poder em muitos casos era demonstrado através da construção de imponentes casarões e sobrados, muitos se destacando pelas suas

fachadas revestidas com azulejos portugueses, que além da beleza estética proporciona proteção e um clima mais ameno no interior das construções. Conseqüentemente o Brasil conta hoje com um rico acervo de azulejos que proporciona um tom clássico e colorido configurando-se em verdadeiras obras de arte expostas ao ar livre, sendo contempladas pela população local e turistas que transitam diariamente pelas diversas cidades históricas espalhadas pelo País.

Os azulejos foram aplicados nas fachadas de caprichados projetos arquitetônicos como casarões e sobrados estancianos inspirados nos estilos neoclássico, eclético e gótico. Muitas destas construções tinham dupla função, pois além de funcionar como casa comercial no térreo, tinha no pavimento superior a moradia do comerciante e sua família.

As imponentes fachadas azulejadas simbolizavam a riqueza material da fidalga sociedade estanciana, mas sua função mais nobre foi inspirar os diversos artistas, escritores e intelectuais como José de “Dome”, Gilberto Amado e Gumercindo Bessa, que caracterizam Estância como “a cidade berço” da Cultura sergipana, com sua beleza clássica e colorida, os azulejos refletem um momento de riqueza econômica e cultural da história estanciana.

Estância possui um rico acervo de azulejos, porém, encontra-se em precário estado de conservação, esta degradação não se deve apenas à ação do tempo, deve-se também à ação humana que por ignorância e em muitos casos falta de respeito perante um patrimônio histórico degradam o bem. Logo, é necessário com urgência ações de restauração, além da promoção de educação patrimonial para conscientizar a população e proprietários dos bens da necessidade de conservação, além de promover atividades que visem à valorização do patrimônio histórico que herdaram e passarão para as futuras gerações.”

Não foi encontrado nenhum texto nas pesquisas realizadas na internet que identifique que o texto VII, “Azulejaria portuguesa em Estância: beleza e degradação” é cópia de texto já publicado. No entanto, o autor não escreveu sobre o tema proposto “Desenvolvimento e preservação: como conciliar os interesses em conflito?”, mas sobre patrimônio cultural, não trabalhado com os estudantes em sala de aula. Deve-se entender que o estudante não foi capaz de assimilar o tema proposto? Por que reportou a um tema diverso do proposto?

Esse texto, embora tenha fugido ao tema, possui escritura coerente, que remete o leitor para a história do Brasil, mais especificamente para os casarões e sua arquitetura. Na construção textual, o autor busca fazer um apanhado histórico sobre os casarões antigos no Brasil, para contextualizar Estância, cidade sergipana, em seu texto. Houve a interação autor/leitor, pois mesmo aqueles que desconhecem a arquitetura antiga, podem aludir a imagens veiculadas na mídia sobre o assunto, seja em reportagens ou até mesmo em novelas veiculadas pelas emissoras de televisão. As frases assim postas podem ser colocadas num contexto maior, transformando essa escritura em um texto de prazer, já discutido no capítulo 2. Os sentidos foram produzidos e podemos relacionar o texto com vários conhecimentos já adquiridos:

Sendo uma atividade de produção de sentidos colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para se compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido. (MARCHUSCHI, 2008, p. 233)

No entanto, se compararmos essa escritura àquela que se deu em sala de aula, percebe-se que não há equivalência entre a forma de composição textual, de utilização de argumentos, pois no texto postado no blog o estudante, além de não escrever sobre o tema proposto, utiliza termos diferentes de sua primeira escrita, o que nos leva a questionar se esse estudante é mesmo o autor do texto postado no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com.

TEXTO VIII

Desenvolvimento e preservação, uma questão de educação

“Vivemos em um mundo onde o consumismo está acima de tudo, e para onde vai o passivo desse consumo? A palavra chave para responder a essa questão é a conscientização, expressão que deveria ser ensinada apartir dos primeiros anos escolares, uma política de educação ambiental seria a forma mais correta para que venhamos a ter adultos com uma visão mais preservacionista e conservacionista com relação aos recursos naturais cada vez mais escassos, por conta da indiferença

de governos, empresários e dos próprios consumidores, onde todos são responsáveis pela atual situação que o Planeta se encontra.

Tudo que o ser humano produz e posteriormente consome vai parar no meio ambiente, com isso grandes impactos ambientais estão ocorrendo, como por exemplo: mudanças climáticas e desastres ambientais que são resultados desse passivo não administrado por seus maiores responsáveis, ou seja, o homem; onde o lucro está em primeiro lugar e o “desenvolvimento sustentável”, apenas um clichê para vender produtos ou porque está na moda.

Os ecossistemas existentes na natureza são importantíssimos para manter a vida na Terra; seja na produção de oxigênio por parte das algas marinhas existentes nos ecossistemas marinhos ou na preservação e conservação da megadiversidade presente nos diferentes biomas terrestres, onde a emissão de poluentes, o avanço da urbanização, desmatamentos, acidentes ambientais, o turismo de massa, entre outros, são fatores indiscutivelmente negativos, resultado da ação predatória do homem na natureza.

Sendo assim para mudarmos essa situação devemos conscientizar-nos sobre a grande importância da questão ambiental, e para que isso aconteça; governos, empresários, ONGs, associações de classe e a população em geral, devem unir-se para a construção de um projeto que venha a resolver esses problemas que assolam o Planeta e acabam por comprometer o futuro da existência humana, e assim mudarmos esse curso negativo da história da humanidade.”

O texto VIII, “Desenvolvimento e preservação: uma questão de educação”, ao que parece, também não é cópia de textos já prontos e disponíveis para consulta na web, já que nada encontrei após pesquisa realizada. Nesse texto, o autor coloca o leitor frente a uma pergunta que deverá ser a que norteará todo o texto: “Vivemos em um mundo onde o consumismo está acima de tudo, e para onde vai o passivo desse consumo?” Em um primeiro momento, o leitor acredita que o norte do texto será o consumismo, ou seja, a aquisição de bens de forma exagerada. No entanto, antes mesmo de terminar a pergunta, o autor coloca o leitor frente a uma palavra que desmorona o que se poderia entender de consumismo: “passivo”; qual a relação entre passivo e consumismo? Segundo ainda o autor, a “palavra chave” da resposta é a “conscientização”. O leitor, nesse momento, há de concordar que a conscientização pode mesmo resolver o problema, desde que ele não seja uma doença, a qual faz a pessoa adquirir

compulsivamente bens. Mas o autor foge totalmente à pergunta e à própria resposta quando afirma que “uma política de educação ambiental seria a forma mais correta para que venhamos a ter adultos com uma visão mais preservacionista e conservacionista com relação aos recursos naturais cada vez mais escassos”. Esse texto poderá produzir sentidos com informações tão contraditórias?

No processo de compreensão, desenvolvemos atividades inferenciais. [Com esta posição admitimos que compreender é partir dos conhecimentos (informações) trazidos pelo texto e dos conhecimentos pessoais (chamados de conhecimentos enciclopédicos) para produzir (inferir) um sentido como produto de nossa leitura. Compreender um texto é realizar inferências a partir de informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos.] (MARCHUSCHI, 2008, p. 239)

No último parágrafo de seu texto, a ordem argumentativa enseja um final do tipo “moral da história”, ao falar em problemas que “assolam o Planeta” e “mudarmos o curso negativo da história da humanidade”. Por que a personificação de planeta? Resta ao leitor a interiorização de que o “Planeta” está assolado e que todos, indistintamente, somos responsáveis por isso.

É certo que, para que se compreenda um texto, não devemos nos prender ao sentido literal das palavras, pois, como já afirmado acima, a inferência se dá a partir do posto no texto e sua relação com o contexto mais amplo. Questiono se nesse texto poderemos proceder a essa contextualização sem que nos esbarremos em perguntas e dúvidas. O autor generaliza a situação e coloca todos os leitores na condição de consumistas e responsáveis pela quase destruição do planeta. “devemos conscientizar-nos sobre a grande importância da questão ambiental” Somos todos inconscientes mesmo? O leitor deverá utilizar-se de seus conhecimentos pessoais para perceber a intenção do autor e tentar dar sentido ao que suscita dúvidas e causa desentendimento no texto VIII:

O sentido não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas. Nesse caso, ele apresenta um alto grau de instabilidade e indeterminação por ser um sistema complexo e com muitas relações que se completam na atividade enunciativa. Assim, pode-se dizer que textos são sistemas instáveis e sua estabilidade é sempre um estado transitório de adaptação a um determinado objetivo e contexto. (MARCHUSCHI, 2008, pp. 242-3)

CONCLUSÃO

Após a análise dos textos criados pelos estudantes em sala de aula e dos postados no blog, foi possível perceber que alguns autores, mesmo com acesso à internet para pesquisa e posterior escritura do texto, não conseguiram sanar problemas de coesão e coerência textuais. Em relação ao primeiro tema: “O desafio de conviver com as diferenças”, percebeu-se que a escritura se deu, na maioria dos casos, com argumentos generalizados, sem a devida percepção da amplitude da proposta temática.

Todo texto deve ser analisado não somente pela ótica estruturalista, mas observando-se o por detrás, a historicidade, como já trabalhado no capítulo três. Não se deve privilegiar nem a norma culta nem a margem subversiva, mas buscar a fenda proposta por Barthes; porém, nos textos analisados, não se percebe a fenda como mola de criação textual, uma vez que os equívocos cometidos pelos autores não podem ser aceitos, por serem básicos, inadmissíveis para estudantes de curso de graduação.

Assim, do autor se exige: coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às formas gramaticais; explicitação; clareza; conhecimento das regras textuais; originalidade; relevância e, entre várias outras coisas, “unidade”, “não-contradição”, “progressão” e “duração” do seu discurso. Não basta “falar para ser autor; falando, ele é apenas falante. Não basta “dizer” para ser autor; dizendo, ele é apenas locutor. Também não basta enunciar algo para ser autor. (ORLANDI, 2008, p. 78-9)

Os textos postados no blog, em sua maioria, são cópias de outros já publicados na internet, seja na íntegra ou de fragmentos de vários textos. Pode-se, então, considerar que esses estudantes são autores desses textos? A internet abriu espaço para a escrita e a leitura da sociedade contemporânea: o hipertexto, no qual o leitor pode interferir na escrita, acrescentar, suprimir, alterar seu conteúdo, tornando-o uma escrita múltipla e cuja autoria passa a ser coletiva.

O texto, que é a materialidade do discurso, e faz parte da construção desse processo discursivo, só pode ser considerado texto se ele produzir sentido. E é o autor quem organiza esse texto. No caso do hipertexto, o que muda é que mais de um autor pode organizar o mesmo texto e a materialidade desse texto é outra, diferente da do texto impresso. (GRIGOLETTO: 2009, p. 7)

O blog também se caracteriza hipertexto, pois os comentários feitos nos textos postados também são uma interferência sobre a produção. No entanto, nos textos aqui analisados, essa não é a questão, pois não houve postagem de comentários de leitores do blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com. O que se busca agora é saber como se dá a autoria desses textos virtuais, já que a maioria é mera cópia de textos já publicados. Se no hipertexto a autoria é coletiva, na maioria dos casos analisados neste trabalho não se pode afirmar o mesmo. Não há a interferência do leitor, mas a cópia literal de outros textos. O autor é o início das significações do texto, ele é o responsável pela produção textual, responde por ela,

Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer. Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele produz assim um evento interpretativo. O que só repete (exercício mnemônico) não o faz. (ORLANDI, 2007, p. 70)

É o interdiscurso que caracteriza o autor. Só pode haver interpretação na historicidade; se ela não acontece, não se pode ter interpretação daquilo que foi escrito. A cópia de textos publicados constitui plágio, e nele há o silenciamento da autoria:

O plagiador silencia seu trajeto, ele cala a voz do outro que ele retoma. Não é um silenciamento necessário mas imposto, uma forma de censura: o enunciador que repete e apaga, toma o lugar do autor indevidamente, intervém no movimento que faz a história, a trajetória dos sentidos (nega o percurso já feito) e nos processos de identificação (nega a identidade ao outro, e, em conseqüência, trapaceia com a própria). Estanca assim o fluir histórico do sentido. (ORLANDI, 2007, p. 72)

O texto não é uma ideia pré-formada, mas uma rede de significantes, os quais constituem o seu sentido. A autoria é uma relação processual, prática no processo da textualidade, e não origem e fim últimos. O autor se responsabiliza pelo que foi dito ou silenciado, ele produz e é produzido de forma recíproca na escritura de seu texto, mas isso não significa que pode dizer qualquer coisa, ele é responsabilizado pelo que diz e será cobrado por isso, como todo sujeito o é.

Por isso a autoria não é uma qualidade, mas uma prática na configuração de um texto. Texto tomado como delimitação em diferentes formulações significantes, sempre sob a determinação da produção dos efeitos de desfecho, unidade, coesão, coerência e responsabilidade. (RODRIGUES, 2010, pp. 98-9)

Ao construir o texto, o sujeito transforma-se em autor e sua posição constitui-se em formação discursiva, cujo objetivo pode ser variado e de natureza diversa. Para Orlandi (2008), “as palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”, ou seja, o que determina o que pode e o que não pode ser dito é a formação ideológica inserida na formação discursiva.

Podemos pensar essa unidade que se faz a partir da heterogeneidade e que deriva do princípio da autoria como uma função enunciativa. Teríamos, então, as várias funções enunciativas do sujeito falante, como segue, e nessa ordem: locutor, enunciador e autor. Onde locutor é aquele que se representa como “eu” no discurso, o enunciador é a perspectiva que esse “eu” constrói, e o autor é a função social que esse “eu” assume enquanto produtor da linguagem. O autor é, das dimensões enunciativas do sujeito, a que está mais determinada pela exterioridade (contexto sócio-histórico) e mais afetada pelas exigências de coerência, não-contradição, responsabilidade etc. (ORLANDI, 2008, p. 61)

A análise que remete somente à palavra, ao texto em si e a que considera o leitor e sua visão de mundo devem ser levadas em consideração. Devemos considerar, também, o papel do escritor, que sempre busca seu leitor ideal, desejado, objetivado. É a busca da cooperação entre os sujeitos que interagem a partir de concepções políticas e ideológicas, do intertexto, do já dito, da intenção discursiva, do contexto ilimitado, da intenção, da possibilidade de mudança de significante de acordo com a situação, com a época, da iterabilidade. Prender-se meramente ao exposto, ao escrito é perder-se no tempo, é negar o papel do leitor, é colocá-lo como sujeito passivo frente à palavra escrita. Não existe sentido no texto se não for colocado frente ao leitor inserido em uma situação, em uma ideologia, ao escritor entremeado de conceitos preliminares à escrita, de história, de carga ideológica e política, de hierarquias construídas no transcorrer da história. Somente assim a significação poderá ser durável, pois as diversas situações, histórias e leitores sempre demarcarão uma nova leitura para esses autores, perpetuando ou não o seu texto.

Gostaríamos de lembrar, só de passagem, que essa representação do sujeito, ou melhor, essa função enunciativo-discursiva, que é a do autor, tem seu pólo correspondente que é o de leitor. De tal forma isso se dá que não é o do ouvinte, ou do destinatário, mas do leitor que se cobra um modo de leitura. O leitor está, tal como o autor, afetado pela sua inserção no social. Assim, na preocupação da leitura, o leitor entra com as condições que o caracterizam sócio-historicamente. Dessa forma, ele terá sua identidade de leitura configurada pelo seu lugar

social e é, em relação a esse lugar que se define a “sua” “leitura”. (ORLANDI, 2008, p. 80)

Os estudantes do 1º TGT, embora estivessem com acesso à internet para suas pesquisas e previamente avisados de que deveriam criar seus próprios textos, optaram, na metade dos casos, por copiar literalmente o que encontraram ou fizeram recortes de diversos textos encontrados. Em nenhum desses casos, pode-se afirmar que houve a autoria coletiva, característica do hipertexto, mas elementos que poderiam caracterizar um indício de plágio, e a consequente aniquilação do autor. A internet, que deveria ser uma facilitadora de pesquisa, leitura e produção textual, tem sido usada em geral somente como um meio de copiar e colar pelos estudantes, descaracterizando um dos objetivos principais do projeto de curso de Gestão de Turismo do IFS, que é o de formar pesquisadores, pois pesquisadores deverão ir além dos textos lidos. Os estudantes do 1º TGT, em sua maioria, parecem não assimilar a leitura que fazem para a escritura de seus próprios textos:

O calcanhar-de-Aquiles presente no processo educacional, da era da informação, parece estar no aumento das práticas de cópias realizadas pelos alunos. Há relatos de que a internet potencializou a prática do copiar-colar que se tornou tão comum entre os alunos usuários da rede. Este estilo pedagógico de produzir conhecimento tem sido incorporado como prática natural. Nesse sentido, é que devemos pensar na invenção de novas estratégias para se pensar o processo de ensino-aprendizagem e também a formação acadêmica. (CRUZ, 2006, p. 123)

Este trabalho serviu para verificar de que forma a internet influencia a produção textual acadêmica dos estudantes de graduação do IFS. Partindo do pressuposto da inegável influência que essa tecnologia exerce atualmente sobre as pessoas, mais especificamente nos pesquisadores, é fundamental verificar como se dá a pesquisa acadêmica através dessa tecnologia, para que possamos delinear a escritura de nossos estudantes de graduação.

Após a análise dos textos escritos em sala e dos postados no blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com, é notória a percepção de que essa ferramenta, em alguns casos, não contribuiu para a boa escritura dos estudantes. Os mesmos problemas encontrados nos textos redigidos em sala se repetem naqueles cujas postagens se deram após ampla pesquisa na internet. São frases desconexas, argumentos

sem embasamento e não aplicabilidade da norma culta exigida para esses textos, entre outros.

A internet e seus bits de informação transformaram, em alguns casos, esses estudantes em meros copiadores de textos já existentes, aniquilando a figura do autor e a do sujeito inserido num contexto histórico e social. Em alguns casos, temos a reprodução parafrástica, mas em outros o plágio ou indício de plágio, já que nenhum crédito foi dado àquele que escreveu anteriormente.

Esta pesquisa permitiu que esse tema tão inovador e complexo fosse discutido a partir da concepção de texto, todas as suas implicações ideológicas e o lugar do sujeito na formação discursiva, determinante para a escritura dos textos acadêmicos desses estudantes. Conhecer a influência da internet na produção acadêmica dos estudantes de graduação em geral e, em particular, do IFS se fez imprescindível para entender como essa ferramenta de pesquisa modifica os hábitos de leitura e escrita e cria uma nova modalidade de pesquisa virtual, sem que seja preciso que esse estudante disponha de vários volumes de livros impressos e passe a ter ao alcance das mãos, em apenas um clic, tudo o que se refere ao item pesquisado, o que não acontece na maioria das bibliotecas com volumes impressos.

Outras pesquisas a esse respeito se fazem necessárias, a fim de que sejam traçadas estratégias educacionais para que esses estudantes abandonem a prática do “ctrl c” “ctrl v” e se tornem sujeitos críticos, assimilem suas pesquisas e possam discernir sobre aquilo que leem, que possam tornar-se leitores críticos e capazes de produzir seus próprios textos. Por sua importância, pesquisar sobre essa influência que a internet exerce na pesquisa acadêmica e posterior produção textual torna-se objeto de preocupação por parte dos docentes em geral, que discutem o assunto, mas não chegam a consenso algum sobre a resolução do problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Prefácio*. In: VIANA, A. C. (coord.). *Roteiro de redação: lendo e argumentando*. São Paulo: Scipione, 2003.

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. Parte I, cap. XXXII. Disponível em http://pt.wikisource.org/wiki/Ao_Correr_da_Pena/I/XXXII. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Trad. Walter J. Evangelista e Maria L. V. de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

ARENDT, H. *A Condição humana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

AQUINO, M. C. *Um resgate histórico do hipertexto: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/aquino-maria-clara-resgate-historico-hipertexto.pdf>. > Acesso em: 10 mar. 2010.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARTHES, R. *O Prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CALDAS, Rosângela F. *Novas tecnologias para uma nova educação*. Disponível em <http://br.oocities.com/marilenemarinho/texto.html>. Acesso em 08 de agosto de 2010.

CARNEIRO, A. D. *Uma sinopse da gramática textual*. In: *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. PAULIUKONIS, Maria aparecida L. & GAVAZZI, Sigrid (orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Catálogo Nacional Dos Cursos Superiores de Tecnologia. Disponível em <http://www.google.com.br/#hl=ptBR&biw=1280&bih=619&q=cat%C3%A1logo+nacional+de+cursos+superiores+de+tecnologia&aq=1&aqi=g10&aql=&oq=cat%C3%A1logo+&fp=b550e81da59a882a>. Acesso em 16 de março de 2010.

CRUZ, José Marcos de Oliveira. *Produção de subjetividade no processo de ensino-aprendizagem de alunos de graduação: novas formas de ser e de aprender na era da informação*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

CULLER, J. *A Desconstrução*. In: *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Decreto 5.224, de 01 de outubro de 2004, que dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm. Acesso em 05 de maio de 2010.

Decreto 5.542, de 20 de setembro de 2005, que institui o Projeto Cidadão Conectado - Computador para Todos, no âmbito do Programa de Inclusão Digital, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5542.htm. Acesso em 20 de junho de 2010.

DINIZ, E. H. *O hipertexto e as interfaces do homem – computador: construindo uma linguagem da Informática*. Revista de Educação e Informática. Ano 5, nº 11, jan.95. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/publicacoes/acesso/acs11p01.htm>>. Acesso em 16 mar. 2010.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. *Procura da poesia*. Disponível em <http://www.mundovestibular.com.br/articles/192/4/A-ROSA-DO-POVO---Carlos-Drummond-de-Andrade--Resumo/Paacutegina4.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

ECO, U. "*O Significado*", in Enciclopédia Einaudi, Vol. 31 (O Signo), Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.

ERCÍLIA, M. *Bibliotecários do futuro*. Folha de São Paulo. Quarta- feira, 19/02/1997.

Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil. Disponível em http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php. acesso em 08 de agosto de 2010.

FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 1989.

FOUCAULT, M.. *As regularidades discursivas*. In: *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed., São Paulo: Forense Universitária, 1969.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GORETTI, Maria. V. A. & CARDOSO, D. P. *A interferência da linguagem virtual na produção de texto nas aulas de Língua Portuguesa*. In: *Linguística aplicada ao ensino em línguas materna e estrangeiras*. Org., PEDROSA, C. F. e CORREA, L. P. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. p. 111-122.

GRIGOLETTO, Evandra. *A autoria no hipertexto: uma questão de dispersão*. Disponível em <http://www.hipertextus.net/volume2/Evandra-GRIGOLETTO.pdf>. acesso em 02 de outubro de 2010.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Portaria nº 109, de 27 de maio de 2009, que dispõe sobre o ENEM. Disponível em <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=28/05/2009&jornal=1&pagina=56&totalArquivos=152>. Acesso em 12 de fevereiro de 2011.

KESKE, H. I. *Aventuras da significação: Bakhtin e Eco à procura do signo deslizante*. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 14, 1-14, janeiro/junho 2006.

KOCH, I. G. V. *O Texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____ & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender – os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em 05 de maio de 2010.

LÉVY, P. *O que é o virtual*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora, 34, 1996.

LIMA, J. G. Falar e escrever, eis a questão. *Veja*, 7/11/2001 p. 104.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso. (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MANGUEL, A. *O destino da leitura na era da Web*. *Veja*, 7/12/2000 p.106.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise dos gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. *Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas formas de construção de sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORAN, J. M. *Novos desafios na educação: A internet na educação presencial e virtual*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>>. Acesso em: 31 de outubro de 2009. Texto originalmente publicado em PORTO, Tânia Maria E. *Saberes e linguagens de educação e comunicação*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2001, pp. 19-44.

MORIN, E. *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3. ed. São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garmond, 2000.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de & MONNERAT, Rosane Santos M. *O emprego de algumas conjunções no texto*. In: *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. PAULIUKONIS, Maria aparecida L. & GAVAZZI, Sigrid (orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5ª Ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Discurso e leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1997.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*, S. Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Saneamento Ambiental do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, 2004.

Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sergipe, 2008.

RABENHORST, E. R. *Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida*. Prim@ Facie – ano 1, n. 1, jul./dez. 2002.

RODRIGUES, Suzy L. *Texto e autoria*. In: *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade*. Org. ORLANDI, Eni P. e RODRIGUES, Suzy L. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SEVCENKO, N. *A Corrida para o Século XX: No loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Boaventura S. de *Um Discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

VASCONCELOS, J. A. *O que é a desconstrução?* Disponível em <http://www.pucpr.br/comunicacao/revistas_cientificas/filosofia/pdf/filosofia%20JULDEZ03.pdf#page=73>. Acesso em 09 mai. 2009.

XAVIER, Antonio Carlos. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

LISTA DE SITES CONSULTADOS

Blogdosalunosdegestaodoifs.blogspot.com

<http://br.oocities.com/marilenemarinho/texto.html>

<http://www.cetic.br/usuarios/ibopec/tab02-07.htm>

<http://www.educacao.sp.gov.br/publicacoes/acesso/acs11p01.htm>

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>

http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

<http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/turismo-sustentavel-o-que-e-turismo-sustentavel/>

<http://www.qype.com.br/place/331017-Parque-da-Cidade-Aracaju>

http://www.unemat-net.br/artigos/fot_18artigo4.pdf

http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/

<http://www.crescer.org/glossario/d.htm>

<http://www.espacoacademico.com.br/014/14crattner.htm>

<http://jusvi.com/artigos/4061>

<http://books.google.com.br>

http://pt.wikisource.org/wiki/Ao_Correr_da_Pena/I/XXXII

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5542.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm

<http://www.google.com.br/#hl=ptBR&biw=1280&bih=619&q=cat%C3%A1logo+nacional+de+cursos+superiores+de+tecnologia&aq=1&aqi=g10&aql=&oq=cat%C3%A1logo+&fp=b550e81da59a882a>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5542.htm

<http://www.mundovestibular.com.br/articles/192/4/A-ROSA-DO-POVO---Carlos-Drummond-de-Andrade--Resumo/Paacutegina4.html>

<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=28/05/2009&jornal=1&pagina=56&totalArquivos=152>

<http://papelpop.com/sylvester-stallone-envia-carta-de-desculpas-para-os-brasileiros/>

<http://www.youtube.com/watch?v=invBjPmY8iE>

http://www.enem.coc.com.br/rc2001/Questoes/Q_Redacao.asp

http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=54&Itemid=86

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Nome completo: _____

Qual a sua idade?

26 anos

Qual a sua naturalidade?

Aracaju - SE

Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?

Sim

Não

Você já cursou algum curso de graduação?

Sim, completo

Sim, incompleto

Não

Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____

Você trabalha?

Sim

Estou desempregado

Nunca trabalhei

7) Você possui computador em casa?

Sim

Não

8) Você acessa a internet de qual local?

Casa

Escola

Trabalho

Não acesso

Caso não acesse a internet, indique o motivo:

9) Qual o tempo médio de acesso semanal?

8 horas

10) O que mais você acessa quando está on line?

E-mail e pesquisas.

QUESTIONÁRIO

Nome completo:

MUSTANO SOUZA FERREIRA

Qual a sua idade?

32 ANOS

Qual a sua naturalidade?

BAIANO

Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?

Sim

Não

Você já cursou algum curso de graduação?

Sim, completo

Sim, incompleto

Não

Caso tenha cursado, qual foi o curso? ADMINISTRAÇÃO

5) Você trabalha?

Sim

Estou desempregado

Nunca trabalhei

7) Você possui computador em casa?

Sim

Não

8) Você acessa a internet de qual local?

Casa

Escola

Trabalho

Não acesso

Caso não acesse a internet, indique o motivo:

9) Qual o tempo médio de acesso semanal?

10 HORAS

10) O que mais você acessa quando está on line?

GLOBO.COM E SITES DE PESQUISA SOBRE JURISM

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Adel Cardozo
- 2) Qual a sua idade?
32 anos.
- 3) Qual a sua naturalidade?
Alagoanense - BA
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
 Sim, completo Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? Administração
- 6) Você trabalha?
 Sim Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa Escola Trabalho Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:
- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
O tempo necessário p/ pesquisar.
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
Google e e-mail.

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Thaís Paula dos Santos
- 2) Qual a sua idade? 19 anos
- 3) Qual a sua naturalidade? LICARTO
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
 Sim, completo Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? Economia
- 6) Você trabalha?
 Sim Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa Escola Trabalho Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
30 horas.
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
Pesquisa, MSN, ORKUT e Site de Jornais.

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: _____
- Alana Carolina Soares Silva
- 2) Qual a sua idade?
27
- 3) Qual a sua naturalidade?
/TABERABA/BA
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
() Sim Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
36 horas semanais em média
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
proveniente banco, notícias, relacionamentos, compras, etc.

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo:
Rogério Oliveira Santos
- 2) Qual a sua idade?
22 anos
- 3) Qual a sua naturalidade?
Aracaju - Se
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
() Sim Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
() Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
() Casa Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
15 hrs
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
E-mail

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Hosleide Lopes de Santos
- 2) Qual a sua idade?
43 anos
- 3) Qual a sua naturalidade?
Aracaju/Se
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
() Sim Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
6 horas semanais
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
A procura de emprego e assunto da atualidade.

QUESTIONÁRIO

1) Nome completo: _____

2) Qual a sua idade? _____

25

3) Qual a sua naturalidade? _____

Itaboraiano

4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?

Sim

Não

5) Você já cursou algum curso de graduação?

Sim, completo

Sim, incompleto

Não

Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____

6) Você trabalha?

Sim

Estou desempregado

Nunca trabalhei

7) Você possui computador em casa?

Sim

Não

8) Você acessa a internet de qual local?

Casa

Escola

Trabalho

Não acesso

Caso não acesse a internet, indique o motivo: _____

9) Qual o tempo médio de acesso semanal? _____

5 horas

10) O que mais você acessa quando está on line? _____

Skat, man

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Alustani dos Santos
- 2) Qual a sua idade?
22 anos
- 3) Qual a sua naturalidade?
Aracaju
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
() Sim (X) Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto (X) Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
() Sim (X) Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
(X) Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
(X) Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
Não tenho tempo estimulado.
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
O site do IFS para saber das notícias
Meus e-mails para conferir sempre
sites de pesquisas.

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Luciano Santos Silva
- 2) Qual a sua idade? 21 anos
- 3) Qual a sua naturalidade? Bicudo - Santos BA
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo Sim, incompleto () Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? Journalismo
- 6) Você trabalha?
() Sim Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
3 horas
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
orkut

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: _____
- 2) Qual a sua idade? 29
- 3) Qual a sua naturalidade? ARACAJUISE
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
 Sim, completo Sim, incompleto Não
- Caso tenha cursado, qual foi o curso? ADMINISTRAÇÃO
- 6) Você trabalha?
 Sim Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa Escola Trabalho Não acesso
- Caso não acesse a internet, indique o motivo:
- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
10 HORAS
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
NOTÍCIAS ATUAIS

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: _____
Adriana Leite da Silva
- 2) Qual a sua idade?
22 anos
- 3) Qual a sua naturalidade?
Aracaju - Se
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
 Sim () Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
Seis horas semanais
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
MSN, ORKUT, EMAIL, BUSCA NO GOOGLE.

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: 1
- 2) Qual a sua idade?
35
- 3) Qual a sua naturalidade?
Stº Andre - SP
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
 Sim, completo Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? Pedagogia
- 6) Você trabalha?
 Sim Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa Escola Trabalho Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
± 30 min por dia
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
MSN, ORKUT, EMAIL, "BUSCA NO GOOGLE"
↓
FACEBOOK
↓
NETLOG
↓
RECONTO DAS LETRAS

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: _____
Thomaz de Jesus Gomes
- 2) Qual a sua idade?
20 anos
- 3) Qual a sua naturalidade?
Aracaju
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
 Sim () Estou desempregado () Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
23:00 horas
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
Site de relacionamentos (orkut, messenger...)

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: _____
- 2) Qual a sua idade?
26
- 3) Qual a sua naturalidade?
Aracaju - Sergipe
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
() Sim () Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
() Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
() Casa Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo: _____
- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
Não tenho um tempo certo.
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
Okut

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Quêta Rafaela de Jesus
- 2) Qual a sua idade? 25
- 3) Qual a sua naturalidade? Aracaju
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
 Sim, completo Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? Historia
- 6) Você trabalha?
 Sim Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa Escola Trabalho Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:
- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal? 30 h
- 10) O que mais você acessa quando está on line? e-mails - pesquisa

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: Daniel Gomes Santos
- 2) Qual a sua idade? 23 anos
- 3) Qual a sua naturalidade? Aracaju
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
 Sim, completo Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
 Sim Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa Escola Trabalho Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo: _____
- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
5 horas
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
Sites de relacionamentos, site do ifs

QUESTIONÁRIO

- 1) Nome completo: _____
Carla Regina dos Santos
- 2) Qual a sua idade? _____
19
- 3) Qual a sua naturalidade? _____
Aracaju
- 4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?
 Sim () Não
- 5) Você já cursou algum curso de graduação?
() Sim, completo () Sim, incompleto Não
Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____
- 6) Você trabalha?
() Sim () Estou desempregado Nunca trabalhei
- 7) Você possui computador em casa?
 Sim () Não
- 8) Você acessa a internet de qual local?
 Casa () Escola () Trabalho () Não acesso
Caso não acesse a internet, indique o motivo:

- 9) Qual o tempo médio de acesso semanal?
35 horas
- 10) O que mais você acessa quando está on line?
Sites de relacionamento, msn, blogs e fotos, e-mail.

QUESTIONÁRIO

1) Nome completo:

2) Qual a sua idade?

26 anos

3) Qual a sua naturalidade?

Aracaju

4) Onde já residia em Aracaju antes de ingressar no IFS?

Sim () Não

5) Você já cursou algum curso de graduação?

() Sim, completo () Sim, incompleto Não

Caso tenha cursado, qual foi o curso? _____

6) Você trabalha?

() Sim Estou desempregado () Nunca trabalhei

7) Você possui computador em casa?

Sim () Não

8) Você acessa a internet de qual local?

Casa Escola () Trabalho () Não acesso

Caso não acesse a internet, indique o motivo:

9) Qual o tempo médio de acesso semanal?

Entre duas e três horas por dia (23 horas)

10) O que mais você acessa quando está on line?

Google; filmes online; MSN; Facebook;
Harlequin Books; you Tube.

ANEXOS

Texto I

Redação: Tudo igual, sempre diferente

Hodiernamente, é comum nos noticiários, informações, reportagens, imagens que apregoam as intolerâncias raciais, religiosas, condições sexuais e financeiras, dentre outras.

Acontece que todo esse panorama cáptico não tem fundamento. Pois, apesar de os indivíduos serem únicos geneticamente, são totalmente iguais em suas necessidades.

Por isso, é inadmissível que estas intolerâncias sejam alimentadas, dia após dia, a todo instante.

É necessário valorizar as diferenças, para que assim, cada um possa contribuir com a sua parcela na construção da sociedade.

Uma sociedade mais tolerante, mais justa, mais homogênea e sempre com os diferentes aspectos e características harmonizados.

Texto II

O Brasil é o país da diversidade, em raça, econômica, religião e outros. Esses são alguns dos fatores que comprovam tal afirmação.

No momento em que pensamos em diferenças, é impossível não destacar as diferenças econômicas como fator marcante que rege a nossa sociedade. Todos os dias e a todo momento nos deparamos com essa situação, rege nas ruas, na escola, em lugares públicos e até mesmo na nossa própria casa entre nossos familiares. Convivermos com pessoas de diferentes classes sociais de forma harmoniosa ou não. É certo que conviver com as diferenças é uma tarefa difícil, mas que precisa ser encarada como uma necessidade humana, pois ao respeitar o próximo, certamente abriremos espaços para que as nossas diferenças também sejam respeitadas. B

O preconceito existe sim, e não é difícil nos deparamos com situações em que os menos favorecidos economicamente não mais uma vez desprezados. B

Bem seria se aprendermos a respeitar o outro como ele é, e não como nós gostaríamos que ele fosse, independente de cor, raça, sexo, religião e outros. Todos



Data: 11/11

nos somos iguais perante Deus e temos o direito de ir e vir.

Gestão de Turismo

Professora Tânia Regina

Texto III

Conviver com a diferença é uma realidade longe de se acabar e isto fica nítido quando fala-se das desigualdades sociais no Brasil.

As diferenças sociais é um problema existente não só hoje mais há muito tempo.

Podemos ressaltar alguns como exemplo:

O rico ou pobre, o branco ou negro? Será que existe diferenças entre essas pessoas?

Como acabar com esse problema que tem sido um grande desafio na sociedade?

No ponto de vista social nota-se as grandes desigualdades existentes entre essas pessoas. Porém isso acontece, quando é observado a grandes desvantagens que existe com a população mais pobre e também pessoas com pele mais escura.

O governo deveria dar mais assistência às classes mais baixas, gerar empregos para as pessoas mais carentes e profissionalizá-las, seria um meio de acabar com "certas" diferenças e desigualdades sociais.

Num país étnico, ninguém é tão bom para se sentir melhor que outro, pois ninguém é igual. Porém de uma certa forma todos somos iguais.

Texto IV

Produção de Textos

O desafio de se conviver
com a diferença

A diferença econômica é fato consumado na vida da maioria dos seres humanos. Pois é quase impossível convivermos, sem ao menos sermos discriminados por essa forma de diferença, principalmente a classe baixa. Isso deve-se a falta de igualdade social que atinge a todos.

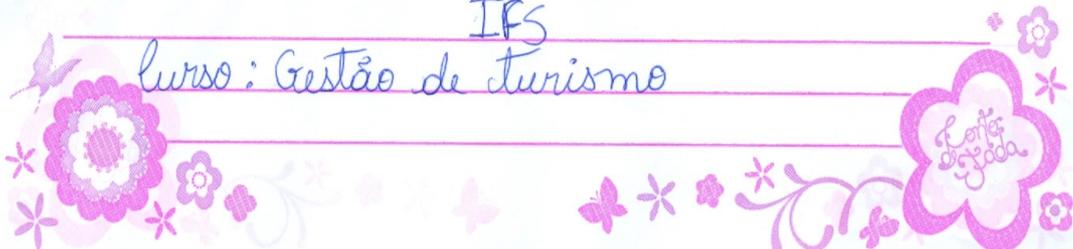
Hoje, o Brasil pode dizer que está no rumo certo, na busca de um país desenvolvido. Onde a miséria, a fome e a falta de moradia não são problemas tão evidentes como há algum tempo atrás. De certa forma a nova prática de governo que os políticos vem estabelecendo, interfeuiu no aumento da miséria, com a criação de programas que viabilizam percentualmente a queda da desigualdade econômica do país. Favorecendo assim, uma das classes que mais sofre com essa diferença, a classe baixa.

Portanto, os projetos do governo que possibilitem a igualdade econômica, sempre serão de grande valia para que o mundo seja um dia economicamente igual para todos.

Turma: 1º TGT-2

IFS

Curso: Gestão de Turismo



O desafio de se conviver com a diferença

Vivemos num mundo dito como "globalizado" seja economicamente, etnicamente, socialmente entre pessoas cada dia mais diferente umas das outras.

Diante do "explorão" do conhecimento que aumenta a cada dia com o crescimento educacional, já praticados em países desenvolvidos, passando os países emergentes a se inserir neste contexto educacional, formando cidadãos cada vez mais interligados ao mundo, com conhecimentos sobre diversas áreas, regiões do mundo, se relacionando através da tecnologia, mas sem contato muitas vezes com seu próprio vizinho, a comunidade onde vive.

Temas em país etnicamente mistico, onde populações de varias regiões do planeta contemplam esse país "continental" criando diferenças, entre regiões através do rotas, forma de se expressar, na religião e suas crenças e a educação com seus desafios de equibalar essas diferenças.

A informação partilhada por nossa população através de um acesso maior a educação aos meios de comunicação e tecnologia não são capazes de apaziguar as diferenças individuais, por tanto da "bagagem" que as pessoas trazem consigo através da educação familiar e estudantil, religiosa, e social, são fatores que formam o cidadão, muitas vezes para não respeitar ao próximo, o colega de turma, de trabalho, seu vizinho, não podemos considerar apenas essa forma de ser, por muito utilizarem dessas informações e conhecimentos adquiridos para compartilhar com o próximo, agindo eticamente, cordialmente com as outras.

Conviver com as diferenças seja ela de qual modo se apresenta, é reconhecer o próximo, respeitar as diferentes culturas existentes, mesmo divergindo de afus mas não desrespeitando.

Texto VI

O desafio de se conviver com as diferenças.

O homem é um ser social, portanto vive em grupo desde o seu surgimento, porém seu maior desafio tem sido conviver com as diferenças.

O cérebro humano é o único que em seu complexo mecanismo apresenta o fator consciência, esta singularidade atuante nos humanos é que os faz capazes de formar conceitos de uma mesma realidade gerando assim os conflitos raciais, sociais, culturais e intelectuais.

Diante dessa diversidade de pensamento, opiniões e conceitos a cultura de cada grupo adquiriu diversas formas de expressão.

O desafio é como conciliar as individualidades sem renunciar as particularidades?

Em fim a convivência não é ausência de conflitos mas a capacidade de valorizar os indivíduos considerando suas semelhanças como espécie e suas diferenças como sujeitos aperfeiçoando assim a sua sociabilidade.

Diferenças e igualdade na formação cultural do Brasil

O Brasil possui uma formação singular, resultante de uma rica pluralidade cultural. As diferenças culturais tanto possibilitam novos caminhos no currículo social quanto desumanos processos de exclusão.

A formação histórica brasileira é fruto de um conjunto de referências sociais e culturais que construíram ao longo do tempo modos de viver coletivamente, de se relacionar em meio a diversas linguagens, religiões, valores e manifestações artísticas.

A diferença, quando encarada de forma positiva, soma-se ao valor da igualdade, porém, alguns grupos acumulam riquezas materiais, poder e prestígio em detrimento dos outros. Um caso que ilustra bem este processo é a dominação e exploração dos índios e escravos por um longo período da história.

Toda a pluralidade cultural constitui nosso maior patrimônio. Entretanto, a discriminação, preconceito, intolerância e as desigualdades sociais apertam a manifestação da diversidade positiva. Devemos olhar e encarar com bons olhos as diferenças para melhor aproveitarmos a riqueza resultante do encontro de culturas e experiências existentes no Brasil.

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
- Tecnologia em Gestão de Turismo

Data: 17/09/2010

Texto VIII

Redação

O desafio de conviver com a diferença.

O multiculturalismo trouxe ao longo do tempo grandes vantagens à sociedade, tanto para a organização como para o seu desenvolvimento, pois através da troca de conhecimentos entre as diferentes culturas existentes foram alcançados grandes avanços em nível da humanidade.

Desde a pré-história passando pela antiguidade e chegando à história contemporânea observamos este desenvolvimento, seja na fabricação de ferramentas, como na organização da sociedade ou na criação de tecnologias de ponta e notada a grande importância da relação intercultural na sociedade.

Grandes descobertas da ciência na área da medicina, por exemplo, tem sua fundamentação nos conhecimentos que os povos indígenas detêm sobre as plantas medicinais e seus efeitos benéficos ao ser humano. Dados estatísticos comprovaram que entre os vinte drogas mais vendidas nos EUA na década de 80, apenas sete não derivavam diretamente de produtos naturais (FDA).

No contexto, é observada a importância que devemos ter em conviver com as diferenças étnicas e culturais, e principalmente em ajudar a preservá-las, pois toda evolução advém da boa relação entre as diferenças existentes na sociedade.

sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO TURISMO

Segundo Rodrigues (2000, p. 10), o turismo como um essencial fenômeno, é um dos grandes causadores pelos impactos ambientais negativos. O turismo por ser uma atividade econômica, gera impactos devastadores que muitas vezes são irreversíveis e, como o mesmo não sobrevivi sem o meio ambiente, é imprescindível a implantação de novas políticas públicas que protejam o ambiente natural. Pois, as constantes mudanças ambientais nas ultimas décadas, têm transformado grande parte das paisagens naturais em belas construções arquitetônicas, visando apenas o sucesso empresarial e os fins lucrativos.

O turismo vem conquistando um espaço cada vez maior no mundo hodierno. Também, sua dinâmica movimenta uma parte bastante significativa da economia brasileira.

Partindo dessa perspectiva, a globalização contribuiu (e ainda contribui), com o crescimento gradativo no planejamento e na gestão pública no Brasil. Pois, as novas diretrizes das políticas balizam-se na análise da capacidade de manejar o enfoque do desenvolvimento para as necessidades turísticas, além de priorizar a definição de estratégias globais, que assegurem a Democracia Participativa, onde a equidade das ideias, tanto ambientalista quanto assistencialista, seja o fator norteador dessa dicotomia.

Por um lado, há a necessidade de ampliar as rotas comerciais, expandir a economia, desenvolver o país, maximizar o saldo da Balança Comercial Interna e diminuir o déficit econômico. Porém, essa busca desenfreada e não planejada desencadeia uma avalanche de conseqüências maléficas ao meio ambiente, degradando toda a sua biodiversidade, devido às alterações dos ecossistemas, a partir do comportamento antrópico.

Ora, mas como é possível continuar usufruindo dos recursos naturais (sabendo-se que eles são exauríveis) sem que tenha um planejamento estratégico, exequível e eficaz? Será que a população ainda permanecerá inerte, diante desta situação?

A equidade na relação: Desenvolvimento Econômico X Preservação Ambiental é possível. Basta para tanto, alinhar os interesses políticos e comerciais com medidas ambientalistas, bem como implementar indicadores de desempenho, para que os órgãos competentes fiscalizem e cobrem os resultados.

Dessa forma a oferta turística será naturalmente absorvida pelo comportamento exigente da demanda turística em potencial; i. é., o turista.

Referências Bibliográficas

RODRIGUES, A. B. (org.) Turismo e Ambiente – Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec. 2000

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais >](#)Já é um membro? [Faça login](#)

Arquivo do blog

▶ 2011 (1)

▼ 2010 (72)

▼ Dezembro (43)

postagens

Turismo sustentável

POLUIÇÃO DA ÁGUA

Desenvolvimento
Ambiental e suas
implicações para ...A importância dos
biomas brasileiros
(Referências ...ECOTURISMO: COMO
AS ORGANIZAÇÕES
LIDAM COM O SEU
...

9. Manguezal

7 - 8 Mata de Araucária
e Mata dos Cocais

Quando a Víctima é Você!

Verde capim

Paródia sobre o meio
ambiente, música de
base: men...

Copa do Mundo 2014

Turismo Rural

Ecossistema manguezal

POLÍTICAS PÚBLICAS
APLICADAS AO
TURISMODesenvolvimento
sustentavelTURISMO
SUSTENTÁVEL

Meio Ambiente

DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

preservação ambiental

Mostrando as 25 postagens mais recentes de 43 em Dezembro 2010. [Mostrar postagens mais antigas](#)

domingo, 26 de dezembro de 2010

postagens

Não pude fazer comentários no blog, mas li todos os textos e anotei os comentários, cujas postagens seguem muito em breve. Não há postagem de texto de Adriana e Raquel. Parabéns a todos pela evolução nos textos. Espero que esse blog tenha contribuído para todos vocês de forma positiva. Aguardem os comentários e, caso queiram, poderemos conversar sobre o que for dito para cada um de vocês. Se houver algum aluno sem média, procure-me até terça, dia 28, para resolvermos quaisquer pendências. Ótimas férias! Abraços a todos!
Tânia Regina

Postado por tania às 15:14 0 comentários

quinta-feira, 23 de dezembro de 2010

Turismo sustentável



Hoje em dia vivemos em meio às poluições, utilizamos os recursos naturais para atender nossas necessidades e na maioria das vezes nem nos damos conta de que o estamos fazendo. Só lembramos que tudo parte da natureza quando paramos para ouvir os noticiários que imploram à população que cuide do meio ambiente e desses recursos. Vivemos em meio às poluições, utilizamos os recursos naturais para para que não se esgotem. Ou quando se ouve falar em sustentabilidade, que é um assunto bem comum atualmente.

Uma atividade que utiliza muitos recursos naturais é o turismo, que faz da natureza pontos turísticos e exige construções com infra-estrutura para receber os visitantes. Porém, tem uma série de propostas para amenizar esses impactos, de maneira a conciliar preservação da natureza com a expansão do turismo.

O turismo sustentável é uma maneira de manter essa infra-estrutura sem atitudes ofensivas ao meio ambiente, atendendo as necessidades dos turistas e dos locais que os recebem de maneira simultânea, fazendo o necessário para atender a economia, a sociedade e o ambiente sem desprezar a cultura regional, a diversidade biológica e os sistemas ecológicos que coordenam a vida.

O parque da Cidade Governador José Rollemberg Leite é uma das últimas reminiscências de Mata Atlântica em Aracaju, ocupa a área do Morro do Urubu, e é uma APA Estadual (Área de Proteção Ambiental). Por sob as copas das árvores e uma estonteante vista de Aracaju, também há um monte de atividades pelas quais não é necessário pagar. Onde diversas trilhas que contem a mata atlântica. Inaugurado em 1979, mais conhecido como Parque da Cidade, localizado no bairro Industrial, zona norte de Aracaju, abrange uma área de 674 mil metros quadrados e abriga a única reserva de Mata Atlântica da capital. É um atrativo natural que recebe um fluxo elevado, onde é praticado o ecoturismo tendo como consequência um turismo sustentável.

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais »](#)



Já é um membro? [Faça login](#)

Arquivo do blog

► 2011 (1)

▼ 2010 (72)

▼ Dezembro (43)

[postagens](#)

[Turismo sustentável](#)

[POLUIÇÃO DA ÁGUA](#)

[Desenvolvimento Ambiental e suas implicações para ...](#)

[A importância dos biomas brasileiros \(Referências ...](#)

[ECOTURISMO: COMO AS ORGANIZAÇÕES LIDAM COM O SEU ...](#)

[9. Manguezal](#)

[7 - 8 Mata de Araucária e Mata dos Cocais](#)

[Quando a Vítima e Você!](#)

[Verde capim](#)

[Paródia sobre o meio ambiente, música de base: men...](#)

[Copa do Mundo 2014](#)

[Turismo Rural](#)

[Ecossistema manguezal](#)

[POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO TURISMO](#)

[Desenvolvimento sustentável](#)

[TURISMO SUSTENTÁVEL](#)

[Meio Ambiente](#)

[DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL](#)

[preservação ambiental](#)

[Azulejaria Portuguesa de Estância: Beleza e degrad...](#)

[Desenvolvimento e preservação, uma](#)

sexta-feira, 5 de novembro de 2010

desenvolvimento e preservação ambiental

A medida em que o tempo passa são construídas novas ruas, estradas, usinas, cidades, máquinas, e tecnologia tudo isso para melhorar a qualidade de vida do ser humano. Mas infelizmente o progresso da forma como vem sendo ocorrendo tem prejudicado o meio ambiente.

O crescimento de forma sustentável é importante para nos assegurar que as gerações futuras tenham a disposição os recursos naturais necessários para sua sobrevivência, portanto é de extrema importância a preservação do meio ambiente para o nosso planeta.

O futuro dos recursos naturais encontra-se ameaçado porque a sociedade vem acelerando o ritmo de mudanças na terra e com isso diminuindo a biodiversidade natural do nosso planeta. Essas mudanças acarreta a concentração de gás carbônico na atmosfera, poluição dos rios, lagos, zonas costeiras, baías e desmatamentos contínuos. Todos esses fatores são as principais causas da degradação e desaceleração dos processos naturais dos ecossistemas no nosso planeta.

O desenvolvimento sustentável é muito importante não só para o planeta mas também para toda população, porque além de garantir e atender as necessidades atuais, ele não esgota os recursos para o futuro. Para esses objetivos serem alcançados é necessário um planejamento que se fundamente no reconhecimento de que os recursos naturais são finitos. A sustentabilidade sugere de fato a qualidade e não a quantidade defendendo a redução do uso de matérias-primas e produtos, aumentando a reutilização e a reciclagem. Portanto para ocorrer o desenvolvimento sustentável é necessário a conscientização e educação ambiental da população e dos grupos econômicos que é vital e indispensável para natureza e isso só será possível com a participação da sociedade.

Referências bibliográficas:

NASCIMENTO, J. O. Meio Ambiente: a preservação e o desenvolvimento. O sonho do mundo sustentável com o cumprimento dos objetivos de desenvolvimento do milênio

Disponível em: <http://jusvi.com/artigos/4061>

MENDES, M. C. Desenvolvimento Sustentável.

Disponível em: http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt2.html

Postar um comentário

0 comentários:

Postar um comentário

Comentar como:

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais >](#)



Já é um membro? [Faça login](#)

Arquivo do blog

► 2011 (1)

▼ 2010 (72)

► Dezembro (43)

▼ Novembro (27)

Desenvolvimento e suas implicações ambientais

A "onda verde" chegou em Miami

Mudança comportamental de cada indivíduo para a pr...

COMO FUNCIONA O DESENVOLV...

Responsabilidade Ambiental O que é Gestão Ambie...

Continuação da primeira postagem

Durante a ordem mundial bipolar a questão amb...

A natureza é um bem precioso que temos, e o homem d...

TURISMO SUSTENTÁVEL

Bioma -- Caatinga É o principal Ecossistema existe...

Exemplo de Desenvolvimento e Preservação Ambiental...

ECOTURISMO: O CRESCENTE PRAZER QUE SUSTEM A NATURE...

Desenvolvimento e preservação ambiental: Como conci...

A CAATINGA E SUA FAUNA

FLORESTA

sexta-feira, 26 de novembro de 2010

TURISMO SUSTENTÁVEL

O conceito de turismo sustentável inclui estratégias, atividades e práticas de negócio ambientalmente responsáveis, atendendo às necessidades do visitante, do operador e do empreendedor do setor. O foco da atividade está dirigido aos cuidados de proteção, sustentabilidade e valorização dos recursos utilizados, sendo esta uma prioridade global, edificada em princípios e critérios básicos. A estrutura deve ser capaz de gerar a "excelência ambiental".

A fim de se identificar um processo turístico ecologicamente adequado, têm-se buscado definições que orientem estudiosos, empresas e viajantes quanto à real característica de uma viagem de ecoturismo. Essa discussão tem gerado teorias as mais variadas, criando idéias diversas no que se refere às responsabilidades dos viajantes e empreendedores de um produto ecoturístico.

The Ecotourism Society define o ecoturismo como "a viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local" (HAWKINS, 2001).

O fato de de ecoturismo ser uma atividade econômica implica a geração de lucro. Portanto, à compreensão do empreendedor na manutenção do espaço natural é preciso aliar a possibilidade de sobrevivência de seu negócio, o cuidado com espaço onde se insere do ponto de vista ambiental e cultural, a formação de uma cultura ecológica e o desenvolvimento a ser legado às comunidades envolvidas.

O turismo sustentável necessita da manutenção direta do local a ser visitado, que vem agradar ao turista de forma que o meio não seja degradado. Sendo esse turismo ligado a outras formas de turismo, como o turismo de natureza, ecocientífico, ambiental, de aventura e o rural.

Hoje há várias formas de conceituar ecoturismo, pois ele abrange diversos tipos de turismo, como citado acima, onde o dever de cuidar do meio é de todos, deixando de ser responsabilidade exclusiva do Estado.

Portanto, o turismo deve focalizar-se na integração de valores ambientais, culturais, sociais e econômicos, favorecendo o bem-estar das pessoas envolvidas no processo.

MACHADO, A. Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional. 2005. 232p.

Comentários (0)

0 comentários:

Postar um comentário

Comentar como:

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais...](#)



Já é um membro? [Fazer login](#)

Arquivo do blog

► 2011 (1)

▼ 2010 (72)

► Dezembro (43)

▼ Novembro (27)

[Desenvolvimento e suas implicações ambientais.](#)

[A "onda verde" chegou em Miami](#)

[Mudança comportamental de cada indivíduo para pr...](#)

[COMO FUNCIONA O DESENVOLV...](#)

[Responsabilidade Ambiental O que é Gestão Ambie...](#)

[Continuação da primeira postagem](#)

[Durante a ordem mundial bipolar a questão amb...](#)

[A natureza é um bem precioso que temos, o homem d...](#)

[TURISMO SUSTENTÁVEL](#)

[Bioma -- Caatinga É o principal Ecossistema existente...](#)

[Exemplo de Desenvolvimento e Preservação Ambiental...](#)

[ECOTURISMO: O CRESCENTE PRAZER QUE SUSTEM A NATURE...](#)

[Desenvolvimento e preservação ambiental: Como concili...](#)

[A CAATINGA E SUA](#)

sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Desenvolvimento sustentável

INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE

COORDENADORIA DE HOSPITALIDADE E LAZER

GESTÃO DE TURISMO

DISCIPLINA : PRODUÇÃO DE TEXTO

DOCENTE: TÂNIA REGINA

A expressão "impacto ambiental" teve uma definição mais precisa, nos anos 70 e 80, quando diversos países perceberam a necessidade de estabelecer diretrizes e critérios para avaliar efeitos adversos das intervenções humanas na natureza.

A definição jurídica de impacto ambiental no Brasil vem expressa no art. 1º da Res. 1, de 23.1.86 do CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, nos seguintes termos: "considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas, que direta ou indiretamente, afetam-se: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e a qualidade dos recursos naturais".

O Impacto ambiental é a alteração no meio ou em algum de seus componentes por determinada ação ou atividade. Estas alterações precisam ser quantificadas, pois apresentam variações relativas, podendo ser positivas ou negativas, grandes ou pequenas. O que caracteriza o impacto ambiental, não é qualquer alteração nas propriedades do ambiente, mas as alterações que provocam o desequilíbrio das relações constitutivas do ambiente, tais como as alterações que excedam a capacidade de absorção do ambiente considerado.

Conforme estudo realizado com colegas de turma para trabalho a ser apresentado na disciplina de Ecologia e Turismo do 1º IGT2, orientado pelo então professor Cláudio R. Braghini, foi estudado alguns efeitos das atividades humanas nos sistemas de água doce, onde mostra de maneira significativa a interação que deve ocorrer ao planejar grandes obras que venham a interferir de maneira significativa na natureza e no dia a dia das pessoas. Conforme citação proferida por Meyer (2000) onde entoca que, para esta ótica, o conceito de desenvolvimento sustentável apresenta pontos básicos que devem considerar, de maneira harmônica, o crescimento econômico, maior percepção com os resultados sociais decorrentes e equilíbrio ecológico na utilização dos recursos naturais.

O desenvolvimento Sustentável que hoje tem sido tema de discussões em nível mundial, abrange cada dia mais localidades, seja através da tecnologia, da intervenção do estado através da criação de mecanismos de organização e controle no que se refere a desenvolvimento "consciente" que sabe o que faz, a tecnologia e o conhecimento se espalham em grande velocidade, mesmo encontrando dificuldades em algumas instâncias e localidades interiores onde já é perceptível a mudanças de hábitos das pessoas com pequenos gestos como organizar o lixo e com a economia da água.

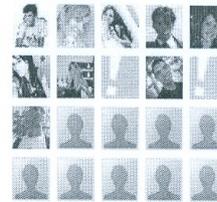
A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental.

Aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às próprias necessidades. Em 1987, a Comissão Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) divulgou o documento "Nosso Futuro Comum" (Our Common Future), que também ficou conhecido como Relatório Brundtland (em homenagem à então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, que liderou a comissão). De acordo com este relatório, o desenvolvimento sustentável precisa assegurar-se em algumas medidas, tais como: a limitação do crescimento populacional, a garantia de oferta de alimentos, a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas, o desenvolvimento de tecnologia na busca de fontes de energia renováveis e o adequado manejo dos resíduos industriais. Tal desenvolvimento deve envolver tanto os poderes público, privado, quanto a sociedade civil, contribuindo para a melhoria das condições

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais...](#)Já é um membro? [Faça login](#)

Arquivo do blog

▶ 2011 (1)

▼ 2010 (72)

▼ Dezembro (43)

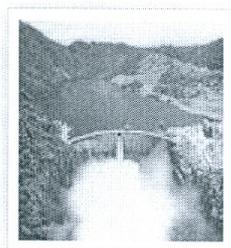
[postagens](#)[Turismo sustentável](#)[POLUIÇÃO DA ÁGUA](#)[Desenvolvimento Ambiental e suas implicações para ...](#)[A importância dos biomas brasileiros \(referências ...](#)[ECOTURISMO: COMO AS ORGANIZAÇÕES LIDAM COM O SEU ...](#)[9. Manguezal](#)[7 - 8 Mata de Araucária e Mata dos Cocais](#)[Quando a Vitima é Você!](#)[Verde capim](#)[Parodia sobre o meio ambiente, música de base: men...](#)[Copa do Mundo 2014](#)[Turismo Rural](#)[Ecossistema manguezal](#)[POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO TURISMO](#)[Desenvolvimento sustentável](#)[TURISMO SUSTENTÁVEL](#)[Meio Ambiente](#)[DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL](#)[preservação ambiental](#)[Azulejaria Portuguesa de Estância: Beleza e degrad...](#)[Desenvolvimento e preservação, uma](#)

de vida da população e a preservação do meio ambiente.

Efeito das atividades humanas nos sistemas de água doce

Quatro modos principais:

Primeiro, barragens, desvios ou canais fragmentados quase 60% dos 237 maiores rios do mundo. Eles alteram e destroem os habitats de vida selvagem ao longo dos rios e nos deltas e estuários costeiros reduzindo sua vazão de água.



Segundo, barragens e diques construídos ao longo de rios para controlar enchentes alteram e destroem os habitats aquáticos.



Terceiro, cidades e plantações, adicionam poluentes e excesso de nutrientes nas proximidades de riachos e rios.

Quarto, muitas áreas interiores alagadiças tem sido drenadas ou aterradas para agriculturas ou cobertas com concreto, asfalto e construções.

Referências:

Miller Junior, G. T. Ciência Ambiental. Tradução All Tasks. São Paulo: 11. Editora Cengage Learning, 2008

REFERÊNCIAS:

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução nº 001, de 23 de janeiro de 1986, publicado no D. O. U. de 17.2.86. <www.mma.gov.br/portal/conama/res/res/86/res0186.html> Acesso em 16. Dez 2010.

Kraemer, M. E. P. Gestão ambiental: um enfoque no desenvolvimento sustentável. Disponível em : <<http://www.ecoterraBrasil.com.br/home/index.php?pg=temas&tipo=tema&cod=22>>. Acesso em 16 dez. 2010.

MEYER, M. M. Gestão ambiental no setor mineral: um estudo de caso. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. In Kraemer, M. E. P. Gestão ambiental: um enfoque no desenvolvimento sustentável. Disponível em : <<http://www.ecoterraBrasil.com.br/home/index.php?pg=temas&tipo=tema&cod=325>>. Acesso em 16 dez. 2010.

<http://www.ona-brasil.org.br/sistema_ona.php> Acesso em 16 dez. 2010.

<http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/> Acesso em 16 dez. 2010.

questão de educ...

Desenvolvimento e preservação: como conciliar

Desenvolvimento e preservação ambiental como concili...

Desenvolvimento e preservação ambiental como concili...

TURISMO RURAL EM SERGIPE

<!--[if gte mso 9]>
Normal 0 21 ...

<!--[if gte mso 9]>
Normal 0 21 ...

Ecoturismo e Sustentabilidade

6. Partanal

5. Fampa

4. Cerrado

3. Caatinga

2. Mata Atlântica

1. Floresta Amazônica

A importância dos biomas brasileiros

Afinal, o que é sustentabilidade?

SUSTENTABILIDADE X ECONOMIA

DESENVOLVIMENTO X PRESERVAÇÃO

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Desenvolvimento Sustentável; Crescendo consciente...

desenvolvimento e preservação, continuação de prim...

SUCCESSÕES ECOLÓGICAS As sucessões ecológica...

► Novembro (27)

► Outubro (2)

Colaboradores

raquel

Fabio Berto

Nara

Edl

Heleno

anneere campos

JAIR CAMPOS

Marta Reis

sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Desenvolvimento e preservação: como conciliar

Nos anos 70 o meio ambiente enfrentava uma imensa onda de devastação provocada pela crescente procura da sociedade por ambientes naturais em busca de lazer e interação com a natureza, consequentemente o setor econômico vislumbrou um vasto campo para grandes empreendimentos turísticos e comerciais. Diante de tal fato, movimentos ambientalistas se fortaleceram e iniciaram um processo de despertar da sociedade para o uso indevido e irresponsável dos recursos naturais acionando uma reflexão sobre a relação do homem e a natureza como afirma Kinker, Sonia 2002 "Nos anos 70, com o fortalecimento dos movimentos ambientalistas que alertavam para o mau uso dos recursos naturais a relação entre o homem e o meio ambiente começou a ser repensada" Esses movimentos alavacaram uma reavaliação do significado de desenvolvimento que até então focalizava os aspectos econômicos como prioridade, desmerecendo a importância do equilíbrio ecossistêmico para a preservação da vida Wall1997 afirma "Em nível mundial, o significado de desenvolvimento evoluiu de crescimento econômico para uma definição mais ampla, que inclui também os aspectos social e ambiental. Sua medida incorpora indicadores de pobreza, desemprego e desigualdades sociais."

O relatório recém publicado do PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – conhecido como GEO-3 (Panorama Ambiental Global), foi preparado para facilitar o balanço da saúde ambiental do planeta e estimular os debates sobre os rumos da política ambiental nos próximos anos, visando evitar desastres ambientais e seus severos impactos sobre as populações indefesas. O Relatório aponta para os principais problemas que estão afligindo a humanidade:

§ A concentração de gás carbônico na atmosfera é um dos fatores que provoca o efeito estufa, o consumo crescente de combustíveis fósseis, a produção de cimento e a combustão de biomassas, nos últimos anos, causou a extensão dos danos à camada de ozônio que alcançou um nível alarmante, estimando-se o "buraco" no ano 2000, de 28 milhões de km² somente na região antártica;

§ A crescente escassez de água potável: o desenvolvimento industrial e a expansão da agricultura irrigada verifica-se uma oferta limitada de água potável distribuída de forma muito desigual. O Relatório do PNUMA estima que 40% da população mundial sofre de escassez de água, já a partir da década dos 90.;

§ A degradação dos solos por erosão, salinização e o avanço contínuo da agricultura irrigada em grande escala e os desmatamentos, remoção da vegetação natural, uso de máquinas pesadas, monoculturas e sistemas de irrigação inadequados, além de regimes de propriedade arcaicos, contribuem para a escassez de terras e ameaçam a segurança alimentar da população mundial;

§ A poluição dos rios, lagos, zonas costeiras e baías tem causado degradação ambiental contínua por despejo de volumes crescentes de depósitos de resíduos e dejetos industriais e orgânicos.

§ Desmatamentos contínuos – o Relatório do PNUMA estima uma perda total de florestas, durante os anos 90, de 94.000km², ou seja, uma média de 15.000km² anualmente, já abatendo as áreas reflorestadas. Emblemático a respeito é a devastação da Mata Atlântica da qual sobraram somente 7%, segundo levantamento patrocinado pela SOS Mata Atlântica. Uma das consequências do desmatamento é a destruição da biodiversidade, particularmente nas áreas tropicais.

Diante dos impactos acima relatados é notória a falta de responsabilidade e compromisso da sociedade mundial com o meio ambiente, usufruindo dos recursos naturais de forma abusiva em prol de um desenvolvimento econômico que tem enriquecido os grandes empreendedores e mantido os índices de desemprego mais baixos, porém os recursos vitais como, água, oxigênio, alimentação vegetal e animal, sem esquecer da estabilidade climática que ocupa lugar relevante no equilíbrio dos ecossistemas favorecendo a preservação da vida na terra tem sido posto em último plano. Essa realidade tem despertado nos ambientalistas, profissionais do turismo, principalmente os do segmento ecoturístico, amantes da natureza e todo corpo acadêmico envolvido com os problemas ambientais, o interesse por estudos concernentes a um desenvolvimento menos impactante o chamado sustentável na tentativa de conciliar o crescimento econômico com a preservação e conservação do meio ambiente. "Sustentabilidade representa promover a exploração de áreas ou o uso de recursos planetários (naturais ou não) de forma a prejudicar o menos possível o equilíbrio entre o meio ambiente e as comunidades humanas e toda a biosfera que dele dependem para existir. ABREU(2008) pontos elementares da sustentabilidade visam à própria sobrevivência no planeta, tanto no presente quanto no futuro. O desenvolvimento sustentável é fundamentado na utilização de fontes energéticas que sejam renováveis, em detrimento das não renováveis como por exemplo os investimentos que vem sendo adotados no Brasil com relação ao biocombustível, que por

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) Mais...



Já é um membro? [Faça login](#)

Arquivo do blog

► 2011 (1)

▼ 2010 (72)

▼ Dezembro (43)

postagens

Turismo sustentável

POLUIÇÃO DA ÁGUA

Desenvolvimento Ambiental e suas implicações para ...

A importância dos biomas brasileiros (Referências ...

ECOTURISMO: COMO AS ORGANIZAÇÕES LIDAM COM O SEU ...

9. Manguezal

7 - 8 Mata de Araucária e Mata dos Cocais

Quando a Vítima é Você!

Verde capim

Paródia sobre o meio ambiente, música de base: men...

Copa do Mundo 2014

Turismo Rural

Ecossistema manguezal

POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO TURISMO

Desenvolvimento sustentável

TURISMO SUSTENTÁVEL

Meio Ambiente

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

preservação ambiental

Azulejaria Portuguesa de Estância: Beleza e degrad...

Desenvolvimento e preservação, uma

mais que não tenha minina autonomia para substituir o petróleo, ao menos visa reduzir seus usos, considerando sempre a importância do uso moderado de toda e qualquer fonte renovável, nunca extrapolando o que ela pode render. Em um quadro mais geral, pode-se fundamentar a sustentabilidade ambiental como um meio de amenizar (a curto e longo prazo simultaneamente) os danos provocados no passado. A indústria também pode abraçar a preservação adotando fontes de energia limpas, aproveitamento do gás liberado em aterros sanitários, dando energia para populações que habitam proximamente a esses locais, extração cem por cento renováveis de seus produtos como ocorre em algumas empresas brasileiras de cosméticos e o replantio de áreas degradadas, assim como a elaboração de projetos que visem áreas áridas e com acentuada urgência de tratamento. Enfim, é possível o setor econômico mundial desenvolver-se conciliando seus interesses com a preservação ambiental e social reconhecendo a vitalidade dos recursos naturais e suas limitações, alicerçando-se num planejamento que não vise somente a maximização dos lucros mas também a responsabilidade socioambiental.

Referências bibliográficas

SWANSON, M.A. (1992). Ecoturismo: embracing the new environmental paradigm. s.1/sn. Apud KINKER, S. Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais. Campinas: Papirus, 2005. ed.2. p.16

WALL, G. (1997) Is ecoturismo sustentable?. Environmental Management, n.4, v.21, p. 483-421. Apud. Ecoturismo: embracing the new environmental paradigm. s.1/sn. Apud. KINKER, S. Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais. Campinas: Papirus, 2005. ed.2. p.16

IUCN/PNUMA/WWF (1991). Estratégia mundial para a conservação. São Paulo: Cesp. Apud. KINKER, S. Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais. Campinas: Papirus, 2005. ed.2. p.16

<http://www.atitudessustentaveis.com.br>

ABREU, C. Disponível em <www.espacoacademico.com.br/014/14craattner.htm> acesso 26/11/10

Publicar um comentário

0 comentários:

Postar um comentário

questão de educ...

Desenvolvimento e preservação: como conciliar

Desenvolvimento e preservação ambiental como concil...

Desenvolvimento e preservação ambiental: como concil...

TURISMO RURAL EM SERGIPE

<!--[if gte mso 9]>

Normal 0 21 ...

<!--[if gte mso 9]>

Normal 0 21 ...

Ecoturismo e Sustentabilidade

6. Pantanal

5. Pampa

4. Cerrado

3. Caatinga

2. Mata Atlântica

1. Floresta Amazônica

A importância dos biomas brasileiros

Afinal, o que é sustentabilidade?

SUSTENTABILIDADE X ECONOMIA

DESENVOLVIMENTO X PRESERVAÇÃO

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Desenvolvimento Sustentável: Crescendo consciente...

desenvolvimento e preservação, continuação de prim...

SUCCESSÕES ECOLÓGICAS As sucessões ecológica...

► Novembro (27)

► Outubro (2)

Colaboradores

Nise Gomes

Drica Leite

João Cláudio

Ed!

Heleno

JAIR CAMPOS

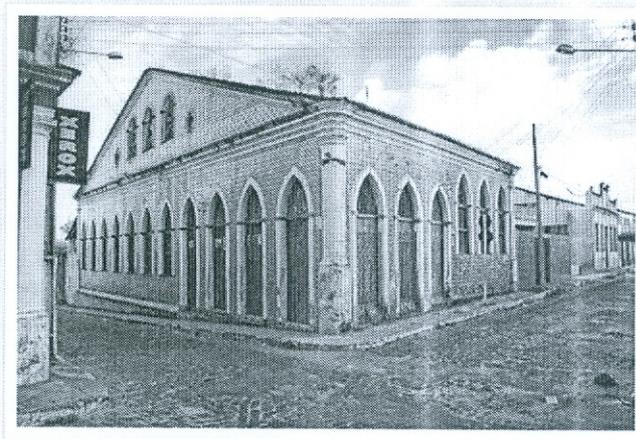
Nara

tania

sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Azulejaria Portuguesa de Estância: Beleza e degradação

Este blog tem proporcionado aos seus seguidores preciosas informações sobre nosso patrimônio natural, a postagem de hoje fará uma abordagem sobre os Azulejos Portugueses de Estância, rica herança do patrimônio material sergipano.



A Arte azulejar está presente em diversas regiões brasileiras representando um período áureo, onde o poder em muitos casos era demonstrado através da construção de imponentes casarões e sobrados, muitos se destacando pelas suas fachadas revestidas com azulejos portugueses, que além da beleza estética proporciona proteção e um clima mais ameno no interior das construções. Conseqüentemente o Brasil conta hoje com um rico acervo de azulejos que proporciona um tom clássico e colorido configurando-se em verdadeiras obras de arte expostas ao ar livre, sendo contempladas pela população local e turistas que transitam diariamente pelas diversas cidades históricas espalhadas pelo País. Os azulejos foram aplicados nas fachadas de caprichados projetos arquitetônicos como casarões e sobrados estancianos inspirados nos estilos neoclássico, eclético e gótico. Muitas destas construções tinham dupla função, pois além de funcionar como casa comercial no térreo, tinha no pavimento superior a moradia do comerciante e sua família. As imponentes fachadas azulejadas simbolizavam a riqueza material da fidalga sociedade estanciana, mas sua função mais nobre foi inspirar os diversos artistas, escritores e intelectuais como José de "Dome", Gilberto Amado e Gumerindo Bessa, que caracterizam Estância como "a cidade berço" da Cultura sergipana, com sua beleza clássica e colorida, os azulejos refletem um momento de riqueza econômica e cultural da história estanciana. Estância possui um rico acervo de azulejos, porém, encontra-se em precário estado de conservação, esta degradação não se deve apenas à ação do tempo, deve-se também à ação humana que por ignorância e em muitos casos falta de respeito perante um patrimônio histórico degradam o bem. Logo, é necessário com urgência ações de restauração, além da promoção de educação patrimonial para conscientizar a população e proprietários dos bens da necessidade de conservação, além de promover atividades que visem à valorização do patrimônio histórico que herdaram e passarão para as futuras gerações.

Postado por [Nestor Cruz de Azevedo](#)

0 comentários:

[Postar um comentário](#)

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais >](#)



Já é um membro? [Fazer login](#)

Arquivo do blog

► 2011 (1)

▼ 2010 (72)

▼ Dezembro (43)

postagens

Turismo sustentável

POLUIÇÃO DA ÁGUA

Desenvolvimento
Ambiental e suas
implicações para

A importância dos
biomas brasileiros
(Referências ...

ECOTURISMO: COM
AS ORGANIZAÇ
LIDAM COM O S

...

9. Manguezal

7 - 8 Mata de Araucária
e Mata dos Cocais

Quando a Vítima é V

Verde capim

Paródia sobre o mel
ambiente, música
base: men...

Copa do Mundo 201

Turismo Rural

Ecosistema mangue

POLÍTICAS PÚBLIC
APLICADAS AO
TURISMO

Desenvolvimento
sustentável

TURISMO
SUSTENTÁVEL

Meio Ambiente

DESENVOLVIMENT
SUSTENTAVEL

preservação ambien

sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Desenvolvimento e preservação, uma questão de educação

Vivemos em um mundo onde o consumismo está acima de tudo, e para onde vai o passivo desse consumo? A palavra chave para responder a essa questão é a conscientização, expressão que deveria ser ensinada a partir dos primeiros anos escolares, uma política de educação ambiental seria a forma mais correta para que venhamos a ter adultos com uma visão mais preservacionista e conservacionista com relação aos recursos naturais cada vez mais escassos, por conta da indiferença de governos, empresários e dos próprios consumidores, onde todos são responsáveis pela atual situação que o Planeta se encontra. Tudo que o ser humano produz e posteriormente consome vai parar no meio ambiente, com isso grandes impactos ambientais estão ocorrendo, como por exemplo: mudanças climáticas e desastres ambientais que são resultados desse passivo não administrado por seus maiores responsáveis, ou seja, o homem; onde o lucro está em primeiro lugar e o "desenvolvimento sustentável", apenas um clichê para vender produtos ou porque está na moda.

Os ecossistemas existentes na natureza são importantíssimos para manter a vida na Terra; seja na produção de oxigênio por parte das algas marinhas existentes nos ecossistemas marinhos ou na preservação e conservação da megadiversidade presente nos diferentes biomas terrestres, onde a emissão de poluentes, o avanço da urbanização, desmatamentos, acidentes ambientais, o turismo de massa, entre outros, são fatores indiscutivelmente negativos, resultado da ação predatória do homem na natureza.

Sendo assim para mudarmos essa situação devemos conscientizar-nos sobre a grande importância da questão ambiental, e para que isso aconteça; governos, empresários, ONGs, associações de classe e a população em geral, devem unir-se para a construção de um projeto que venha a resolver esses problemas que assolam o Planeta e acabam por comprometer o futuro da existência humana, e assim mudarmos esse curso negativo da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/>. Acessado em: 16 de dez. de 2010.

WWF - BRASIL. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/>. Acessado em: 16 de dez. 2010.

Postado por Fábio Dantas às 09:00

Marcadores: [Conscientização](#).

0 comentários:

Postar um comentário

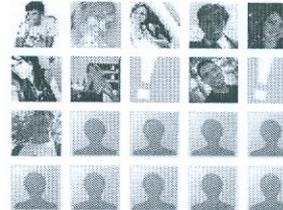
Comentar como:

Seguidores

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (21) [Mais >](#)



Já é um membro? [Faça Login](#)

Arquivo do blog

- ▶ 2011 (1)
- ▼ 2010 (72)
 - ▼ Dezembro (43)
 - [postagens](#)
 - [Turismo sustentável](#)
 - [POLUIÇÃO DA ÁGUA](#)
 - [Desenvolvimento Ambiental e suas implicações para ...](#)
 - [A importância dos biomas brasileiros \(Referências ...](#)
 - [ECOTURISMO: COMO AS ORGANIZAÇÕES LIDAM COM O SEU ...](#)
 - [9. Manguezal](#)
 - [7 - 8 Mata de Araucária e Mata dos Cocais](#)
 - [Quando a Vítima é Você!](#)
 - [Verde capim](#)
 - [Paródia sobre o meio ambiente, música de base: men...](#)
 - [Copa do Mundo 2014](#)
 - [Turismo Rural](#)
 - [Ecossistema manguezal](#)
 - [POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO TURISMO](#)
 - [Desenvolvimento sustentável](#)
 - [TURISMO SUSTENTÁVEL](#)
 - [Meio Ambiente](#)
 - [DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL](#)
 - [preservação ambiental](#)
 - [Azulejaria Portuguesa de Estância: Beleza e degrad...](#)
 - [Desenvolvimento e preservação, uma](#)

Prova de redação ENEM 2007

No ano de 2007 o Exame Nacional do Ensino Médio abordou um tema bem amplo, cujo assunto gira em torno de fatos presentes constantemente em nosso cotidiano: As diferenças. O aluno deveria abordar sobre o desafio de conviver com essas diferenças, podendo se basear em qualquer um dos tipos existentes (como o fator econômico por exemplo). Segue a prova abaixo:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

UNESCO - Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Mil aromas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nem todas, entretanto, conseguem conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando a figura e os textos acima como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema.

O desafio de se conviver com a diferença

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão de língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita a tinta.

TEMA:
NO BRASIL, A DISCRIMINAÇÃO NÃO INVESTE CONTRA GRUPOS RACIAIS, MAS
CONTRA SEGMENTOS SOCIAIS ECONOMICAMENTE FRACOS.

TEXTO 1

Brasil: discriminação social ou racial?

Na mesma semana em que morreu Ayrton Senna, morreu atropelada no Rio, mais precisamente na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, uma empregada doméstica chamada Rosilene. Durante uma hora os carros passaram por cima de seu corpo, a ponto de só ser reconhecida através das impressões digitais que restaram. O Brasil inteiro chorou a morte de Senna, mas poucos souberam do fim trágico de Rosilene.

Este é bem um retrato do país que habitamos. Somos cada dia mais dois Brasis. Um dos ricos e famosos, que faz uma nação inteira chorar ou pelo menos se interessar pelo caso. Outro, o dos miseráveis, cujas vidas não interessam a ninguém.

Dividido socialmente em dois, o país também tem suas emoções divididas. Dificilmente alguém se comove com as muitas tragédias diárias que acontecem com os pobres. São apenas mais um número nas estatísticas de mortos e feridos na guerra social que o próprio Brasil deflagrou através de seus vários governos irresponsáveis.

O “apartheid” social é uma verdade de que não podemos fugir. É muito mais ostensivo que a discriminação racial. Desde que o indivíduo tenha alcançado uma posição social e fama, pouco nos importa a raça. Nele a nação se reconhece, enquanto o outro, o que ficou à margem, sempre é tido como um estorvo de que temos de escapar.

O ponto a que chegamos mostra que o país não pode mais continuar convivendo com essa cisão. Vivemos um momento em que o Brasil dos ricos sente-se ameaçado pelo dos pobres, e o pior, sem nenhuma solução à vista. Movimentos da sociedade civil já esboçam alguma reação. Mas sem a contrapartida de políticas governamentais voltadas verdadeiramente para o social, nada de concreto acontecerá. Salvo a propagação do clima de guerra que já se instaurou nas grandes cidades como o Rio e São Paulo.

Antônio Carlos Viana

TEXTO 2

Uma cultura mestiça?

“Todo brasileiro é mestiço. Se não no sangue, nas idéias.” A observação é de Sílvio Romero, e foi feita há cerca de um século.

De fato, o material de que se alimenta a vida espiritual de todos os brasileiros provém de fontes étnicas muito diversas e muito misturadas. Tradições culturais européias se cruzam com raízes africanas e matrizes indígenas, antes de receberem influência asiática, sobretudo através da imigração japonesa.

A riqueza (a universalidade) de uma cultura nacional depende de muitos fatores. E depende, decisivamente, de sua capacidade de saber assimilar a diversidade das experiências humanas que lhes chegam, através dos mais distintos caminhos.

A vida cultural dos brasileiros, então, dispõe de possibilidades privilegiadas. O cidadão que se assume como espiritualmente como mestiço pode incorporar elementos de origens diferentes à sua compreensão da realidade; nele, as qualidades da sensibilidade, da intuição, da percepção, do talento improvisador e da criatividade podem ser complementos às qualidades de racionalização, disciplina intelectual, rigor científico e competência organizativa (sem se excluírem mutuamente umas às outras). Na nossa História, contudo, essa incorporação da diversidade ficou muito prejudicada. A política cultural imposta pelos “de cima” acarretou uma verdadeira devastação nas expressões culturais dos “de baixo”. O colonizador massacrou o colonizado. As razões dos brancos foram levadas aos índios e aos negros menos através da persuasão do que por meio do dinheiro e das armas de fogo.

A extraordinária riqueza das culturas indígenas, que vinham se sedimentando e amadurecendo ao longo de muitos séculos, foi dizimada. De quatro ou cinco milhões que eram, os indígenas ficaram reduzidos, hoje, a menos de 200 mil. Só nas primeiras seis décadas do nosso século se extinguíram mais de 80 povos. Segundo cálculos de alguns pesquisadores, é possível que 90% das línguas e dialetos falados pelos indígenas tenham desaparecido sem deixar traço. Levando em conta quantas experiências humanas acumuladas são necessárias para forjar um idioma, podemos ter idéia de como foi grave a perda para o nosso esforço no sentido de nos conhecermos melhor.

Na política cultural adotada em relação aos escravos trazidos da África, a repressão não foi menos violenta. Os negros só conseguiram sobreviver pagando um preço elevadíssimo em sofrimento e resistências multiformes. Houve escravos que se suicidavam, mulheres que preferiram abortar a pôr no mundo filhos cativos. Houve sabotagem no trabalho e houve revolta. De qualquer maneira, entretanto, era extremamente difícil aos representantes das numerosas nações sudanesas e bantos preservarem e transmitirem suas respectivas culturas.

A intolerância etnocêntrica dos brancos, detentores do poder e da riqueza, mutilou e empurrou para a clandestinidade as sabedorias densas e diferentes dos iorubas, dos gegees, dos hauçás, dos angolas e dos cabindas. Cada uma dessas culturas tinha revelações importantes a nos fazer, mas suas vozes foram abafadas; as identidades daqueles que as encarnavam foram negadas.

Hoje, estimulados pelos avanços da antropologia, os sobreviventes das culturas oprimidas e sufocadas estão lutando pelo resgate dos valores espezinhadados; estão empenhados em criar condições democráticas para que fontes proibidas voltem a jorrar com toda a força que originalmente tiveram.

Nessa hora, a velha tese de Sílvio Romero precisa ser reexaminada: a mestiçagem anímica do brasileiro, de fato, não se realizou num nível suficientemente profundo, porque os parceiros da sua realização estavam postos em condições históricas muito desiguais.

Para que o mestiçamento não seja uma máscara usada em nome de uma unidade cultural imposta, é preciso que todas as diferenças sejam legitimadas, que todas as identidades possam ser efetivamente assumidas e que todas as experiências culturais particulares sejam concretamente respeitadas.

Quando isso acontecer, então, sim, poderemos começar a aprender a ser, orgulhosamente, mestiços em nossas almas.

Leandro Konder, *O Globo*, 11 out. 1992.

VERSÃO AMARELA



PROPOSTA DE REDAÇÃO

Ninguém = Ninguém

Engenheiros do Hawaii

há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente sinta
(se é que sente) a mesma indiferença
há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(descaradamente) a mesma mentira
todos iguais, todos iguais
mas uns mais iguais que os outros

Uns Iguais Aos Outros

Titãs

Os homens são todos iguais
(...)
Branços, pretos e orientais
Todos são filhos de Deus
(...)
Kaiowas contra xavantes
Arabes, turcos e iraquianos
São iguais os seres humanos
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros
Americanos contra latinos
Ja nascem mortos os nordestinos
Os retrantes e os jagunços
O sertão é do tamanho do mundo
Dessa vida nada se leva
Nesse mundo se ajoelha e se reza
Não importa que lingua se fala
Aquilo que une é o que separa
Não julgue pra não ser julgado
(...)
Tanto faz a cor que se herda
(...)
Todos os homens são iguais
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros